

afonso o conquistador
maria helena ventura



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Para o Luís Corte Real
O maior admirador da força libertadora do nosso primeiro rei

LOCAIS
~da~
NARRATIVA



Eu sou apenas o que começa o cortejo
...
A minha pátria é entre o Dia e o Sonho
—Rainer Maria Rilke





embora! não corteis os laços que nos unem
—Al-Judhamí

Já rompe a madrugada entre choupos e várzeas quando Afonso Henriques cruza a ponte em Celas Velha, Santa Clara. Da coluna dos cavaleiros de Coimbra, agora fragmentada, resta um grupo formado pelo alferes, por meia dúzia de vilãos, por quatro barões do norte e por um templário de semblante fechado, o único que não comenta o plano operacional da terceira invasão da Galiza nem a recuperação de Límia e Toronho.

D. Paio Mendes, arcebispo de Braga e chanceler do condado, acorda no andar superior da casa na alcáçova mal ouve o barulho difuso para lá da outra margem do rio. Soa-lhe agora mais rijo o tropel dos cavalos à entrada da porta ocidental da medina, o ruído de gonzos enferrujados a varar a noite. Estão bem perto, no novelo das velas escuras, tão claras já se distinguem as vozes embrulhadas numa alegria que só pode configurar a vitória das hostes portuguesas.

O arcebispo tem-se detido mais tempo em Coimbra ocupado com as obras do mosteiro de Santa Cruz. Com o sono comprometido para o resto da noite percebeu há pouco as despedidas dos vilãos ao frade e aos senhores do norte que vão ficar hospedados na moradia. Percebe agora a entrada do futuro rei e seus homens no pátio da alcáçova. Coça a cabeça, hesitante. É urgente informar Afonso Henriques da inesperada chegada do legado do papa, ontem de manhã, e da súbita partida há pouco mais de uma hora, mas quem garante que é o momento oportuno para interromper os guerreiros a um passo do descanso?

Desce devagar as escadas iluminadas a meio por uma tocha quase extinta. Tropeça no último degrau, distraído. Confundido com a penumbra desliza pelo corredor até alcançar a porta da sala de armas. Arrisca agora duas vezes meio corpo no umbral, ainda indeciso. Lá dentro há pouca luz. Preso no ângulo formado por duas paredes, só um facho acentua os contornos das figuras humanas em fantasmas a dançarem pelo chão. As candeias estão apagadas, de torcida mirrada à espera do abastecimento de azeite e nem os dois círios acesos há umas horas ajudam muito, morrem devagar, derramando bolhas de cera dentro de tímidas rodélas de luz, sobre a mesa de dez palmos.

Afonso está quase despido, já estirado no escabelo. Consola-o a brandura da serva a limpar-lhe o suor do rosto com uma das mãos, enquanto lhe vai chegando o vinho com a outra. Diante dele o alferes Fernando Peres, o *Cativo*, pousa o seu vaso esvaziado na mesa, respira, continua o relato de façanhas recentes no meio da agitação de cotas de malha e espadas a tombar. Já devia estar em casa há muito tempo.

D. Paio estremece quando o criado mouro mais velho roça silencioso o seu corpo. Leva panos brancos de linho num prato fundo de barro e um gomil com água da cisterna do pátio. Na sala ajoelha aos pés do príncipe, desaperta-lhe as fivelas dos sapatos para sacudir a poeira acumulada. Depois estende-lhe panos molhados, torcidos, que ele passa pelas próprias feridas. Agora com as mãos livres o servo cuida-lhe dos pés cheios de bolhas. Lava, seca, massaja em movimentos circulares precisos e delicados, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida. Só interrompe a uma ordem do seu amo

Traz-me de beber

O mouro roda até alcançar a arca maior onde está pousado o jarro de vinho substituído há pouco pela serva

Água... é de água que preciso agora

Do seu esconderijo o chanceler ainda espreita. Se aparece e conta o que sabe por força há-de prolongar a vigília a todos eles, tão carecidos de descanso. Se volta para a cama e deixa para amanhã, arrisca-se a colocar um cisco na amizade que o tem unido ao futuro rei. Temperamental como é, vai censurá-lo por não ter falado mais cedo.

O acaso decide por ele. Quanto volta a inclinar-se para a semiobscuridade da sala, Afonso pressente no vulto esquivo do lado de lá do umbral alguma novidade inadiável. E nem precisa levantar os olhos dos golpes quase cicatrizados dos braços e das pernas, para tirar Paio Mendes da escuridão, interrompendo os relatos

Aparece de uma vez. Estavas aí parado e não dizias nada?

Levantei-me agora mesmo com espertina

Com espertina, tu?

Sim, por causa de um assunto que te vai enfadar...

Que assunto tão sério te arranca do leito, a ti que tanto gostas de dormir?

O legado do papa saiu há pouco daqui

Estava assim com tanta pressa para não esperar pela manhã?

Não sei se te conte pormenores, a pressa vem-lhe daí

É coisa que me diga respeito ou não é da minha conta?

É sempre da tua conta, claro, mas ninguém estava à espera do que vinha fazer

E o que vinha fazer, afinal?

Nem sei por onde hei-de começar

Hum...Já me cheira a coisa ruim. Que tal lewares tudo a eito?

Diz tu primeiro como foi na Galiza, quantas baixas

Nessa altura adianta-se Gonçalo Mendes de Sousa, o *Sousão* como os amigos lhe chamam, braço direito de Afonso Henriques, um dos companheiros mais respeitados da cúria. Desde que a mordomia passou para o antigo aio do príncipe, Egas Moniz, nunca mais deixou de emitir um parecer em todos os assuntos da chancelaria. Chega a substituí-lo quando, distraído pelos domínios em Riba Douro, Egas demora a chegar a Coimbra

Correu bem, Paio, apesar de perdermos alguns. Tão bem que começamos a construção do castelo de Celmes e designámos a guarnição

Frei Raimundo é um varão corpulento de aspecto carrancudo. Até agora em silêncio no canto mais escuro da sala, acerca-se da luz dos círios para repor uma verdade no seu entender, urgente

D. Afonso afugentou Fernão Peres e o conde de Sarria, e depois ainda fez prisioneiro D. Rodrigo Veilaz. Mas o leonês voltou de Navarra à Galiza e exigiu retractação

Afonso incomoda-se com o rigor do templário

Dais uma no cravo outra na ferradura, frade. Já agora dissei o que se passou em Tui, pronto

Perdão, senhor, mas estamos a falar com D. Paio Mendes. Tinha de esclarecer o chanceler

Vossos esclarecimentos, esse costume da verdade nua e crua. Ouviste, Paio? Jurei fidelidade a meu primo Afonso Raimundes, está dito

O frade quase se desculpa em tom humilde, pouco condizente com a expressão altiva

Não faça por mal, senhor. E até considero vossa cedência muito sábia. Se precisais atender aos sarracenos que investem nas terras do Zêzere, só podéis fazer concessões a vosso primo. Não estais de acordo, D. Paio?

Claro que estou. Apesar de tudo são boas novas, assim fossem as de cá

Afonso impacienta-se ainda mais com o arcebispo, pouco decidido a falar. Atravessou meio vitorioso o condado, incrementou o desejoso de repouso no seu leito e acaba sufocado pela expectativa de um desastre doméstico?

Estou à espera que te resolvas, Paio

Está bem, pronto. Parece que voltaram a comentar em Roma a ordenação do bispo moçárabe Martim Suleima, feita por ti, e a história da prisão de tua mãe

Ainda esse assunto? E vai daí...

Daí falar-se também da antiga excomunhão diante do novo papa que quis reforçar a sentença anterior enviando o cardeal

Afonso levanta-se, transtornado pela ousadia, gesticulando diante do facho aceso. Maiores do que ele só as sombras que no chão duplicam uma ameaça explícita na voz

Excomungar-me outra vez, depois de tanto tempo? E que desculpa dá o cardeal para fazer uma coisa dessas sem a minha presença?

Nenhuma, mistérios inexplicáveis da Igreja e dos legados do papa

Mistérios? Eu lhe darei os mistérios. Não deve ter a consciência limpa, para partir tão à pressa

E carregado. Não sei como os bispos das outras dioceses souberam, certo é que chegaram aqui todos ontem e encheram-no de ouro e prata. Até Pedro Rabaldes

Por onde foi esse legado de nenhuma fé?

Pela estrada da Beira, ao que disseram

Vou-me a ele e corto-lhe o pescoço

Em vão D. Paio e frei Raimundo tentam impedi-lo de cometer a loucura, essa sim, passível de excomunhão. Mas Afonso não quer desistir. Seguido apenas pelo colérico Fernando Mendes, o *Bravo* para uns, o *Bragança* para outros, e pela montada serena de Gonçalo, castiga o cavalo sem sela a caminho de Poiares no encalço do clérigo e do sobrinho menor. Egas ainda lhe grita que vai quase nu e descalço, mas ele torna que leva a espada, o bastante para sentir-se vestido. Quando avista a figura bamba do legado, grita-lhe de longe com voz cortês para não denunciar a raiva que o toma

Esperai dom cardeal, não viestes para ver Afonso Henriques?

Claro senhor, mas tenho urgência em partir e como não éreis presente

Pois sou agora. Que viestes trazer-me de Roma, alguma coisa que não tendo nós, estamos a precisar?

Bem, eu queria dizer-vos... melhor, ensinar-vos como procede um cristão com fé

De certeza que não preciseis vós de ensinamento, dom cardeal?

Não, claro. Sobre fé são os clérigos que ensinam a mando do nosso papa, senhor D. Afonso.

Pois digo-vos eu que muito sangue de meus homens tem sido derramado em nome da fé que prega Roma. E é em nome da fé que minha espada tem cortado centenas de cabeças sem ser preciso o papa mandar. Quereis vós ser testemunha?

Nesta altura desembainha a espada a crescer para o legado, já o alferes e Paio Mendes se apeiam com receio do pior. Egas Moniz e o filho Lourenço Viegas, o *Espadeiro*, conseguem alcançá-los a tempo de pedir ao príncipe que mantenha a calma e volte a embainhar a espada. Em terra sua melhores argumentos terá para resolver a questão.

Seguem-se minutos tensos. Com o sobrinho mais à frente a segurar

os animais, o cardeal está agora diante de Afonso Henriques. A inquietação não lhe tolda a noção do apuro em que se meteu, com atenções repartidas entre a figura grande do futuro rei e a imagem mental de uma desgraça pronta a desembocar no seu corpo. Mais ainda quando é confrontado por ele a um palmo do nariz

Então não sabeis dizer-me ao certo em que consiste vossa missão, senhor dom cardeal. E aquelas mulas carregadas?

Tributo do condado a Roma, senhor. Provas de minha luta pela conversão das almas

Luta? Bela luta a vossa. Encher o bandulho, carregar os alforjes e dar aos cascos pela calada da noite como um ladrão. Se é essa a vossa luta vede

E despindo o resto do fato

Esta é a nossa fé, o nosso empenho por ela e pelas carências do povo. Cumprimos com escrupulo os preceitos dos livros e honramo-los com acções, para exemplo dos vindouros. Cada parcela de terra, cada moeda de ouro, cada vaso de prata, custam-nos estas cicatrizes pelo corpo todo. Agora mostrai as vossas, vamos

Despe então o cardeal, testemunha de uma crença pouco espevitada que esmorece ainda mais à custa de um pavor nunca sentido

Dá para ver que tendes as carnes mais lisas que a peideira de um infante e que tremeis mais que varas verdes das almargens. Fora daqui. A prata e o ouro ficam, que muito carecem de ambos o condado e sua gente. E o varão fica também

Mas é meu sobrinho menor, senhor, filho de uma irmã minha

Já disse que fica, como fiança de vossa promessa de que não ides falar mal de Afonso Henriques nem jamais tereis porque excomungá-lo a ele e seus descendentes

Não posso partir sem meu sobrinho, não posso

Vereis que sim, vo-lo dirá minha espada. Se o que mando se souber aqui em alguns meses o rapaz vos será entregue são e salvo. Entretanto dizei por lá que em terras de Portucale e Coimbra sempre se fará como manda Afonso Henriques.



*como o ferro com o ferro se aguça,
assim o homem afia o rosto do seu amigo*
—Provérbios de Salomão

Depois da quarta invasão da Galiza e paz de Tui, aproxima-se outro Natal. Afonso decide celebrá-lo na honra paçã do aio em Paço de Sousa, entre a família que o acolheu quando era recém-nascido e companheiros da infância. Mal passem as festas será preciso entregar novos forais, reforçar os privilégios dos antigos, confirmar a administração concertada entre nobreza rural e poder eclesiástico, intimamente ligados entre si e a ele mesmo, numa pirâmide de interesses.

Não é costume dispensar muito tempo à Igreja, mas na véspera do nascimento de Jesus é diferente. Assiste lá mesmo à missa no mosteiro do Salvador marcado pelos costumes de Cluny e depois cavalga toda a tarde pelas herdades próximas antes da ceia. Teresa Afonso, segunda mulher de Egas Moniz, está contente com os filhos à volta a repetir os rituais da infância. Entrega a cada um o presente previsível, mas o privilégio das grandes revelações fica para o senhor da casa.

Afonso parece longe. Enredado em lembranças evocadas pelas línguas de fogo da lareira, demora a ouvir a mãe adoptiva chamá-lo carinhosamente

*Afonso, Afonso... vai até à janela, tens a tua meia no peitoril
Tricotaste uma meia de lã para mim, como costumavas fazer?
Uma meia que faz umas seis das antigas
Imagino que faça. E encheste-a de nozes e passas, não me digas
Digo sim. Com uma família tão grande não tenho feito outra coisa se-
não usar o fuso e a roca, tricotar meias de lã, recheá-las a seguir*

Afonso acerca-se da moldura de cantaria, o rude coração mais trémulo quando põe a mão no presente áspero, envolvido por um afecto muito antigo. Nessa altura a voz enfática de Egas Moniz trá-lo de volta

Olha pela janela... mais longe, lá fora, o teu presente está lá fora, vê?

Um cavalo raudão pasta banhado pelo luar chegado prematuramente. Vira-se agora na direcção dos rostos enquadrados pela janela, talvez atraído pelo som de exclamações excitadas de repente vindas da casa grande. Tem um porte majestoso, assim delineado pelos reflexos dourados da noite.

Afonso põe o novelo de frutos secos nas mãos de Teresa com um abraço demorado. Depois, com a emoção de uma criança finalmente feliz com a prenda desejada, corre ao pasto para afagar o animal nervoso. Sob as atenções do aio e da família monta-o com palavras mansas, de rosto colado ao focinho quente do cavalo. Incita agora a marcha afagando-lhe o pelo macio, confundindo o seu corpo grande com o corpo da montada. Dá umas voltas em círculo ali mesmo, antes de saltar a vedação. E já longe do alcance da vista a família ainda escuta por algum tempo o galope cada vez mais longe pelas sendas da noite.

É muito tarde quando do luar em silhuetas nos ângulos da janela, da paz antiga de risos e histórias à volta da mesa, se faz a ceia alegre. Gonçalo Mendes de Sousa também é da casa pela união com Dórdia Viegas, filha do aio. Trouxe o herdeiro do primeiro casamento com Urraca Sanches, sobrinha de Afonso Henriques, e os criados vieram carregados com os melhores produtos das suas herdades de Unhão e Basto. João Peculiar é o novo arcebispo de Braga e chanceler do condado depois da morte de Paio Mendes. Veio acompanhado de alguns parentes, sem esquecer o pé de espinheiro plantado por detrás da Sé para ver se ganha raiz no portal da quintã. Não cabem todos na mesa. Numa sala tão grande cada canto está povoado de vozes.

Na manhã seguinte, ainda todos descansam, Afonso monta o cavalo por largas horas perdido no meio do arvoredado a meditar nas obrigações dos últimos dias. Tem de aproveitar cada minuto, tão cedo não poderá voltar ao norte. Se acomodar ao tempo que resta as tarefas principais, conta ainda deixar intacto um espaço de convívio entre ele e os companheiros, simbólicos pilares do futuro reinado.

O Sol ainda não aqueceu e já gotas de suor na fronte dificultam a visão. Meia dúzia de infanções a cavalo acompanham o futuro rei, alguns já com lebres e coelhos pendurados ao cinto, do lado de cá da massa densa de verdura, em paisagens mais agrestes dominadas por rochas esculpidas contra arbustos rasteiros e claridade.

Os monteiros experientes afundam-se num descanso à sombra, depois de horas a cavalo desde madrugada. Afonso consente. Não são precisos para levantar a caça miúda. Do outro lado sim, resistem alguns mata dentro com o grosso dos cavaleiros, pouco comprometidos com a captura, muito excitados com a folgança no intervalo das pelejas. Numa revoada de vento a sacudir a ramagem afugentam a caça grossa com que de manhã bem cedo sonhavam espicaçar os sentidos. Não é difícil ao urso iludi-los. Só alguns veados e muitos javalis em corrida desorientada ficam na mira dos caçadores por instantes. Renovam-se brados, perseguições, gritos de ani-

mais feridos e cavaleiros a espevitarem o brio das linhagens, esquadrinhado um território previamente demarcado por zonas de intervenção.

De repente ouve-se um grito rouco vindo de longe, do centro quase virgem do bosque, um grito repetido do fundo das entranhas de alguém. Afonso estaca a montada no limite do campo onde a floresta começa, entre lebres a evadirem-se das moitas e gravetos a partirem sob as ferraduras da besta. Agora adentra-se na mata, cruza-se com um cabrito montês que inverte o sentido para retomar o lugar nas brenhas. Grita para dentro do mistério da ramagem riscado pelo piar das aves, rasgando ainda mais uma fracção de tempo até então incorrupta

Quem brada que nem um boi capado, Gonçalo Mendes?

O Braganção, como falhou o urso cortou o dedo grande... acreditas?

Animal, bodalhão, mais javardo que os ditos que fogem à nossa frente

E mais alto para ser ouvido pelo próprio

Falhas então o animal e cortas o próprio dedo, hein? Tão certo como anoitecer mais logo não me acompanharás em mais fossados

Fernando Mendes emerge da ramagem sem apreciar a sentença. Colérico, bem regado de vinho logo pela manhã, devolve-lhe o berro com mais força, ainda engelhado de dor

Quero ouvir-te dizer isso quando investires contra os mouros e precisares de toda a gente capaz. Não sabes quanto treinei para acertar nos cães inimigos

Mais cão és tu, que não entendes que sem um dedo nunca mais acertas à distância de meia braça

Queres ver quanto te enganas? Tenho metade do dedo e é quanto basta

O Braganção tenta então provar a rijeza dos varões da família Mendes de Bragança apelando à paciência que não tem, à espera da sorte lhe mandar um animal de maior porte. E a sorte não é avara, empurra um javali adulto para a mira dos cavaleiros em menos de um ai. Nessa altura o *Bravo* faz pontaria. Espera ainda uns segundos, depois ousa o arremesso com um brado gutural de raiva. Mas a seta não obedece, distraída do alvo. Expedida da curvatura do arco como um raio, vai cravar-se num souto enfeitado de ouriços uns palmos para a esquerda da mira.

Por momentos só reina o silêncio repartido pelas cifras dos olhares cruzados até gargalhadas sonoras agitarem a copa dos arbustos. Ferido no seu orgulho de macho o *Braganção* adivinha o desprezo do príncipe, um desprezo repetido na censura ruminada por Lourenço ao ouvido do irmão, Afonso Viegas o *Moço*

Este não espera a morte natural nem o desaire nas pejejas, vai-se mantendo a si mesmo

E agora?

Agora foi-se o prazer da montaria. Afonso Henriques põe fim à caçada com desânimo, preocupado com a mão de Fernando Mendes. Já no regresso procuram o remoinho de água no ribeiro onde desde tempos antigos se refrescam, perto do tufo de medronhos. Vestes para um lado e caça para o lado oposto entram na água, molham-se uns aos outros como varões sem responsabilidades maiores. Continuam as provocações ao *Bravo*, a tentar a custo estancar o sangue com panos retirados do alforge. Menos de uma hora depois Afonso volta a por fim ao divertimento

A caminho do povoado e meus monteiros aqui

Os criados ajeitam as ceiras com as armas no dorso dos animais de carga, já os cavaleiros se vestem ansiosos pela chegada à povoação de choupas rodeadas de tílias. A sede do vinho na taberna de João, irmão da soldadeira Mor Peres, a fome da vianda fumegante, apressam agora o galope nestas terras do concelho de Guimarães recentemente coutadas, dependentes do mosteiro de S. Martinho de Tibães. O patrono foi Paio Guterres da Silva, pai da primeira mulher de Egas Moniz, avô de Lourenço Viegas, protegido do antigo rei de Leão na mesma altura em que o reconheciam como o varão mais importante da região do Cávado.

Já estão sentados à mesa comprida de pinho ainda húmida da barrela fresca, à espera da marrã de fumo e dos nacos de carne ainda a boiar na fervura da panela. Pouco pacientes partem o pão de sêneas, separam côdeas e miolo, cortam o toucinho com mãos sujas impelidas pela gula. Só falta o *Bravo*, avesso aos risos de mofa que lhe dizem respeito. Depois do ribeiro foi atrasando o galope com os brios beliscados e ainda não se avistava quando os outros desmontavam ao pé das estacas sob o colmo, ao lado da taberna.

Antecipam-lhe os maus fígados quando o vêem entrar de sobrolho carregado e molho de tordos à cinta. Ainda envolto num trapo, o dedo pinga gotas espessas de sangue para o chão da loja, apesar do afã com que tenta escondê-lo raspando o sapato na terra. Ninguém repara no pormenor, só Afonso não consegue esconder a repulsa

Que alguém lhe queime o golpe com um tição e lhe ate uma baraça por cima de um pano limpo. Javardo

A esta ordem um servo acerca-se do lume para libertar uma cavaca acesa. Avança pouco, só uns passos na direcção de Fernando antes de se deter a distância prudente, como se lhe auscultasse a permissão. O *Bravo* finge não dar por ele. Já sentado a um canto da mesa come um pedaço de toucinho cru como se nada o incomodasse, nem o unto em redor do queijo. Mas a evidência da profunda dor escorre da baba, do sorriso forçado nos cantos da boca grande donde se evadem, às vezes, grunhidos que não podem ser de satisfação.

Agora nem Afonso consegue fingir a vontade de rir, finalmente repartido por assomos de divertimento e comiseração. Intercala olhadelas divertidas ao rosto de Fernando Mendes e ao dedo a sangrar, antes de alinhar em gargalhadas tanto mais sonoras quanto maior é o esforço para as reprimir. Não pode ignorar a zomba em redor dos comentários de censura ao acto tresloucado do sacrificio de um dedo por falta de pontaria.

O *Bragança* vai azedando. Não perdoa que o exemplo do futuro rei possa encorajar os outros. Quando as gargalhadas aumentam de tom levanta-se de rompante afastando o banco com um pontapé até desequilibrar os homens sentados do mesmo lado. Agora faz ameaças, grita, semeia restos de toucinho mastigado pelo chão. Com um salto alcança a outra mesa junto à porta onde deixaram arcos, cacetes, alforjes, espadas. Brandindo a sua começa por arrancar lascas da parede, depois corta o ar em simulações de ataque aos companheiros, finalmente corre direito ao servo para descarregar sobre ele toda a fúria que o envenena. O homem escapa por um triz, mal conseguindo fugir para trás de Afonso Henriques. Quando percebe que não pode atingir ninguém, o *Bravo* explode então de raiva

Estão a rir de quê? E tu que devias dar melhor exemplo, já te julgas rei? Estás esquecido que meu avô filhou a tua tia, outra bastarda do grande Afonso de Leão e Castela? Ordena-lhes que se calem ou faço o mesmo à tua irmã Teresa, e que se dane Sancho Nunes de Barbosa.

Faz-se um silêncio profundo sem ninguém mexer uma prega do rosto. Do *Bragança* não se espera um quartilho de juízo quando o vinho comanda, mas fazer ameaças de rapto de uma das irmãs do futuro rei? A loja fica mais escura por nuvens de apreensão, Mor Peres e as mulheres do lume a espreitarem no portal da cozinha enquadradas pela cortina de fumo.

Objectos e pessoas ficam parados no tempo. O servo espera, em posição de defesa, com a cavaca em riste agora apagada, os cavaleiros de olhos esbugalhados retêm o momento nas bochechas inchadas do bolo de pão e saliva. Só o *Bragança* fermenta revoltas, engatilha fanfarronices, convencido de proferir um discurso de respeito capaz de assustar alguém.

Alguma das suas palavras surdas deve ter inflamado os ânimos de Afonso. De repente vai sobre ele com o rosto alterado por manchas da cor do vinho, toma-lhe o braço, arrasta-o para fora até ao telheiro dos cavalos. E a sós dá-lhe um aviso surdo que os outros não podem alcançar

Atreve-te a filhar alguém meu, atreve-te. Capo-te para o resto dos dias. A tua barregã há-de ser a primeira a rir-se

Julgas que não sou capaz, que tenho medo de ti? Nem sequer és príncipe, quanto mais rei. Só cagão, mija mansinho

Não continua. Com uma joelhada nas partes baixas fica sem respira-

ção curvado sobre si mesmo. Depois Afonso vira-lhe as costas em silêncio, já o Moço se abeira de Fernando Mendes para lhe mitigar a fúria

Vai para casa Braganção, trata esse dedo que está feio. Já estás a delirar e ainda nem passou uma hora

Vou mas é para Riba Lima, verás se não a tomo ao conde e não a faço ambrar de prazer à luz do luar

Nunca pensas no que pode vir depois, é o teu mal

Penso e muito, já sinto o bastão arreitado de pensar nas tetas dela

E aponta o sexo meio erecto dando-lhe as costas, direito ao cavalo. Com o dedo embrulhado num pedaço do camisão surrado desata o cabrestel da estrebaria, sempre a resmungar apertada a cilha de cabedal na barriga da cavalgadura e, por fim, monta com o rosto transtornado por esgares de dor no meio de um riso medonho.

Afonso Viegas lamenta o companheiro, tão certo dele se meter em apuros como do vômito antes do sono. Corresponde ainda ao aceno da mão ensanguentada quando a corpulenta figura se equilibra no cavalo antes de desaparecer na curva da azinhaga. Depois entra preocupado. Na taberna escura as chufas aumentam de tom com Afonso Henriques a retomar o lugar na mesa. Senta-se defronte dele, ao lado de seu irmão Lourenço agora a puxar conversa com o futuro rei

Afinal sentes-te bem?

Bem de mais, podes descansar

E parece mesmo satisfeito, a caçar o naco de toucinho rosado com a ponta afiada do punhal para cortar nova tira que coloca na fatia de pão mordiscada. Nessa altura já Mor Peres atravessa a distância entre a cozinha e a mesa comprida agitando os quadris, com o prato de barro cheio de carnes fumegantes.

Diogo Gonçalves, casado com a irmã do *Bravo*, Urraca Mendes, é um dos cavaleiros à mesa. Conhecendo bem o ideário selvagem da linhagem dos Braganções teme desfechos violentos. Sente-se no dever de repetir avisos ao príncipe lembrando detalhes de antigas façanhas contadas pelos maiores dos povoados

Ele é bem capaz de cumprir a ameaça antes de sossegar a barregã,
Afonso

Não pode cumprir, verás

Pode, seja lá quem for que encontre pela frente, mas pode

Bem sei da rudeza extrema daquele gigante. Tanto é capaz de ajudar alguém como logo a seguir atihar os cães à mãe ou filhar uma dona qualquer. Mas não há perigo

Insistes em manter essa ideia?

Ele não pode nem quer filhar Teresa

Baseias-te em quê, para o garantir?

Primeiro Teresa é muito mais velha, depois está tão bêbado que nem se lembra que Sancho Nunes já não está casado com ela há muitos anos. Neste momento ela visita Urraca, na Galiza

Não há então ninguém no paço de Riba Lima?

Se lá conseguir chegar só vai encontrar minha irmã Sancha. Essa sim, ficou-lhe no goto desde criança. E terá pela frente o escravo que toma conta dela como um cão fiel

Nessa altura Diogo tem um mau pressentimento. O Bravo pode ter confundido a irmã de Afonso Henriques com a sobrinha, Sancha Bermudes, casada com Soeiro Viegas, outro dos filhos do aio ali sentado

E se estiver baralhado, Afonso, se lhe der para tomar a primeira parente tua que encontrar pela frente?

Soeiro consegue ouvir as palavras e alcançar os temores de Diogo. Há pouco, para salvar a honra da família de sua senhor também ele teve vontade de cortar uma orelha àquele animal, cegá-lo, ou então calar-lhe para sempre a voz de rio caudaloso donde escorre uma solidão medonha. Mas não conseguiu esquecer os comentários do pai sobre o desprendimento do Bravo na entrega, a lealdade para com os companheiros, a coragem nunca negada quando sóbrio se empenha. E agita-se mais. Preocupado com as confusões do Braganção tenta apurar até onde vão os temores de Diogo Gonçalves

Queres dizer que ele seria capaz de arrebatara minha Sancha?

Sei lá... aquele animal é capaz de tudo

Nesta altura Afonso Henriques sossega Soeiro Viegas, seu irmão adoptivo

Tua senhor está bem no paço de Cresconhe, mas se acaso lhe tocasse te juro por minha fé que o mandaria capar

E se tomar tua irmã?

Se molestar Sancha Henriques obrigo-o a casar com ela, ou talvez nem seja preciso

Quase casaram, antes dele tomar a primeira mulher por ser mais dócil

Mais velha, quase uma mãe. Mas quem ele pretendia mesmo era Sancha, brava, ao mesmo tempo bem falante, donairosa

Herdou os predicados todos da condessa, vossa mãe

E é bem capaz de lhe deitar veneno no caldo ou no vinho se ele a tomar agora e quiser depois voltar para a barregã

Acreditando ou não nos argumentos do futuro rei, que procura transferir as preocupações para assuntos da cúria, daí a dois dias, Diogo Gonçalves e Soeiro continuam apreensivos, o filho do aio sem conseguir esquecer o rosto da sua Sancha, mais louçã e apetecível ao Bravo

Será de colocarmos de lado as preocupações ou achas que devo ir atrás dele, Diogo?

Tenho as minhas dúvidas que faça o que diz, o mais certo é ir direito a casa e não tarda estar a roncar. Mas pode sempre parar numa quintã qualquer e filhar a senhor de alguém. Teu irmão está de partida, já aparelha a montada. Vai pedir-lhe ajuda

E Soeiro vai lá fora despedir-se de Lourenço a caminho das terras de Neiva que governa agora, para lhe confessar a muita apreensão partilhada por quase todos

O Bravo não é bom da cabeça quando bebe de mais, não o percas de vista, Lourenço

Está descansado. No estado em que está não conseguirá ir longe. Depois seremos muitos a vigiar-lhe os passos, de agora em diante, e ele sabe bem disso

Então até depois de amanhã no castelo

Lá estarei

O Sousão e o irmão Garcia Mendes, alferes depois do *Cativo* assumir a mordomia há três anos, continuam sentados à mesa. Como podem esquecer as ameaças do *Bragança*, as histórias dos antepassados se Paio Mendes, o outro irmão de ambos, costumava roubá-las ao segredo da confissão para partilhar com eles em serões alegres? Garcia insiste agora com Afonso Henriques lembrando algumas, e se o faz é por se agravar o destempero do *Bragança* com a idade

É melhor fazeres alguma coisa, Afonso. Não te lembras de dizerem que Alão, o avô dele, tomou a filha do rei da Arménia?

Quando iam em peregrinação a Santiago, ouvi a história

Então vês, nem o abade do mosteiro de Castro de Avelãs, onde tinham ficado hospedados, o conseguiu evitar

Já te disse que Sancha sabe defender-se. E até me agrada que casem

Bom, debes saber o que fazes

Sei, e tu também. Trata de organizar a cúria com Egas e Gonçalo para depois de amanhã e vê se esqueces o Bragança. Borracho pode ser um animal, mas na guerra é um leão a lutar e na paz um amigo fiel

E com as mulheres é um pedaço de veludo, D. Sancha nos dirá

Olham todos para o umbral da porta por detrás da mesa onde Mor Peres acaba de falar. A suportar os queixais com uma das mãos, acena em grande convencimento de guedelhas a fugir do lenço. Egas Fafes, cunhado dos Mendes de Sousa, abre muito os olhos. Nunca pensou ficar escandalizado com os ditos de uma dona diante do quase rei. Quando se recompõe doseia a calma com palavras duras, a ver se controla a ousadia da soldadeira

D. Sancha não tem que dizer-te nada, mulher. Vai lá dentro, traz mais vinho e canta mas é para nós

Só estava a dizer, senhor...

Estavas a dizer que ias em busca do que te mandaram, gira

Mor Peres cora ligeiramente. Deita um último olhar ao príncipe, a fingir nem reparar no que dizem os companheiros, entretido com o naco de carne. Vê muito bem os olhares trocados entre eles, percebe o alcance dos cuidados de todos em relação às ameaças do *Bravo*. Mas começa a enfiar-se com tanta obsessão, morto por enterrar o assunto de uma vez

Insistem ainda no mesmo se já disse que está tudo controlado?

Então deixa que vá um de nós

Isso é sede de montada? Quero que ele chegue a Riba Lima ou ainda não perceberam? Acabem de uma vez com as apreensões

E decidido a selar a conversa grita nova ordem mais firme a Mor Peres ainda parada no mesmo lugar

Mais vinho e pão fresco, mexe-te

A soldadeira roda nos calcanhares para desaparecer na cozinha e voltar com o jarro cheio, já o assunto parece encerrado.

Daí a dias consta, entre outras novas fantásticas, que o *Bragança* tem de lutar bastante mal transpõe o portal do solar de Riba Lima. Primeiro enfrenta a bravura do escravo de Sancha, depois acerta ela contas antigas com o senhor de Bragança. Começa por assistir às primeiras estocadas do patamar superior sem esconder a impaciência. Quando percebe que o servo não levará a melhor, empunha uma espada arrancada da parede e salta com destreza para o nível inferior da sala. Afastando o criado com o cotovelo começa a brandir a arma com habilidade, procurando distrair o invasor com altos brados em tom de desafio

Ao que vens porcino, javali fedorento? Como te atreves a entrar aqui e a manchar-me o nome?

Nome ilustre... ah, ah, ah. Todos na família com a mania das grandezas. Quem te dera o nome de uma linhagem de machos

Quem te dera a ti senhor honrada, um javardo que já tresandava a carne podre mal desmontava lá fora

Sairás daqui comigo, te juro, e não te causará dano a carne mal cheirosa

Pois te juro eu a ti, perante Deus e meus criados, que a ousadia te custará muito caro

Quanto, diz lá, condessa sem condado, irmã de quase rei sem reino?

Daqui só sairei para o túmulo, e nesse caso o futuro rei há-de cegar-te para sempre, ou para uma igreja para te casares comigo, e nesse caso serei eu a tratar-te da saúde

Ao impacto destas palavras Fernão Mendes descuida a guarda do lado esquerdo, apanhando o primeiro golpe de raspão no ombro. Está enfeitado por aquela mulher formosa, mais destemida do que aparentava em criança. Não vale a pena discutir os argumentos dela que até lhe convêm. Se em vez de Teresa, ou lá quem era a donzela desenhada na sua ideia turva, encontra a mais nova das três filhas dos condes de Portugal, é essa que fingirá arrebatá-lo, ainda que seja ele mesmo arrebatado por ela.

A luta termina, o *Bragança* de cenho carregado e Sancha ainda com os humores a chispar. Essa mesma noite obriga-o a uma barrela ao corpo mal cheiroso, depois de gritar aos criados para encherem duas selhas com água quente. Uma para o banho demorado, outra para as roupas ficarem de molho até ao dia seguinte. Ainda espera que o servo lhe esfregue as costas com vassoura de palha até lhe arrancar a pele, para depois ela mesma queimar e tratar o dedo cortado com ervas e unguentos indiferente aos urros de dor.

Quando finalmente lhe ata uma barça por cima da ligadura de linho, já Fernando Mendes a encara como a senhor da vida toda. E aceita com um sorriso de paz a recomendação de umas horas de sono para começar a roncar daí a nada na paz dos anjos. Só não pode saber das diligências de Sancha. Enquanto o antigo amado dorme manda um criado de confiança a casa dele enxotar a barregã, sob pena de um castigo severo do futuro rei se não obedecer.

No outro dia partem com o cabecel para Aqua Flaviae onde se perdem em compras de última hora: sapatos de couro e capa para ele, cendal, linho e seda da região para ela, uma peça de escarlata a um importador de fora. E ainda arcas, escanos, vidros e ânforas para a casa em breve arranjada de novo. Sancha repete ordens aos criados de ambos, agora com o consentimento do *Bragança*, para limparem depressa os cómodos da nova morada se querem umas moedas de ouro. E logo na madrugada do dia seguinte, vestidos com fatos domingueiros, abraçam o mistério de uma estranha união, tão cedo que só os galos cantam e têm de acordar o prior do mosteiro do Salvador em Castro de Avelãs, nas terras de Bragança, onde unem os destinos.

A mãe de Fernando Mendes não quer acreditar, ainda a convalescer do ataque dos cães que o filho lhe atçou. Esquece a ideia de vir a deserdá-lo, mais acesa depois do criado lhe ter contado da mutilação de um dedo por causa de um erro de pontaria. E não pode evitar maior comoção ao saber que ele acaba de casar com a irmã do próprio Afonso Henriques

*Foi logo a seguir ao acto tresloucado, senhora
Gostava tanto de ter assistido*

Estavam formosos quando deixavam a igreja, diz o povo que entrava para assistir ao ofício divino

Sancha sempre foi formosa, como a mãe. Ainda parece mentira que acabassem por ficar juntos

Mas é verdade, só que D. Fernando Mendes fez das suas mal acabou de casar e apanhou outra borracheira de caixão à cova

O que foi desta vez?

Roubou uma herdade a D. Gonçalo Mendes de Sousa

E que terras são essas?

As melhores na linde das vossas ao longo do Tâmega

Como se não tivesse terras bastantes. De qualquer modo há-de matar-me, de loucura ou de vergonha

Não vos deixeis matar, senhora. D. Fernando quando bebe não sabe o que faz

Esse é o perigo, quando bebe

Não vedes que mal vos lançava os cães corria a socorrer-vos, a chorar arrependido?

O que teria invocado para roubar D. Gonçalo Mendes, sabes?

Que tanto D. Gonçalo como D. Afonso Henriques zombaram muito dele, quando mutilou o dedo

E ele não suporta que se riam das suas misérias

Do roubo das terras não sabe Sancha senão muito mais tarde, já mais de quinze dias passados de franco enleio em que não se deixam um minuto. Quando toma conhecimento inventa o castigo mais severo para um varão depois de tão ledo romance, deixá-lo por três dias sem avisar onde vai e sem mandar notícias. Mas vêm-lhe contar, ao fim do segundo dia, do desespero do *Bravo*, e tanta pena sente dele que manda de Riba Lima um criado a Castro de Avelãs perguntar-lhe se já se arrependeu. O homem volta de cabeça baixa

Ele garante que não, senhora

Ah garante? Mal viu o meu interesse fez-se forte? Então também não me arrependo de ficar mais um pouco

Mas ambos morrem de saudades. Tantas que ao mesmo tempo se fazem ao caminho para o confessar de viva voz. Quando se cruzam a meio do percurso atribulado, Sancha pede logo ajuda aos criados para se apear, o *Braganção* salta do cavalo a precipitar-se para ela com tal desespero que até os animais se assustam.



*...se és homem decidido precisas de um moinho
que trabalhe com as nuvens sem dependeres dos regatos...*
—Ibn Mucana

Casou? Dizeis-me que afinal já casou?

A voz do príncipe ecoa dos muretes de pedra da pesada sala de armas ao fosso da barbacã, já o atalaia avista o cortejo do arcebispo de Braga para lá do cabeço cinzento, na estrada rasgada entre sarças e penedias. Debalde grita das ameias que Sua Eminência vem chegando, já atravessa a praça onde a igreja se destaca pelo campanário acima do ralo casario.

Desde a sala dilata-se mais a voz de Afonso, excitado de alegria com a notícia do casamento da irmã depois de uma tempestade de ameaças do rude companheiro. Sancha pode ter passado o limite da idade, talvez tenha abusado da notícia de que ia fazer-se monja, mas sempre acabou por tomar a decisão mais acertada para ambos. Aquele selvagem de sorriso infantil que lhe lançava olhares gulosos mal ambos saíam da infância, precisou ficar bêbado para ir até Riba Lima aproveitando a mutilação para lhe despertar o instinto protector.

O desfecho que Afonso desejava desde o dia da caçada rasga janelas de sol nos seus olhos castanhos muito claros, um Sol logo encoberto pela notícia trazida pelo aio sobre o roubo das terras de Gonçalo

Pois é como te digo, nem Sancha deve saber ainda

*Tinha que arranjar alguma coisa à sua medida, aquele grande animal.
Quantos moios vale a herdade?*

Alguns soldos bons. É terra com cursos de água, boa para hortas. Depois tem a área do cereal e do pasto e ainda um casal ou dois

Manda lá chamar Gonçalo Mendes, quero falar com ele

O Sousão sabe de tudo, o semblante carregado não engana. Não que precise das terras, é apenas uma questão sentimental por estarem na posse da família desde os primeiros condes. Afonso fala-lhe em particular

Porque não me contaste? Quero compensar-te pelo roubo

Que tens tu a ver com isso? Se pega a moda de alguém satisfazer as obrigações que lhe cabem, ele volta a cometer o mesmo crime

Aceita ao menos dois moios e uma cavalgadura. E pelo agravo podes tomar umas terras de Gomes Nunes que em tempos lhe cedi

*Tens assim tanta razão para deserdar o conde de Pombeiro?
E não tenho? De repente revelar tanta simpatia por Afonso Raimundes
não é razão sobeja?*

*Ou será porque procuras uma forma de te afastar da filha?
Não digas isso, agora menos que nunca me devo afastar de Châmoa
Nós todos achamos o contrário
Deixem esse assunto comigo. Quanto aos servos da herdade dou-te
uma certeza, ele não há-de retê-los*

Gonçalo Mendes de Sousa acaba por aceitar esquecendo o incidente sem pleitos nem desforra pelas armas. De algum modo conta fazer regressar tudo mais tarde ao mosteiro de Pombeiro ou à Sé de Braga.

Egas lembra então que estão numa reunião da cúria e acabam de avisar da chegada de João Peculiar. Preparam-se para discussões prolongadas sobre assuntos de interesse, mas o casamento de Sancha lembrou-lhe a preocupação antiga das gentes de Entre Douro e Minho sobre a constituição de família legítima pelo futuro rei. E se abordassem o assunto?

*Não queres aproveitar para discutir o teu futuro casamento, Afonso?
Casamento com quem? Há um ano pretendi fazê-lo e ousaram proibir-me, depois de me escolherem para vos liderar*

Deves lembrar-te porquê. Precisas garantir a sólida herança do sangue preservada por todos os reis, não distrair-te com donas. Não vês o exemplo de teu primo leonês?

*Ah, agora o leonês serve de exemplo para mim?
Deixa-te de ironias. Em breve também serás rei e a um rei, entre outras atribuições, compete construir a sucessão
Depois de afastar a ideia é que vêm falar-me de casamento
Parece que te lembramos alguma coisa estranha. Um dia teria que ser*

*Enquanto não fixar fronteiras não quero criar mais laços, Egas
Tens de pensar numa esposa do mais nobre sangue
Uma dona capaz de parir, queres tu dizer
E donas nunca te faltaram, eu sei
Em poucos meses serei pai do primeiro filho
Não falo dessas uniões, Afonso, nem de filhos de barregãs
Falas da filha de um conde. E já não podes dizer-me o que devo ou não fazer, Egas. A constante ameaça de muçulmanos a sul e de partidários dos Trava a norte, isso sim, são frentes a combater com urgência
Falo da sucessão, porque finges não entender?*

*Não posso criar outras teias para me enredar, já o disse mil vezes
E repete bem alto que não, atirando a ira contra a laje onde se agitam assustadas as sombras dos fachos acesos. Egas altera-se como dantes, quan-*

do o príncipe o desafiava, como se ainda entendesse seu dever chamá-lo à razão como faz com frequência a cada um dos filhos varões

É urgente cortar as amarras que nos ligam à antiga vassalagem, sim. Mas não podes manter pela vida toda ligações que a Igreja condena

E o que aprova a Igreja para mim, posso saber?

Se queres fundar o reino independente a que o teu pai aspirava e nossa gente anseia, se pretendes manter-te à frente dele até à morte, precisas de esposa legítima e filhos dessa união que possam herdar a coroa

Qualquer um de meus filhos será digno seguidor de nossas aspirações. Não entendes tu Egas, e vós todos, que nenhuma sucessão vingará sem anular a obediência a Leão?

Di-lo tu a João Peculiar

Quem sugere é Lourenço, a partilhar o sentimento de todos com ar sério, adivinhando já a entrada do arcebispo no pigarrear pelo corredor escuro

Dizê-lo a João por quê?

Porque voltou a pedir que te decidas

Isso foi quando?

Depois dos maiores da nossa terra terem temido pelo destino do condado, pelo teu próprio destino. Não te lembras que já antes do pacto de Tui definiam a sucessão de pais a filhos legítimos?

O que importa é ter comigo a vontade da nobreza portugalense, a fidelidade de alguma nobreza galega

Egas está mais perto da porta. Ouvindo agora nitidamente os passos do chanceler e da gente do seu séquito, aproveita para insistir no que sabe ele aprovará

A vontade de alguns é entusiasmo passageiro, Afonso, os herdeiros é que prolongam os ideais. Precisas casar, filho de condes, neto e bisneto de reis, bem sabes as regras do jogo

E a Loba, na toca quase a parir meu filho?

Deixa-a quieta em Fonte Arcada. Teve outros filhos, mais homens, não serve a um futuro rei

E eu tive outras mulheres, ou finges que não tens conhecimento? Não escolheste uma irmã dela para Lourenço?

O Espadeiro toma então a palavra, contrariado com o rumo da conversa a entrar-lhe casa dentro

Não nego que Châmoa descende de boa cepa, meu pai teve as melhores relações com o conde Gomes Nunes antes dele aderir à causa de teu primo. Mas a irmã, minha senhor, não é mãe de uma ninhada de pais diferentes

Tua senhor não pode ter crias, Lourenço. E depois para gerar filhos são, não é preciso mulher pura e bem-nascida

Palavras sonoras ecoam então nas paredes de pedra como trovão inesperado

Estás enganado, para um rei que se preze é preciso mulher pura, sim

À escuta há alguns minutos no escuro do corredor João Peculiar avança agora sem pressas, mal acaba de passar o arco em ogiva da porta ladeada por capitéis decorados com incisões a bisel. Pouco contente com o rumo da conversa, cumprimenta o futuro rei com um inclinar de cabeça logo correspondido, depois saúda os outros cavaleiros suspensos do rumo da conversa

É preciso que cases pela Igreja e respeites as regras de Roma. Queres prestar vassalagem ao papa, não queres?

Bem sabes que sim, se me trouxer alguma vantagem

Então precisas dessa influência. Com a coroação como imperador de toda a Espanha, teu primo torna-se ainda mais poderoso

E o que tem?

Perante o papa é dos líderes mais respeitáveis do mundo cristão. Tu ainda não reúnes as mesmas condições para vires a ser rei

Bem, se persistis todos nessa ideia então buscai noiva por mim. Mas bem longe. Se houver algum motivo para cuidados não encaro casar

Egas Moniz continua a ter um grande ascendente sobre o príncipe. Não chega para demovê-lo quando se obstina em levar por diante um projecto ou quando quer renegar algum pedido exterior, mas ainda consegue ser a única pessoa a interferir nas suas decisões. O casamento é quase o preço da ascensão de Afonso Henriques a rei. Cabe ao antigo aio pedir-lhe esse pagamento como se retomasse um discurso tantas vezes entabulado com ele, enquanto infante, um discurso agora mais doloroso para o varão adulto que entretanto alimentou ligações afectivas. Aproxima-se com carinhoso respeito

Já te falei muitas vezes da casa de Barcelona

Mais longe, quero alguém de mais longe, sempre te disse

Pois sim, mas quanto mais longe?

Do norte de França, da Borgonha, Flandres, qualquer desses condados me servirá, a não ser que a escolhida seja velha ou vesga

Afonso Viegas explode em riso, contagiando os companheiros e interrompendo o curso da conversa

Afinal não te serve qualquer uma

Mas recebe um olhar reprovador do pai, morto por convencer depressa o antigo pupilo numa atitude concertada com o chanceler

Talvez a herdeira de Sabóia. Peculiar sabe das ligações dessa família a Borgonha e tem boas referências, não tens, João?

Tenho, é uma casa nobre bem vista por todos os reinos cristãos. Além

disso tem boas relações connosco. Agora relembra-lhe tu, Egas, os vínculos familiares

Tu recordas Afonso, quando te falava de parentescos dizia-te que o conde de Sabóia era filho de uma irmã de Raimundo

Gente da Borgonha, lembro-me disso

E também vassalos do imperador da Alemanha, vizinhos do condado de Avinhão adquirido pelo conde de Toulouse

João Peculiar volta à carga, com contributos de peso

Ouvi falar da princesa, dizem ser uma donzela bem-parecida e saudável

Se me mostrardes vantagens nessa união, aceitá-la-ei

A maior talvez seja o facto de Sabóia manter estreito contacto com o mosteiro de S. Rufo, nas proximidades do condado

E que importância tem isso para nós?

Esse mosteiro tem relações privilegiadas com Santa Cruz de Coimbra, ou não sabias?

Sabia, mas ainda não alcanço a ligação

O centro cultural e espiritual que tanto proteges pode ficar ainda mais aberto à Europa, Afonso, essa é a grande vantagem

Não me soa mal, mas ainda é muito vago

E afasta-se para descansar uns minutos no escano junto à parede, consciente de começar aqui o isolamento das grandes decisões. Contrariado deve estar. Nenhum príncipe gosta de ficar amarrado a obrigações familiares para o resto da vida, quando deixa para trás o primeiro envolvimento amoroso que dá fruto.

Os companheiros respeitam-lhe a pausa silenciosa, o olhar perdido para lá das frestas iluminadas, a descarregar o peso da contrariedade nos telhados de colmo além da muralha. Em que pensará, encostado à parede fria da sala, olhando o caminho que o Sol esboça, mais nítido?

Talvez reconsidere a paixão intempestiva por Châmoa, filha do conde Gomes Nunes de Pombeiro. Nunca esse entusiasmo agradou à família de Egas Moniz nem às outras, que tudo têm feito para tornar os condados de entre Douro e Minho e de entre Douro e Mondego independentes. Já quando em saídas compulsivas à tardinha fazia esperar Teresa Afonso e a família para a refeição, davam-lhe conta do perigo. A mãe dela era irmã de Bermudo e Fernão Peres de Trava, as influências mais nefastas sentidas pelos nobres de Riba Douro depois da morte do conde D. Henrique.

Como se não chegasse a neta de Pedro Froilaz, conde de Trava, sempre revelara comportamento pouco digno para uma senhor ligada às linhagens influentes. Viúva de Paio Soares, mãe de filhos e já depois de monja, teve ainda outro varão do primo, Mem Rodrigues de Tougues, também ele

membro do mesmo clã dos Trastamara. Agora reforça comportamentos duvidosos emprenhando do futuro rei, consciente das hostilidades entre aqueles que o servem e seus parentes maternos. O que pretenderá com os insistentes jogos de sedução?

Para Afonso Henriques é uma relação pouco tumultuosa onde cabe o conforto de Châmoa ser quase da família. Paio Soares, o falecido, era filho de Soeiro Mendes da Maia, casado com Gontrode Moniz, irmã de sua avó Jimena. Criaram a condessa D. Teresa já Soeiro era um homem respeitado tanto por Afonso VI de Leão e Castela, de quem Jimena fora concubina, como pela nobreza mais influente do norte.

Soeiro serviu depois com lealdade o conde D. Henrique, como o filho viria a servi-lo. Paio chegou ainda a estar presente nos primeiros tempos da cúria condal de Afonso, pouco depois de S. Mamede. Um dos rapazes mais velhos do seu casamento com Châmoa, Pedro Pais, revela grandes dotes militares. Vem sendo preparado para o posto de alferes agora nas mãos de Garcia Mendes, às vezes nas de Lourenço Viegas, o *Espadeiro*.

Mesmo que Afonso não quisesse cruzava-se com Châmoa por todo o lado. Percebia-lhe os chamamentos implícitos em olhares ardentes quando ela aparecia ao cair da noite, em cabelo, no meio dos vergéis não longe do castelo de S. Cristóvão, que seu pai chegara a governar. Certo dia foram descobertos pelo irmão, abade do mosteiro de Pombeiro, até que Afonso a convenceu a ficar mais na quintã escasseando os encontros. Mesmo assim continuava a envolvê-lo com tal ardor que um dia, já mais arrefecida a paixão inicial, Afonso percebia que ia ser pai.

As vozes por pano de fundo não lhe têm baralhado o fluir das lembranças, mas o vozeirão de João Peculiar trá-lo ao rumo das inquietações de há pouco. É como se lhe tivessem permitido acalmar a contrariedade, mas não o pudessem deixar esquecer assunto tão urgente

Podemos começar a preparar Braga para o acontecimento, Afonso?

Estás a falar de quê? Qual acontecimento?

Do teu próprio casamento, ou já esqueceste?

Mas ainda agora sugeriam a noiva e já pensam nos preparativos?

Há cartas de arras para lavar, assinatura de documentos para submeter a Roma, até paredes para levantar

Mas que documentos, que paredes precisamos erguer? E Braga porquê? Não quero uma razão que seja para a velha rivalidade com Santiago de Compostela. A capital do condado está em Coimbra há quase oito anos, porquê fazer as bodas noutra cidade?

Exactamente para firmar a importância de Braga

Não vês que devendo estar atento às investidas do Sul não posso acabar-me em viagens para um lado e para o outro?

Egas adianta-se para moderar o debate, antes que Afonso se arrependa. O melhor é obter confirmação da palavra dada há pouco, não vá a teimosia fazer regredir o plano das conquistas verbais

Então está decidido, pronto, as bodas serão em Coimbra. E se entretanto homens do clã dos Trava ajudarem teu primo a fazer uma incursão a norte, podem os de cá acabar com eles, não é verdade?

Se houver braços excedentes para os combater antes de eu chegar aqui. Mas não quero mortes em gente de meu sangue ou a ele ligado, seria muito mau para todos

Podes estar sossegado, se pudermos evitar nunca acontecerá

Tendes de evitar, sempre vos disse. E já agora, que idade tem a herdeira de Sabóia?

Talvez dez anos

O quê?... Em vez de uma donzela para esposa reservam-me uma filha para educar?

O tempo passa depressa, verás. Entre as bases do contrato e o dia do casamento, estará preparada para ti

E eu para ela, ainda estarei? Dez anos... enlouqueceram

E sai de rompante, ainda mais irado depois desta revelação. Precisa dar uma volta no recinto próximo da barbacã antes de regressar ao convívio dos companheiros e aos problemas da nação emergente. Quando entra parece mais calmo, já os outros desenvolvem temas alinhados pelo escriba e dois criados mouros remexem arcas enormes cheias de rolos de pergaminho, em busca de cópias de forais antigos do tempo dos condes de Portugal. Afonso diz-se disposto a confirmá-los, a fazer concessões de terras ainda devolutas de ambos os lados do rio, talvez até a dar carta de couto a um mosteiro ou dois.

Quer muito que sejam povoadas as zonas ermas, arroteados os solos. Algum proveito se há-de retirar do chão. Os detentores de tenências acolhem tão bem a medida como os representantes dos mosteiros, monges e frades de caminho louvados pelo esforço essencial de fixação das gentes e delimitação das paróquias.

Afonso analisa agora cada *volumen*, aparentemente mais apaziguado. Depois, quase terminada a reunião, fala da mais importante decisão dos últimos tempos, a preparação de um fossado para daí a uns meses. Com o sucesso da batalha de Cerneja, há três anos, com a conquista de Límia e Toronho que sua mãe herdara, chegou a pensar na Galiza como território do condado. Mas o rei de Leão e Castela, sempre a vigiar-lhe os movimentos todos, acabou de recuperar sem grande esforço as terras perdidas. E teria mesmo avançado para o interior do condado para o destituir, não fora encontrar a resistência de alguns nobres galegos adep-

tos da causa do infante rebelde, o único de seus vassallos que se nega a obedecer-lhe.

Depois da paz de Tui, assinada há mais de um ano, agora é quase certo não haver esperança de alargar os limites físicos a norte. Resta concentrar esforços na linha meridional e tentar por aí a dilatação do território. Egas concorda, desejoso de participar em mais pelejas bem dentro dos domínios muçulmanos, como se ainda estivesse nos seus tempos áureos ao lado do conde D. Henrique

Só resta concentrar esforços e combater os mouros lá em baixo, tens razão

É o que penso. Mas como poderemos defender as terras do sul com o exército por reorganizar?

Foi mau teres descuidado a guarda dessa frente, mas também precisavas deste descanso

Pois precisava, ninguém pode enfrentar opositores se não estiver em boa forma

Que fortalezas estão já concluídas?

Parece que não sabes se tudo te dou a conhecer, Egas

A minha memória já não é a mesma. Depois aqui para cima com os meus senhorios nem sempre me dou conta do andamento das coisas quando vou a Coimbra

E vais cada vez menos, como mordomo

Tens Gonçalo Mendes, bem mais novo do que eu. Mas sobre as fortalezas, dizias

Que Soure lá se vai aguentando com uns arranjos aqui outros acolá. As de Miranda do Corvo e Penela ficaram concluídas há pouco tempo. Só a de Arouca ainda está atrasada

A linha a Sul do Mondego ficaria bem guardada se Leiria aguentasse

São persistentes, aqueles cães dos chefes mouros. Como se atrevem a derrubar o castelo?

É uma pena, com pouco mais de dois anos

E ousam outras investidas para ameaçar Coimbra, não vês?

É preciso olhar nessa direcção. Não te podes distrair de novo. E se conseguires levar por diante o tal fossado, tanto melhor



*aliado és do orvalho,
senhor da generosidade*
—Ar-Rashid

Afonso Henriques marca uma ronda pelo condado antes de chegar a casa. É preciso apreciar de perto pormenores da administração parcelada do território, a competência dos abades dos mosteiros, o empenhamento dos cavaleiros dos concelhos e dos governadores locais.

Ao norte a sociedade rural divide-se em senhores e servos, os primeiros com total autoridade, até direito de administração da justiça dentro dos seus domínios. O antigo condado de Coimbra caracteriza-se pela estratificação influenciada pela administração árabe anterior.

Apesar da ligação sentimental à gente da região do Douro, Afonso não pode negar a importância da herança de maior participação do povo a sul, onde se vem sentindo mais o chefe supremo do território que pretende unificar. Coimbra é o lugar onde a tolerância em relação às diferenças tem sido o motor do progresso, como há-de ser a chave da união do reino.

Afastado do interior não consegue perceber os elos de ligação que é preciso estimular. São essenciais os testemunhos de alcaides e juizes, as opiniões dos chefes das milícias fronteiriças em relação às invasões de intrusos e à participação das forças. Sobre as ordens religiosas e militares a mesma coisa. Sabe da pronta adesão ao chamamento para algaras e fossados, mas nada como ver com os próprios olhos as entranhas da terra expostas pelo alvião e pelas enxadas, a concentração das habitações nas terras concedidas aos mosteiros.

Pede olhos abertos aos companheiros para o ajudarem mais tarde a fazer uma avaliação do trabalho colectivo, da eficácia de métodos e da necessidade de reformular os esquemas em vigor. Mas forçoso agora é saber quantos efectivos podem disponibilizar os concelhos para a lição que muito em breve pensa dar aos mouros.

Afonso sabe como é urgente eliminar as grandes separações entre gente do norte e da região de Coimbra. Primeiro é preciso homogeneizar as pequenas diferenças dentro de cada subsistema. Só depois, em prol das causas comuns, será possível colocar os elementos de cada lado de acordo em relação às questões essenciais. Ele mesmo, dando um exemplo de tolerân-

cia, como chefe supremo faz por esquecer velhas feridas. Atravessa terras do Bouro para Ponte da Barca com vontade de abraçar sem ressentimentos Paio Vasques, um dos antigos opositores. Paio comove-se, e nem temendo diminuir seus brios esconde a satisfação

Foi bom terdes vindo, senhor

Já não sou apenas Afonso Henriques?

Em breve sereis o meu rei e em tempos... sabeis nossas diferenças

Deixa o passado, Paio Vasques. Para te provar que não penso nele aqui tens carta de couto para o mosteiro de Bravães fundado pelos teus antepassados

Farei entrega ao abade, agora ausente... senhor... Afonso

Neste momento corre para ele, ajoelhando a seguir. O príncipe imberbe de modos desajeitados é agora um guerreiro corpulento que sabe ser magnânimo, a levantá-lo do chão e a receber tanto o arrependimento como a disponibilidade

Serei sempre muito grato pelo gesto, Afonso. Se puder ajudar

Como não podes? Estou à procura de cavaleiros para uma campanha a meio do ano

Aqui me tens pronto para aliciar mais gente

A primeira abordagem corre de feição. Depois de um dia numa das quintãs de Gonçalo Mendes de Sousa, Afonso cavalga por entre poentes alaranjados até Refojos de Basto. Usa idêntico procedimento para com o mosteiro local, mas agora em benefício do seu ministerial Gueda Mendes, a quem estima como se fosse da família próxima. Tem-lhe sido dedicado a vida toda, foi um exemplar delegado do *Sousão*, é ainda um bom governador de Celorico desde o casamento com uma filha de Mem Moniz. Gueda saberá convencer, em nome de seu amo, outros senhores locais a dispensar cavaleiros, armas e animais. Quando aparecer em Coimbra, como garante ao príncipe, levará consigo um grande corpo de guerreiros

Onde vais tu desencantá-los, Gueda?

Onde houver homens com braços e jeito para combater, senhor

Ainda te não habituas a tratar-me como os outros

Nunca o farei, meu príncipe. Pois em Coimbra não vos dispensam o devido tratamento?

Ali há maior distância entre mim e meus companheiros, só isso

A distância entre o futuro rei e seus súbditos, assim é que deve ser

Gueda olha os descendentes dos infanções de soslaio. É tempo de toda a gente reconhecer a autoridade do príncipe, a liderança a transpirar dos seus modos, sempre nobres na rudeza, da forma como promove a reconciliação entre os senhores da terra. Sabe que alguns, como o *Bravo*, nunca hão-de mudar, tão próxima é a relação com ele. Se antes desafiava

Afonso com gritos e ameaças agora, casado com Sancha Henriques, não verá razão para maior deferência ao cunhado. Mas ele, Gueda Mendes, jamais esquecerá o tratamento respeitoso devido ao neto de um imperador de Leão e Castela.

Afonso ainda pensa dar carta de couto ao mosteiro do Salvador de Fonte Arcada nas terras de Vieira, fundado por Godinho Fafes, mas isso ficará para mais tarde. Por agora tem de ouvir a gente boa dos lugares que consegue conquistar sem dificuldade, sob o sorriso satisfeito de Egas Moniz

Eu não te dizia?

Dizias o quê?

Que sempre foste um conquistador natural

Resta saber se é por respeito ou por medo

Não te preocupes em saber. O respeito é a maior das vitórias. Uma vez é uma conquista pacífica, outras nem tanto

Neste afã de visitas, reconciliações e reconhecimentos a norte de Portus Calem, Afonso deixa impressa a necessidade de envolvimento de todos numa missão essencial ao reino. É preciso conquistar e povoar, mas acima de tudo consolidar pelo respeito as defesas do território já conquistado. No caso do inimigo, como diz nos lugares por onde passa, esse respeito só pode vir do peso das espadas. Todos os guerreiros ainda serão poucos para essa tarefa gigantesca, o urgente ataque aos mouros antes que tomem fôlego para novas incursões.

Ao fim do segundo dia volta à residência do castelo ainda o Sol brilha nos contrafortes de pedra. Já na sala envolve os companheiros com um olhar de gratidão para o habitual discurso de improviso, depois pede a bênção ao arcebispo de Braga, seu chanceler, retido por mais algum tempo antes de seguir para Coimbra.

Aproxima-se agora de Egas Moniz. Não esconde a velha irritação pela insistência do antigo preceptor, sempre a teimar no assunto da união com uma princesa europeia, mas são para ele os últimos momentos, o levantar da ponta do véu sobre a próxima campanha

Ainda não pensei em tudo, mal saiba serás o primeiro a conhecer os detalhes. Por agora confio-te que o campo de batalha será para lá de Leiria

Está bem, quando eu seguir com Peculiar contar-me-ás o resto

Estás com muito pouca vontade de baixar a Coimbra, desta vez

Velhos achaques, mas vou recompor-me. Sobre o fossado ia jurar que entretanto ouviste falar de um eventual ataque e tens vontade de reprimir

Ouvir não ouvi, mas estou certo de investirem mais cedo ou mais tarde. Sendo assim queria tomar a iniciativa antes de o fazerem, percebes?

Dos sarracenos podemos esperar tudo, fica atento

*Temo pelas fronteiras mal guarnecidas para fixar as gentes
Também dariam jeito cavalos, armas, cereais e moeda
Sobretudo cavalos, para armar os nossos homens. Mas teremos de os
enfrentar de qualquer modo. É fundamental mostrar que ninguém deve ame-
açar as terras do sul sem pagar um preço alto*

Lá estarei dentro de dias. Agora vai em paz

Quando o Sol começa a declinar em molhos de luz acobreada, Afonso prepara-se para partir com os companheiros habituais e uma centena de cavaleiros. Ainda há tempo para despedidas a cada um, recomendações de vigilância. E como recompensa pela lealdade que têm demonstrado no envolvimento com as suas decisões, confia-lhes a vontade de novas concessões de terras livres de qualquer obrigação, muito em breve.

Já de espada cingida monta o cavalo raudão com orgulho, para maior orgulho de Egas Moniz quando Frei Raimundo, rápido como flecha, se cola à sua sombra montado no rocim malhado

Eles estão à espera que reforceis a promessa

Qual promessa, frade?

De pensardes a sério no casamento

*Outra vez o casamento? A minha vontade é voltar com a palavra atrás.
Talvez a tal infanta acabe por ser dada a outro esposo*

Sede mais maleável, D. Afonso, tereis de casar em breve

Dito assim parece uma condenação

Mas Afonso aceita apaziguar os senhores locais. À saída do castelo volta-se para trás com a mão levantada bradando que podem descansar, fica tudo combinado. Depois afasta-se, deixando uma parte do passado sob as léguas vencidas pelo galope.



*um belo jovem cuja voz se muda
dos olhos, deu-me o vinho em suas mãos*
—Aben Al-Gaiat

Desta vez passou uma longa temporada nas terras à volta de Guimarães que sempre revê com saudade. Fez-se homem nestas matas, nas glebas de centeio e urze onde em breve vai despontar a Primavera. Aprendeu a manejar as armas, a enfrentar os rivais dos primeiros torneios nos amplos espaços em redor do burgo. Aqui viveu ainda as mais puras histórias de amor, longe de olhares indiscretos, com a cumplicidade dos irmãos adoptivos e dos companheiros chegados.

Mas nem todas as memórias são pacíficas como a brisa, às vezes voltam como tempestades. Neste lugar ficou impressa a marca mais dolorida da vida, tinha então dezanove anos, o corpo feito do guerreiro de hoje, mas nenhuma certeza sobre o seu papel de líder. Daí a momentos poderia lá passar na subida para Braga, se quisesse, à saída para S. Torcato: S. Mamede de Aldão, o campo onde enfrentou as forças de D. Teresa e Fernão Peres de Trava, ainda as fidelidades das gentes do condado e da Galiza se misturavam em sentimentos contraditórios, repartidos pelos adeptos da mãe e da integração do condado, e pelos obreiros da separação que ele mesmo comandava.

Era tão difícil decidir, nessa altura. Hoje toma decisões com a rapidez do ar atravessando as narinas, mas naquele tempo hesitava depois de sacrificar noites seguidas aos problemas sem lograr ver a solução quando acordava. Frei Raimundo tudo pressente. Guarda o breviário equilibrado no cachaço do cavalo e adianta-se para ficar de novo a seu lado

Lembranças antigas, senhor?

Bem sabeis como este lugar me traz angústia. Não queria chegar à expulsão de minha mãe dos domínios que ela herdara de meu avô

Afonso VI amava tanto essa filha natural, mais do que às outras, dizem

Mas os acontecimentos precipitaram-se, tomaram rumos inesperados

Às vezes as circunstâncias endurecem as nossas atitudes

Falais exactamente de quê, frei Raimundo?

De um tão grande império deixado a Urraca, das suas fragilidades

aproveitadas pelas ambições de reinos emergentes, dos inevitáveis confrontos com vossa mãe, até dos vossos com Afonso Raimundes

Com isso considerais-me vítima ou carrasco?

Fostes um instrumento, nada mais. Não deveis mortificar-vos, senhor

Farei por não me atormentar, vereis

Folgo em saber

E com isto o frade atrasa a montada para deixar, como há pouco, o futuro rei entregue aos seus pensamentos.

Dois anos antes de nascer, sua tia Urraca ficava viúva e o avô designava o neto Afonso Raimundes como sucessor. Mas em Toledo onde o leonês viria a falecer, a nobreza e clero preferiam a filha como legítima herdeira. Ao imperador moribundo só lhe restava acatar a decisão das forças maiores do seu império. Ainda assim sugeria um novo casamento de Urraca com o parente de Aragão, Afonso I o *Batalhador* ou o *Aragonês*. Solteiro, sem herdeiros e um guerreiro experimentado, poderia ajudá-la a superar os maiores obstáculos da governação.

A rainha revelava-se vulnerável a intrigas que não raras vezes fomentava, aos afectos partilhados por vários amantes, às oposições da Galiza e dos outros reinos sob o seu domínio. Cedo aliava o filho menor aos assuntos do império para apelar à unidade entre os seus adeptos e os simpatizantes da vontade do pai. Mas com isso despoletava em Teresa, a irmã ilegítima casada com o conde D. Henrique, a ambição de ser rainha. Nenhuma outra irmã lhe trazia tantos cuidados como Teresa que não tendo reino algum, em todo o lado lembrava como o próprio filho, Afonso Henriques, era tão neto de Afonso VI como o filho de Urraca.

Para o reforçar Teresa usava as fragilidades da irmã em seu proveito, mais ainda depois do conde D. Henrique ter morrido. Intrigava a rainha de Leão e Castela com inimigos, até com aliados antigos conseguindo o apoio de famílias galegas como a casa de Trastámara. Primeiro através de uma união mal assumida com Bermudo Peres de Trava, afinal mais tarde casado com Urraca Henriques, sua filha mais velha à guarda de Bermudo durante algum tempo, depois por força de outra relação quase incestuosa com Fernão Peres, irmão do antigo companheiro. Conseguia ainda tomar Tui e Ourense, território adstrito ao mosteiro de Celanova, em busca de aliados galegos, enquanto despertava a revolta dos partidários da irmã.

Urraca pagava-lhe na mesma moeda. Incendiava os ânimos do sobrinho contra a própria mãe. Colocava até à disposição das suas ambições de herdeiro imberbe a catedral de Zamora, o clero da sua confiança. Que se armasse ali cavaleiro. E ele armava, mal completava os dezasseis anos, no dia de Pentecostes, incentivado por uma fatia da nobreza de Portugal sedenta da autonomia. Passava a intitular-se príncipe de Portugal, neto do

imperador Afonso VI, mal Afonso Raimundes se fazia coroar rei em Leão. Tal como a mãe também aproveitava a divisão de famílias galegas influentes, fazia concessões a mosteiros no outro lado das fronteiras políticas e administrativas.

E no entanto, como gostava do primo. Às escondidas dos preceptores de ambos os lados que em vão os vigiavam, cavalgava mais para norte escapando aos cuidados de um jovem frade templário esfalfado no encalço do herdeiro do condado, como repetia. Ele e Afonso Raimundes prometiam-se respeito mútuo, amizade eterna, cooperação nos esforços de combate aos infiéis. E acima de tudo poupança de suas vidas caso houvesse confrontos exigidos pelos aliados de cada um deles. Sonhos ainda por manchar com as conveniências do poder, nessa altura, apenas alimentados pela pureza de dois infantes com pequenas responsabilidades e grandes arrebatamentos.

As coisas ficavam diferentes a partir de S. Mamede, quando a vitória do lado português indiciava a construção de uma independência. Para Afonso Henriques era preciso anular o vínculo a Leão e Castela, um elo mantido quase intacto pelo conde de Trava na pessoa dos descendentes. D. Teresa não ajudava. Traindo a memória do primeiro esposo prolongava esse cordão pela ligação com os filhos de Pedro Froilaz, antigo tutor de Raimundes. E se pouco importavam ao príncipe português promiscuidades dessas fora do sangue, com sua mãe era diferente. Foi isso que o fez aceitar a liderança das forças dos barões portugalenses.

Antes da batalha o coração sangrava, certo de ser uma peça jogada pelos poderes espiritual e temporal do condado. Imaturo, intempestivo, colérico às vezes, sim, um animal sem sentimentos com vontade de mandar prender a mãe a ferros, jamais. Os que forjaram essa história não lhe perdoaram ganhar a batalha depois de um momento de desnorte. Quando o viram abandonar a peleja cuidaram ter a vitória na mão. Só não contaram que ele voltasse para trás animado pela força de Soeiro Mendes, o *Grosso*, um dos irmãos do *Sousão* encontrado no caminho, para rechaçar as hostes contrárias com a força de um leão, a força a que desde então apela para investir contra os inimigos.

Não queria fazer sofrer a mãe, nem pelo ressentimento de, em criança, tão pouco o visitar. Mas como podia cumprir os desejos que o pai lhe pedira à hora da morte sem decepar as ambições dessas famílias galegas que a usavam como instrumento seu? Como ajudá-la a satisfazer a ambição de ser rainha se logo havia de repartir a glória do poder com o novo companheiro?

Mais importante, naquela altura e sempre era o chão, a terra firme. E não trair o desejo de justa autonomia dos homens que a sul do Minho, longe de qualquer poder central, há séculos se organizavam sozinhos para

a defesa. E depois o velho imperador de Leão e Castela dera ao genro, seu pai, os limites primeiros do condado para que Raimundo, conde de Amous e primeiro marido de Urraca, não tivesse demasiada força. Não podia fazer cedências naquela altura, como não pode fazer agora, a seu primo coroado rei três vezes, se mesmo sem adesão do condado portugalense já se intitula imperador das Espanhas.

É tempo de deixar de lado ecos de tempos distantes e dar espaço a outras lembranças mais gratas. Olha para trás, na direcção de Lourenço Viegas

Espero pernoitar à guarda nos mosteiros de que te falei, consegues albergar esta gente toda nas imediações?

Montamos tendas nos domínios coutados, como costumamos fazer

Não posso deixar de concluir a missão, mas estou morto por chegar a Coimbra

Já te habituaste à velha casa da alcáçova, não é?

Sinto-a minha desde o primeiro dia. Nem me lembro que era árabe, o velho castelo

Cavalgam com destino à Sé de Braga para rezar no túmulo dos pais. A luz calma do luar de um novo ano aviva a massa rectilínea de castelos dispersos, salpicando de luz os primeiros arbustos projectados nos retalhos de terra ainda ermada. Adivinha ao longe o costado espesso de um ou outro eremitério contra a lisura do céu, entre mantas de floresta densa, uma ou outra igrejinha alvejando como o pó da pedra cinzelada nas mãos dos alvenéis.

Quando as ferraduras dos cavalos pisam os campos fofos, revê cenas familiares muito antigas, ainda o rosto indistinto das irmãs mais velhas, a outra que mal conhece e de que tanto ouvia falar como expressão do pecado da mãe. Antecipa o momento de ajoelhar na Sé com desfechos diferentes, uma vaga angústia a trair a postura austera do guerreiro quando chega depressa ao terreno circundante da grande massa de pedra.

Mal se apeia segreda a Lourenço Viegas que mantenha os companheiros a considerável distância. É um assunto muito íntimo, tão íntimo que ainda tem dificuldade em encará-lo. Nem aos mais chegados permite intromissão

Se precisarem rezar esperem que eu saia

Entraremos depois, vai em paz

Enquanto o *Braganção* resmunga que não é macho de rezas, Afonso avança para a porta. Desolação, é o que sente, avaliando o trabalho necessário para reparar a Sé. A construção ainda não estava concluída quando o terramoto a derrubava, quatro anos atrás. Apesar do empenhamento de Paio Mendes antes e de Peculiar agora, as obras têm avançado pouco, exigem largos meios repartidos por outras necessidades.

Pára uns segundos à entrada da nave, desejoso de receber inspiração divina para se aproximar sem profanação do espaço. O lutador que não pensa duas vezes para cair sobre o inimigo, dá agora lugar ao homem temente da delicadeza do momento próximo, avistada a figura da dama de mantéu negro sentada lá à frente, no escabelo, em sussurro com o prelado. Para ela reserva a saudação carinhosa enquanto o clérigo se afasta para a sacristia, depois das vénias useiras com palavras de respeito ao futuro rei

Urraca?

Sim meu irmão, muito mais velha que da última vez

Há uns bons anos, depois de teu esposo me cercar em Viseu

Como está minha filha Sancha Bermudes?

Muito bem, Soeiro Viegas é um esposo de grande nobreza

Eu sei, e também sei que vais ser pai em breve

Pois é como te dizem. E ela?

Lá dentro, por demais nervosa

Nervosa por me vir falar?

É muito nova, está sozinha, trata-a com toda a brandura

Não sou varão de branduras, mas vou fazer o melhor

Nessa altura já se aproxima o prior com uma donzela de grande olhos cor de avelã, de cabeça no chão. Quando tímida a levanta o rubor aparece, mal conseguindo encarar o meio-irmão. Tem a beleza da mãe, um sorriso doce muito breve, mas não lhe herdou a determinação. Afonso afasta o homem de sotaina e volta a levá-la para dentro. Sentado diante dela permanece em silêncio uns segundos, a medir cada traço do rosto miúdo, em apelo à quietude que lhe resta no fundo da alma

Não sei se te assustam meus modos agrestes de guerreiro

Nem por isso, agora não

És então Sancha

Sim, senhor D. Afonso, vossa meia-irmã

Entre os meus irmãos e amigos chegados não há tratamento de cortesia.

Eu sou Afonso Henriques

E eu Sancha Peres, como bem sabeis

Já temos a Sancha Henriques, vivia aqui perto em...

Em Riba Lima com nossa irmã Teresa... e antes com ela e seu esposo

Sancho Nunes de Barbosa

Que tens feito até agora, que me queres dizer de tão urgente?

Que tenho orgulho de vós serdes quem sois

Sem tratamento de cortesia. Mas orgulho de quê, se mais não sou que um cristão armado?

Sois... és Afonso Henriques

O único homem entre tuas irmãs, mais nada

Primeiro quero dizer que estou bem. Recebi a minha educação e muito amor, embora possas entender o contrário

E por que havia de entender diferente?

Sempre me apercebi, pelas palavras de nossa mãe, como a julgavas fria, ausente e que te sentias esquecido ou rejeitado

A esta altura do diálogo Afonso levanta-se de forma intempestiva. Não pode evitar que ela conclua a frase, apesar da menor segurança na voz, mas pode dar a entender a pouca disposição para ouvir mais

Mas também tu foste muito amado por ela, meu irmão

E como se fosse imperioso confirmar as palavras, Sancha deita a mão a um pequeno rolo de pergaminho enfiado na bolsa pendente do braço, ao lado das camândulas. Afonso não a deixa continuar, adivinhando uma mensagem da mãe e o rumo inevitável da conversa, antes procura esquivar-se com receio de revelar a natureza fraca em assuntos de família. Trair-se ali mesmo, num momento em que a irmã mais nova de todas vem conhecer o intrépido e famoso Afonso Henriques?

Puxa-lhe o braço delicado com vigor desnecessário para a levar, de novo, à presença dos outros. E já diante deles retoma a conversa em tom impessoal, como se a distância maior servisse de broquel. Sancha começa a sentir a pouca coragem a esvaír-se, o rosto branco outra vez ensombrado por estranha ansiedade

Mas é importante de mais, Afonso. Tenho de fazer o que me trouxe

Importante é termo-nos encontrado, finalmente, saber que estás por cá
Não é só isso...

E ainda o que pensas fazer, daqui em diante

Preciso dizer um segredo, uma coisa mais antiga

Só quero saber de ti agora, mais nada

Para te responder talvez resolva professar. Tenho-me sentido sozinha e só Deus tem sido o meu refúgio

Nesta altura adianta-se Urraca, a maior das filhas do conde D. Henrique e D. Teresa, preocupada com o destino daquela herdeira de sua mãe e de Fernão Peres de Trava. Suplica ao irmão uma ajuda para a conduzir a outro caminho. É formosa, ainda prendada e culta. Seu esposo, tio da donzela, não deixará de olhar por ela como convém, apesar de ter professado no mosteiro de Sobrado, mas Afonso é o único irmão e um dia será rei

Disse-lhe como o tempo passa. Sendo formosa e rica e na idade de casar, não tardará a encontrar o esposo certo. Porque além da herança dos condes de Trava tem direito a um quinhão de nossa mãe, não é Afonso?

Nada do que lhe é devido lhe será negado

Não queres então ajudá-la a decidir?

Não tenho tempo para assuntos desses, Urraca. Coloco em tuas mãos o destino dela. E podes crer, apoiarei sempre as tuas decisões

E virando-se para Sancha com gravidade, onde se adivinha um carinho pouco assumido

Só deves fazer por ouvir o chamamento do céu quando não fores precisa aos chamados terrenos, Sancha

Mas se os terrenos não conseguem envolver-me

Espera ao menos um pouco mais. Se daqui a um tempo a tua ideia for a mesma, recolhe então ao convento

Sancha ainda se esforça por revelar a mensagem urgente, ensaiando palavras logo desencorajadas pela pressa do irmão. E finalmente vencida, dobra o rolo de pergaminho enquanto Afonso invoca obrigações militares, reunião de milícias e outras tarefas urgentes de modo atabalhoado, decidindo a partir quanto antes.

Apenas sugere que ajoelhem com ele no absidiolo junto dos restos mortais dos condes D. Henrique e D. Teresa, talvez ambas consigam ajudar as suas fracas orações a chegar ao destino. Mas não consegue rezar, o pensamento foge para Astorga, para o momento exacto em que o pai expirava tinha ele uns escassos três anos, apesar do entendimento de um varão maior. Pedia-lhe o conde para não esmorecer na vontade de ampliar os seus domínios desde aquele senhorio, para atender aos súbditos com bondade firme. Passou tanto tempo e ainda tem na cabeça o tom solene das disposições do moribundo, a última delas que não esquecessem de o enterrar em Santa Maria de Braga, ermo por ele povoado atento à fé de um Deus igual para todos, e à justiça proporcional aos feitos de cada habitante.

Até agora, parece Afonso ciciar encostado à pedra do túmulo, procurou fazer cumprir aqueles últimos desejos. E não sendo o cristão exemplar que os guias espirituais desejariam, tem esperança da alma do pai lhe dar alento onde quer que esteja para continuar as fadigas na terra, um alento maior quando fixa o braço de S. Lucas, venerado nos dias de festa, que dizem oferta do próprio Godofredo de Bulhão ao conde D. Henrique depois da primeira cruzada.

Ainda as irmãs continuam de joelhos já ele se levanta. Os esforços persistentes de Teresa Afonso não lograram remediar a pouca inclinação para rezar com palavras alheias. De vez em quando algumas frases suas ditadas pela emoção, dantes encorajadas por D. Paio Mendes. Dizia-lhe o seu primeiro chanceler, em tom amigável, que também se reza venerando a natureza, retribuindo o bem.

Por precaução ou respeito a uma entidade divina que desconhece, tem tentado pagar dívidas maiores, e já são tantas, aos santos protectores dos lugares por onde passa. Agradece todos os dias as pernas ágeis, os mús-

culos rijos, o porte altivo de verdadeiro rei, as grandes amizades protectoras desde a infância. E se alguma matança extravasa dos limites do aceitável, também consegue justificá-la com uma máxima inventada por conveniência

Mais vale cortar cem pescoços inimigos do que lamentar a perda de um só amigo cristão

João Peculiar diverte-se, não se cansa de lembrar como é fraca ajuda esse pensamento

Resultaria se o inimigo não pensasse da mesma maneira. Um muçulmano não quer lamentar a morte de outro muçulmano

E como sabes? Mesmo que assim fosse só me competiria fazer a minha parte, não a deles

Eu só te queria lembrar que a mesma filosofia do outro lado não te facilita a tarefa, por isso mantém os sentidos alerta

Manterei, descansa

Peculiar tem um lugar de privilégio na corte. É hábil nas relações com o papado, faz diligências para obter a autonomia do mosteiro de Santa Cruz, de que foi um dos fundadores, para ficar só dependente de Roma. Ainda é oportuno na desmontagem dos seus repentes, transformados em momentos de pacíficas discussões e algum divertimento.

Afonso prepara-se para continuar viagem. Despede-se das irmãs e do prelado, aceita os agradecimentos pela bolsa com maravedis dos bons que mandou pelo chanceler para as obras das capelas laterais, uma delas com os restos mortais dos condes. Bem sabe como avultam donativos dos senhores locais, mas nem toda essa ajuda conseguirá tão cedo levantar o corpo e lavar o rosto da Sé.

Lourenço Viegas, Gonçalo Mendes de Sousa e Fernando Mendes, o *Bravo*, vêm cumprimentar Urraca e conhecer Sancha Peres. O último fica uns minutos sem dizer palavra a olhar a filha mais nova da condessa D. Teresa, antes de ser empurrado pelos outros cavaleiros que querem fazer a vénia. Já montado faz rodar o animal na direcção sudoeste para murmurar ao ouvido do príncipe a boa impressão que lhe causou a cunhada

Lembra muito a minha senhor, não te parece?

Parece-me que uma de minhas irmãs te deve chegar, ou não?

Chega, nem conseguiria aguentar outra. Só comentava como ambas são de comprida formosura.



*os viajantes da noite murmuram o teu nome
e as areias do deserto derramam sobre quem te pisa
o perfume do almíscar*
—Ibn Sara

Depois de andarem uma légua a chuva persistente e miúda anuncia a proximidade do mar. Luzem mais as pedras da estreita via romana entre planícies suaves e colinas desenhadas por floresta agora mais rala, na pressa de alcançarem o vau da ribeira. O *Sousão* tira a custo uma capa do gordo alforge fazendo por arremessá-la para as bandas de Afonso

Tens a capa encharcada, toma

Tão encharcada como a tua, deixa estar

Não sejas teimoso, tira a capa do corpo

Bem sabes que não consinto muito fato. O capote é teu, veste-o tu

Se adoeceres não podes levar por diante a empresa que preparas

Nem tu me poderás ajudar, se não tomares precauções

O Bravo põe termo ao diálogo de ambos, irritado a sério

Raios, parecem donas a trocar agrados. Mete o maldito do capote no alforge Sousão, e calem-se que já não vos posso ouvir

Do outro lado cedo adivinham a igreja de S. Nicolau ainda em construção, a parda albergaria mesmo ao lado. Dirigem-se ao lado oposto, ao mosteiro de S. Pedro de Rates da ordem de S. Bento, um velho edifício românico quase todo reconstruído a mando de D. Henrique e D. Teresa. Vêm acolhê-los ao portão os moradores, meia dúzia de cónegos regrantes de Santo Agostinho, isolados do mundo no meio das terras oferecidas pelo conde ao priorado francês de Cluny, La Charité Sur Loire.

Apesar do aspecto simples dos frades não se pode dizer que seja uma comunidade pobre, a julgar pelo interior da igreja de três naves. Nem poderia ser, recebedora das dízimas de cereal, vinho, fibras de linho, gado, cultivos de outras terras compreendidas entre Douro e Mondego. Dispensam aos cavaleiros a dignidade devida aos acompanhantes de um verdadeiro príncipe, honra depois repetida na fartura da mesa onde o pão quente, as lebres e as galinhas assadas acompanham os legumes da horta aferventados. Ainda assim desculpam-se pela humildade da ceia, informados à pressa da chegada do senhor D. Afonso, e só gabam a excelência

do doce de abóbora acabado de fazer essa manhã, servido com pinhões e nozes.

Trocam entre si olhares quase decepcionados. Afinal aquele a quem já chamam rei não é de comidas fartas, pouco aprecia as novidades com tanto gosto cozinhadas a pensar nele. Antes prefere, no seu zelo de governante, saber o que falta reconstruir no convento, se as gentes dos coutos homiziados têm levantado problemas ao pagamento das dízimas e das passagens pedonais, ou ainda se em alguns dos mais fortes se adivinham qualidades de guerreiro.

Os companheiros, tirando Gonçalo que parece saciado, pouco ligam à conversa, esses sim, derretidos com o tempero, a suculência das carnes. Só refreiam a gula quando o príncipe pede descanso ao abade e irmão Mendo lhe indica o quarto mais amplo. Na verdade não é bem um cómodo, mas um rectângulo com vinte palmos de comprido por dez de largo, no extremo da luz da candeia que o frade levanta com a mão direita, acima do rosto

Cá estamos, senhor. Aqui dormireis descansado

Tendes a certeza?

Como não? À noite, quando estamos sós, é como se Deus tivesse partido esta fatia de terra e a encaixasse no céu

Dizei então a meus companheiros para acabarem com as chufas em alta voz. Se não se calam vou lá e passo tudo à espada

Direi, num minuto estará tudo calmo, senhor D. Afonso

E o frade afasta-se a sorrir, divertido com o jeito falsamente truculento do futuro rei.

No outro dia acordam cedo. Está previsto chegarem a Roriz nas terras de Negrelos, dominadas pela citânia de Sanfins e pelo vale do Vizela. O destino é o mosteiro de S. Pedro fundado por D. Toure Sarnão para lá da barreira do rio Ave. Começam por alcançar o anfiteatro de encostas agora varridas pela geada, encostas matizadas na Primavera e Verão de fustes ramagens que joeiram o Sol até às árvores de fruto. Só depois as terras mais planas com hortas verdejantes, nas leiras divididas por muros de granito onde se amparam cepas de videira.

O mosteiro está construído sobre o antigo templo romano. Já foi derubado pela teimosia dos mouros, de novo reconstruído pela persistência cristã entre os reinados de Afonso III e Fernando Magno no esforço da Reconquista, mas neste momento afirma-se invencível na imponente pedra. O portal de três arcos sob uma formosa rosácea assenta em colunelos rematados por capitéis bem decorados. E embora lá dentro a igreja pareça singela só com uma nave, cedo se percebe a grande monumentalidade pelos muitos côvados de altura. Tem estruturas laterais com entrada directa, destinadas a cerimónias funerárias e a enterramento.

Ao fundo desta paisagem fica o largo atolado de lama onde esvoaçam galinhas e patos, onde os porcos chafurdam alheios ao movimento das aves. Muito para além dele ficam as pastagens rasteiras. Nesta altura do ano acolhem gado miúdo sob a vigilância descuidada de meninos moçarabes, em pequenas parcelas de terra herdeiras do latifúndio. Atraídos pelo latir dos cães os pais apoiam forquilhas nas medas de palha racionadas nos palheiros, enterram machados na lenha empilhada rente aos muros de pedra. As mães assomam ao portal dos casebres de mangas arregaçadas, braços ainda molhados de almece do coalho a minguar nos cinchos, para correrem depois a fechar os currais dos bácoros à solta.

A passagem do príncipe acontece uma vez na vida. Será dos mais importantes marcos referenciais no alheamento de tempos desta gente dependente do sol e da chuva, das sementeiras e colheitas. Passam as costas da mão pelo rosto suado quando o tropel se aproxima, retiram-se quando a paz fica de novo assegurada. Afonso pensa no lugar, já um aglomerado importante ao tempo dos romanos, como senhorio da sua futura coroa. Talvez o passe para as mãos dos cónegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, agora que recebeu o hábito de cónego de terceira ordem das mãos de D. Teotónio.

Quando desmonta na praça ao lado da casa do povo é cercado pelos maiores, por sua vez rodeados por uma cinta silenciosa de trabalhadores da terra em atitude de respeito. Lá dentro repete o ritual. Toma conhecimento das carências, promete doações, diz-se confiante na boa administração dos frades em parceria com as autoridades. Uns e outros ajudarão a fixar os habitantes em redor dos mosteiros, homens e mulheres que mal sai o beijam com a languidez do olhar.

Depois dá mais um pulo a Paço de Sousa para as últimas despedidas à família de Egas Moniz, antes da cavalgada para leste até Mesão Frio. As bordas do rio no começo dos Verões que recorda, são das mais belas paisagens que já viu, paisagens desenroladas quando as noites duras de campanha não deixam chegar o sono. Agora regista o clamor das águas em correrias lamentosas, depois do fragor de nascentes despenhadas do alto, o dossel cinza das nuvens cruzado pela plumagem das aves, o enquadramento de rochas gigantes amparando vinhas nas escarpas.

Umhas horas depois já feixes de sol rasgam a gaze que escondia o esplendoroso azul, sedento dos ponteiros verdes das terras tão fartas de vinho e pão que jamais as doaria. Como não dispensaria comungar da simpatia das gentes que o encaram como salvador, fêmeas e varões que acenam ainda da negra porta de casais e choupanas esperançados em que o reino se edifique sem sobressaltos, sob a sua protecção. De passagem ouve-lhes as necessidades, promete melhorias num futuro próximo, condoído com a palidez dos rostos

É muita fome senhor..

Muita fome senhor..

Muita fome...

Vozes baixas, quase interditas aos ouvidas dos detentores de tenências, gente próxima do rei, dentro desses domínios com poder de execução da justiça pela mão de seus delegados. Afonso chega-se mais perto de Gonçalo Mendes de Sousa

Fome em terras tão fartas? Trata de saber porque não desenvolve o Rã-nha a região que governa

Nem eu sabia. A ver se meus servidores começam a trazer informes mais detalhados. Vai pensando em nomear Afonso Viegas

Já estou a pensar. Mesmo assim apura porque passa fome esta gente e dá-me conta. Como podem fixar-se na terra se nem ao menos o pão lhes é garantido? Nestas condições qualquer um se pode bandear para o inimigo

Quando entra na barca até ao outro lado, de pé durante toda a travessia, é a imagem do supremo líder, imponente figura de pele tostada a deixar o vento ligeiro e os chuviscos afagarem-lhe os cabelos castanhos e a barba a roçar o louro.

Não pode afastar a ideia do que viu. Ainda há tanto para fazer, de modo a levantar o reino que já lhe confiavam mal pegava numa espada. Se soubesse quanto penam os homens do condado para ganhar o pão negro, teria ordenado mais cedo medidas aos governadores. E pergunta-se em voz alta, de frente para o barqueiro, se não será muito pesado o custo da travessia para quem sustenta a vida com a força do trabalho

Quanto pagarão para atravessar o rio?...

Demasiado, meu príncipe, para o pouco que recebem de seus amos ou das jornas, no caso da gente livre

E há sempre em que trabalhar?

Aí é que está, meu senhor, nem sempre há o que fazer

Como sobrevivem, então?

As gentes formam em bandos para atacar na fronteira... até eu, se quero sustentar a barca

E há tanta terra disponível

Mas sujeita a muitas incursões inimigas, senhor

Bem sei, muitas fadigas me custam as defesas, mas não posso chegar a todo o lado

O homem percebe revolta, emoção sob os músculos tensos do rosto do já lendário príncipe, agora a cruzar os braços fortes como troncos que tão bem fazem brandir a espada de mil e duzentos gramas. O futuro rei tem um coração enorme a pulsar sob a couraça, condoído com o destino dos mais pobres. Deve saber das eiradegas e fogaças obrigatórias dos campone-

ses aos senhores da terra, ciosos da satisfação de seus privilégios, mas talvez a partir de agora dispense parte do que lhe cabe e outros nobres nos seus domínios lhe sigam o exemplo. Quando sai da barca põe a mão no ombro do barqueiro e fixa nele os grandes olhos de um castanho esverdeado, como as folhas das árvores a secarem

Até sempre, haveis de ter novas minhas

Até sempre meu príncipe

Chega a Lamego quase ao mesmo tempo do governador. Soeiro Viegas antecipa-se uns minutos vindo da ronda pelos limites do concelho, só o tempo de passar o portal da sua honra paçã para se inteirar do andamento da recepção ao irmão adoptivo. Vê-lo-á melhor daí a pouco. Por agora percebe a correria de velhos amigos da infância, hoje senhores da terra, ao encontro dele mal os cavalos se acercam do tanque antes do pelourinho. Alguns vão acompanhados pelos criados que logo beijam a orla da capa ao futuro rei, incomodado com tão servil manifestação de respeito. Como prevêem os cavaleiros, Afonso Henriques levanta só com um braço os homens ajoelhados

Nunca gostei de ver rijo varão beijar o fato de outro varão. Esses gestos bom agrado farão às donzelas casadoiras, não a mim

Mereceis muito mais veneração do que qualquer senhor, D. Afonso

Deixai-vos desses discursos ou vossa cabeça rolará pelo caminho

Riem muito os ricos-homens, os outros não sem receio. Agora direitos a casa do governador com os cavalos pela arreata, os influentes da cidade vão adiantando informações, já Soeiro espera à entrada da residência e Afonso o confronta com a omissão

Só tu não vieste receber-me

Acabo de me appear. Vi tanta gente em teu redor que fui saber se o repasto e o vinho estão dispostos a teu modo. Mas meu irmão já não sabe o caminho de minha casa, também sua?

Falas de Lourenço ou de Afonso Henriques?

Falava de ti, por isso cuidava do vinho

Se é do mesmo que costumás mandar de certeza está do meu agrado

É igual, já mandei envasilhar mais algum

Mais ainda? Já não há lugar nas adegas de Coimbra

Vem ver como se perfilam as cubas deste néctar amparadas por canteiros nas minhas adegas, bem mais pequenas que as tuas

Afonso visita as adegas, bebe, come, fala com os grandes olhos adocados pelo reconhecimento, estimulado por esta sintonia de afectos. Continua forte o sentimento de proximidade com a família de Egas Moniz, a sua própria família. Soeiro, Lourenço e Afonso Viegas agora ausente, são três dos irmãos com quem partilhava jogos de infância, tão nítidos na memória

que chega a recordar as dependências da casa, o terreiro antes das hortas e pomares, até o rosto dos servos. Passou nesta terra três dos mais felizes anos da vida enquanto Egas governava a cidade e a família dele crescia harmoniosa.

A organização do burgo já então estava adiantada, agora parece perfeita. Aqui pela lei do foral há dois alcaides centrais, um nomeado por ele mesmo, outro eleito pelas gentes boas da terra. Acrescentam ainda autoridade dois juízes de paróquia, um de sua confiança e outro nomeado pelos habitantes mais prestigiados. E acima de todos, a presidir à assembleia dos cavaleiros está Soeiro, a desempenhar as mesmas funções atribuídas ao pai na altura em que eram crianças e cavalgavam pelas terras à volta. No Verão aprendiam a usar a espada nas eiras limpas, depois passavam aos palheiros abrigados quando a chuva regava os campos durante semanas seguidas.

Sobrava-lhes então o tempo que agora escasseia. Para matar saudades das conversas alegres e poder visitar os lugares mais vivos na memória, Afonso fica por essa noite com os companheiros chegados. Fazem um longo serão de velhas histórias e um curto sono. No outro dia bem cedo, com Soeiro por companhia, faz o desvio até Cárquere em galope refreado, para associar-se ao acto piedoso diante da virgem a quem a mãe adoptiva rezou. Pedia pela criança que tinha nos braços e um dia havia de ser rei.

Depressa avistam campos de lápides antigas misturadas com rochas e terra, casas de alpendres orgulhosos escorados por velhas colunas romanas, casebres muito dispersos onde se adivinham rostos na nesga de luz a forçar o negrume do espaço interior. Mas não se avista vivalma. Finalmente a devota homenagem à virgem que teria feito o tal milagre com as suas pernas de recém-nascido aleijado. Reticente na crença não pode negar que ficou bom. Com dois anos já corria a casa toda e os espaços à roda.

O passeio é breve, antes do regresso ao povoado para as saudações ao bispo de Lamego. E por fim a conversa a sós com Soeiro, umas gotas de alento para o resto da viagem

Que me dizes da recruta de cavaleiros, Soeiro?

Deixei a ideia a fermentar nesta última ronda. Quase posso garantir que não será difícil

Gente de confiança?

Deserdados de boa linhagem, mortos por pelejar e receber alguma coisa

É preciso alimentar a máquina de guerra com mais efectivos

Agora só falta entregar montada e armas aos que demonstrarem estofo para integrar a cavalaria

Como vais arranjar os animais?

Animais e armas, queres tu dizer

Para as armas aqui tens uma bolsa de ouro, põe ferreiros e alfagemes a trabalhar

Está bem. Para os animais porei mais algum do meu, vai descansado

No mesmo dia Afonso continua viagem com frei Raimundo e Lourenço, um de cada lado, e o *Bravo* à frente da centena de cavaleiros. A velocidade do galope é ajustada às condições do terreno num percurso com destino aos domínios de Alafões, como diziam os mouros, governados pelo notário Pedro Roxo. Antecipa a recepção nestas terras úberes para lá das enxaras já a pensar num longo descanso, depois de matar saudades de um tempo pincelado de afecto.

As casas dispersas avistam-se desde o cimo do monte onde pensa erguer, no lugar dos eremitérios, o mosteiro beneditino de S. Cristóvão, já o seu coração de guerreiro bate desordenadamente diante de tanta beleza. Houve sempre ocupação humana deste chão desde os primeiros homens, como ele sedentos das lufadas de ar puro que oxigenavam os seus pulmões de criança, da excelência da água que mais tarde havia de curar-lhe as pernas deformadas à nascença, da mesma simpatia das gentes que lhe davam as mãos e o banhavam em cada dia da temporada anual, enquanto ensaiava os primeiros passos.

A geografia de verdes é a mesma. Rios e ribeiras espumam a velha alegria nos açudes, o Vouga em pacífica serpentina entre paisagens matizadas. O tom mais escuro bordeja as faldas das serras à volta, atenua-se nas pequenas elevações que anunciam a planície ensolarada, o mítico silêncio dos espaços sagrados. A paisagem humana sofreu modificações, só persiste na herança do sangue, na oferta generosa de sorrisos reverentes.

Como lhe sabe bem fazer uma caminhada para rever velhos recantos que descobria sozinho. Primeiro quer voltar ao lugar das caldas sulfurosas construídas sobre o *balneum* romano, para dar um abraço rijo aos novos homens do banho. Ficam honrados pelo gesto caloroso que contraria histórias de violência. Depois aguarda-o a pousada do mosteiro de S. Pedro, das últimas paragens da longa jornada de reconhecimento das necessidades locais. Espera dormir na paz dos anjos acolhido como o filho pródigo que regressa para partir de novo, eternamente grato por ter podido caminhar um dia.

Uma donzela órfã que foi ficando por aqui
 Pois sim, mas filha de quem?
 Gente de Santa Comba, por parte do pai, e do conde de Gouveia com
 terras por ali e em Lorvão, pelo lado da mãe
 Mas que gente afinal era a do pai?
 Não se sabe. Era um semi-servo de bom ar que ousou donear a filha
 do rico senhor e teve de fugir para estas bandas quando ela apareceu prenhe
 E o que aconteceu depois?
 Primeiro fixou-se por aí, onde soube um dia que ela morreria de parto.
 Passou a cultivar um campo, a podar umas vides e depois do mosteiro lhe
 ceder aqui duas leiras, subiu na vida e chegou a vilão
 O conde nunca o encontrou?
 Ao certo nada se pode dizer
 Como veio ela cá parar?
 Dez anos, desde que nasceu, ficou ao cuidado da abadessa do mosteiro
 de Lorvão, da família de D. Eusébio. Posto isso o pai foi reclamá-la, cuidando
 ter sido esquecido o seu feito. Chegados aqui viveram em paz uns quatro anos,
 mas um dia qualquer apareceu morto
 Apuraram quem foi?
 Aí está o mistério, senhor. Uns dizem que o quiseram levar por causa do
 segredo da fermentação das uvas
 Por tão pouco não seria
 Outros que foi vingança do conde, inconformado com a morte da filha,
 e outros ainda que foi um infanção destas bandas que não suportou nega-
 rem-lhe a donzela em casamento
 Se fosse um infanção eu saberia. Inclino-me para a segunda corrente
 Também nós por aqui, D. Afonso
 Quero saber como chegou ao mosteiro, onde a tratais como serva
 Com quinze anos formosos e muitos varões ainda hoje atrás dela, veio
 pedir acolhimento. Por aqui tem ficado, vai para três anos, mas não a vemos
 como serva, apenas lhe damos que fazer
 Que fazer... Como reage agora à perseguição dos varões?
 Do mesmo modo, sagaz como raposa, ligeira como lebre. Asseguro-vos,
 senhor, que não a têm filhado
 Afonso retira-se para descansar, desejoso de esquecer o rosto besun-
 tado de gordura dos seus homens, ainda não saciados de comida e remo-
 ques. Fixa os olhos escuros da moça de longas tranças a espreitar sorrateira
 sobre o ombro, quando passa rente à porta da cozinha. Pode ser pouco mais
 do que serva, mas é nobre o esboço do sorriso com que retribui o do prínci-
 pe, um sorriso que lhe ilumina a subida das escadas negras.
 Já no quarto faz um rápido reconhecimento da paisagem por detrás

das portadas de madeira, apenas semiabertas, para continuar a ver uma nesga de céu. Deixa cair a capa sobre o saio de malha, o cinto com a fivela que segura a bainha da espada, uma bolsa pequena de couro. Por debaixo das peças tombadas no chão de pedra apalpa a protecção almofadada, agora quase enxuta pelo calor do corpo. Despe-a também. E só depois de esfregar os membros enregelados experimenta o leito reservado às visitas importantes, a olhar o tecto pardo da humidade.

As melhores recordações nem sempre vêm intactas, às vezes aceitam a companhia de imagens sombrias como sonhos recorrentes, sonhos que ameaçam a paz de espírito quando o corpo se deixa amolecer. Vê nitidamente o rosto carinhoso do pai, o belo sorriso da mãe para lá da mão que lhe acena um invariável adeus. E um pouco mais atrás no tempo, ainda na corte de Leão, uma figura resumida a um capote negro a tomá-lo aquela noite de um colo para o seu próprio colo, entre palavras de desalento dos condes já pais de três infantas saudáveis.

De tanto ouvir o relato a Teresa Afonso escuta a voz grave do conde D. Henrique gravada na alma, a lamentar ter esperado treze anos por um herdeiro incapacitado para lhe suceder

Aleijado, Egas, meu filho varão aleijado das pernas

Vamos cuidar dele como nosso, os meus mais velhos hão-de ser uma ajuda para o desafiar

Faz o que pudes. O condado precisa de um chefe de meu sangue, de sangue do avô agora à beira da morte

Será o nosso líder, prometo-vos D. Henrique

Se não for capaz de andar há outras capacidades e ninguém melhor que tu para as fazer desabrochar, Egas Moniz

É uma criança forte e em tudo o resto perfeita, há-de ser capaz de andar... Não choreis D. Teresa

Nem sei se será castigo

Castigo por quê? A minha senhor e eu vamos fazer dele um grande rei, vereis

Na sela do palafrém, lá fora, desenhava-se a figura feminina que recebia das mãos de Egas o pacote agitado por um vagido forte, o temperamento do recém-nascido a manifestar-se pela primeira vez fora do ventre materno. Depois uma longa cavalgada de silêncios ruidosos até ao vazio, um silêncio mais fundo como um sono de dias. E uma manhã, já o sol da consciência rompia as nuvens, foi a visita à gruta onde seria erguido o mosteiro de Nossa Senhora de Cárquere.

Mais tarde repetiam-se os banhos nas caldas de Lafões, muitos rostos sorridentes a olharem-no com adoração. Havia sempre um cuidado estranho com aquele colar de couro com uma cruz de ponta comprida e dentada

que Egas lhe colocara ao peito desde o ano de idade. As mãos estendidas daquela gente incitavam a marcha, primeiro desajeitada, depois corrigida pela sabedoria paciente do endireita dos banhos. Evitavam todos que a cruz de metal batesse no corpo do menino, quando de encontro aos corpos adultos que o acolhiam. Até que um dia começou a correr, caiu, levantou-se e recomeçou tudo de novo, como qualquer criança da mesma idade com maior determinação.

Quando o pai expirava em Astorga e pedia para lhe falar, era já um infante robusto atento a tudo à sua volta. Foi bom que D. Henrique o tivesse visto curado, foi bom ver o verdadeiro pai uma última vez. Tremia-lhe a mão de moribundo ao segurar a cruz do colar que Teresa Afonso puxara para fora das vestes, um colar que pelos vistos o conde bem conhecia. E sorria, vaidoso do seu rebento, ciciando palavras na altura estranhas aos ouvidos de Afonso... *A chave que tudo abre. Nunca te apartes dela meu filho, da chave que tudo abre.*

Daí em diante era Afonso Henriques, único herdeiro varão de Henrique, nascido em Dijon, quarto filho do duque de Borgonha, irmão de Eudes I, por sua vez cunhado de Raimundo. O outro parente influente era Hugo, que abdicara do título para se tornar abade de Cluny. A norte do Douro diziam-no tio de seu pai, mas eram irmãos, todos descendentes do rei Robert I de França.

Afonso VI, o avô materno, dera ao conde Henrique em casamento a filha natural Teresa de seus amores com a concubina Jimena Muñoz, filha de um rico senhor de Vilafranca del Bierzo. E ainda mais curioso, o conde genro era sobrinho de sua segunda mulher Constança de Borgonha, mãe de Urraca. Parecia haver uma atracção de Leão e Castela pelo sul de França, ou ao contrário, por tanta gente vir da terra onde o cenóbio dos monges beneditinos de Cluny começara uma reforma baseada nos princípios teocráticos emanados de Roma. A adesão à ideia de um Ocidente submetido política e religiosamente a toda a Cristandade, parecia descrever um movimento mais acentuado de Borgonha a Leão.

Afonso agita-se no leito pequeno de mais para o seu tamanho, as memórias misturando vozes, rostos agora toldados por uma saudade magoadada. A imagem dos condes funde-se com a dos pais adoptivos, as três irmãs legítimas repetem-se nas expressões das filhas de Egas Moniz, até nos traços daquela meia irmã que acabou de conhecer na Sé de Braga. Murmura o nome dela com suavidade, depois logo gritado pela revoada de más recordações aliadas ao nome do pai, um Peres de Trava. Volta-se de novo, grita o pesadelo recorrente que lhe amarga a existência há onze anos

Não, não mandei encarcerar a condessa minha mãe... limitei-me a expulsá-la com o amante. Não fui eu...

Acorda banhado em suor. Perdido no tempo olha em redor a medir o espaço exíguo com a mão instintivamente na guarda da espada, ali ao lado. A luz das estrelas ilumina um céu de repente limpo para lá da janela, mas cá dentro tudo parece igual como quando se deitou. A não ser que devem ter passado algumas horas e a porta maciça cede, devagar, como se tivesse vida própria dando passagem à donzela das tranças, agora de cabelo caído pelo tronco a segurar a bainha da camisa de linho. Vem na sua direcção, decidida como guerreira. Mal se acerca do leito limpa-lhe várias vezes em silêncio o rosto molhado, só depois de algum tempo sussurra palavras de apaziguamento

Deve ter sido um sonho mau, meu senhor, sossegai

Foi um pesadelo, não consigo livrar-me dele, por mais que tente. Por uma mentira mandaram um cardeal a Coimbra para me excomungar

E quem foi o autor da mentira?

Ninguém que te interesse. Afinal como te chamas?

Elvira

Só Elvira?

Elvira Gualter, meu príncipe

A quem pertences?

A mim

E por acaso sabes quantos anos tens?

Aqueles que vos disse o irmão Sancho, à ceia. Ouvi tudo

Preparam-me casamento dentro de uns anos. Gostarias de servir em minha casa a senhor do futuro rei D. Afonso?

Gostaria de servir o meu senhor até à morte

E o que sabes fazer para bem me servir?

Tudo o que for preciso... e o que não souber vou a tempo de aprender

E tão solta na entrega se insinua que Afonso não lhe resiste. Envolva-a com os braços fortes, as mãos enormes a semear afagos pelo rosto, pelas madeixas negras de cabelo sobre o corpo proporcionado de Elvira. Conclui, em rápida descoberta, uma ternura mal domesticada dentro de si que encontra igual enternecimento no fundo dos olhos dela. E nessa leitura fundamenta o ciclo de pequenos sons, uma frase quase imperceptível que ela acolhe sem protesto

Preciso que te deites a meu lado, nada mais

Bem cedo pela manhã, ainda Elvira dorme, já Afonso se detém por detrás das portadas agora quase todas abertas. Do lado de fora um tempo pesado, tão pouco conforme à leveza do seu peito. Continua a chover como há dois dias, miúdas gotas de água unidas em capa sobre a densa vegetação. Assim mesmo é acolhedor o espaço em redor do mosteiro, avistado desta ala que

lhe serve de hospedaria. Dá uns passos atrás para abanar o corpo macio da dona entregue ao calor da cama. Já devia ter partido para Coimbra pelo menos há uma hora

Elvira, levanta-te...levanta-te, faz como combinámos ontem. Terei de seguir viagem daqui a pouco

Elvira parece um relâmpago. Em menos de nada senta-se, esfrega os olhos, levanta-se, esgueira-se pela porta com a camisa enrugada sob o sorriso protector de Afonso que vai descendo atrás dela tomando diferente direcção. Antes de passar pela sala do capítulo detém-se num cubículo forrado de prateleiras com volumes de pergaminho, para dar uma palavra importante ao abade. Minutos depois segue com ele para o desjejum, já cavaleiros e frades ocupam os lugares à volta da comprida mesa com malgas de barro nas mãos. Devoram papas de aveia, chá quente de cidreira e mel, pão fofo com ovos e leite acabado de sair do forno. O irmão Sancho vem a correr com uma cafeteira de barro servir o quase rei. Curioso desde a véspera, pergunta-lhe porque come tão pouco

Julgavas então que Afonso Henriques era um javardo, a devorar o desjejum ou a ceia com o rosto dentro do prato oleado de gordura?

Não, senhor, só entendia precisar vosso corpo forte de maior quinhão

O segredo está em comer o essencial, bom irmão Sancho. O que não é preciso tem de sair, só nos enreda mais, e eu não tenho tempo a perder

E dito isto levanta-se. Gonçalo mantém a altivez da linhagem como se o comentário o não tivesse atingido, mas o *Bravo* conserva o rosto crispado pela insinuação do príncipe sobre modos rudes. Quanto a Lourenço sorri, habituado à frontalidade de Afonso, agora mais perto dele para lhe confiar pormenores de um segredo inesperado

Vou levá-la comigo

Quem...a donzela semi-serva?

Elvira é o nome dela

Resolveste assim de repente?

Ontem mesmo. Não comentes nada ainda, deixa que os outros se adiantem um pouco e depois vai buscá-la à porta da cozinha, rente à horta

Lourenço espera que todos se levantem para sair a correr direito às traseiras, depois já na companhia de Elvira segue até aos cavalos aparelhados. Restam poucos. Bem atrasado em relação à centena de cavaleiros e aos companheiros já montados, aparece quando a formação está pronta para a partida. Traz duas éguas pela arreata numa das mãos, o cavalo na outra seguido de uma terceira égua montada por Elvira. A surpresa dos demais é tanta que agora, já em cima do seu ginete, começa a explicar a linhagem das bestas para ver se desvia as atenções cravadas na dona

Esta e aquela são filhas de uma égua branca das terras de Gonçalo

Mendes, nas margens do Tâmega. Carregam o excesso de bagagem para evitar o cansaço dos nossos cavalos e a muda frequente

Não estamos assim tão longe de casa, ou estamos?

É a voz áspera de frei Raimundo. Perfilado à esquerda do príncipe com cara de poucos amigos, sente vontade de lhe perguntar o que acaba de fazer. Os frades estão de boca aberta pela inesperada partida do único elemento feminino do mosteiro, mas Afonso não parece disposto a dar explicações, a não ser umas palavras em voz baixa ao abade que encostado à barriga do seu cavalo ainda permanece incrédulo

Têmais em levá-la, D. Afonso?

Não é lugar para ela

Tem sido até agora, senhor

Pois, mas não vos procurei há pouco para dizer que na noite anterior aconteceu doneá-la?

Ouvi mas custei a levar a sério. Valha-nos Deus

E que tem? Vou levá-la comigo, pronto

Como quiserdes, senhor

É do agrado de Elvira, feliz como se vê no cimo da mula branca a tentar sossegar com gestos o pobre do irmão Sancho. Só a ele segredou razões por ter sido seu tutor, mas nem assim o frade pára de esfregar os olhos com a manga do hábito para disfarçar as lágrimas.

Só faltam as ordens de Afonso, em conferência com Gonçalo Mendes de Sousa

Que caminho tomamos, Sousa?

Ou vamos daqui a Cabeço do Vouga para apanhar a via principal Bracara-Aeminium, ou seguimos por caminhos secundários. Como preferes?

Lourenço adianta-se para dar um parecer. Muito habituado às viagens sugere atalhos mais estreitos como forma de evitar encontros perigosos. Mais por Elvira, que no entanto se recusa a dar parte de fraca. O *Espadeiro* insiste. Afinal o atrevimento dos mouros repete-se em incursões para cá das lindes do condado, quem sabe se ajudados por famílias cativas dos *valis* entretanto perdoadas

Viramos para ocidente direitos ao vicus romano da Bobadela com passagem em Santa Comba e logo Coimbra

Como sabes que quero passar em Santa Comba?

Conheço-te melhor do que tu mesmo, Afonso

Todo a jornada tem chovido intensamente. As capas não evitam os ossos alagados, a sensação de desconforto aumentada pela iminência de perigo. Afonso sugere uma pausa à frágil amazona

Podemos parar um pouco, se quiseres

Não sou assim tão frágil, meu senhor, recuso responsabilidades no atraso da coluna

Sacode então as pernas para te aqueceres, isso... agora faz pressão na barriga da mula para estimular o galope

O Braganção pasmado deixa-se ficar para trás para dar uma palavra a Gonçalo Mendes de Sousa

Já viste como se comporta com ela?

Como todo o varão com nova dona

Uma serva do mosteiro trajada de burel

Não é serva, bem ouviste a história

Contada à medida da conveniência

Pareces reformado, quase um santo. Esqueceste o ascendente que tinham sobre ti as barregãs?

Nunca mais fales das minhas barregãs senão...

Senão o quê? Vai lá para a frente e deixa-me em paz

Fecha-se já a noite quando avistam as linhas sumidas de um povoado. Afonso incita o cavalo até à única hospedaria das redondezas onde acabam por entrar. A sala é grande, quase só iluminada pelo braseiro farto

Aqui é Santa Comba, Elvira

Não me lembro de nada senhor, passei a vida toda no convento

Se quiseres mando que te levem para matares saudades. Irás ter conosco a Coimbra um ou dois dias depois

Não tenho saudades da prisão, só do colo de duas irmãs

Esta é a terra de teu pai, algum laço deves sentir

Vazio é o que sinto, choupanas miseráveis é o que vejo. Quando fordes rei vede se cada um pode ter um lar mais digno

Primeiro é preciso muita fadiga para garantir a independência do chão. A casa virá depois. Agora vê se comes porque temos de seguir ainda hoje

Ainda hoje até Coimbra?

Acho que sim. Com a chuva os inimigos procuram o calor da casa, deixarão o caminho livre para nós

Apesar de ser um homem rude, pouco habituado a pensar os sentimentos, Afonso não pode deixar de perceber como o coração se lhe adoça quando fala com Elvira. Desprotegida, isolada do mundo no mosteiro, ainda assim com tão apurada noção das injustiças que nem diante do futuro rei se detém. E ele gosta de lhe ouvir os reparos aguçados, como se fosse a sua própria consciência a reclamar atenção às pequenas lacunas.



*não são de fogo estes olhos
de infante que se transforma?*
—Abu Novas

A cidade dorme ainda, embrulhada num manto cinzento e húmido. Eterna, mesmo assim, o rio a deslizar entre choupos e vergéis, o cheiro intenso dos laranjais a evadir-se das ínsulas que guardam no seio os futuros mantimentos.

As chuvas devem ter arrastado os detritos colina abaixo até ao lamaçal mais liquefeito pelas cheias. Alçam agora, entre chapinhos de cascos, as barracas dos mercadores coladas à muralha de taipa, já a porta enorme se vai abrindo por ordem do zeloso atalaia. Aproximam-se lentamente da alcáçova, emaranhados nos becos tortuosos do casario onde belas portas chapeadas marcam a paz de lares antes mouros, hoje cristãos e moçárabes.

A meio da subida dois guardas vêm ao encontro do grupo com rostos fechados. Primeiro tratam de acomodar Elvira a mando do príncipe, depois caminham ao lado dele em silêncio. Devem preparar o momento de contar ruins novidades. São instantes tensos. Afonso Henriques manda um criado chamar Fernão Peres, o *Cativo*, antes alferes e designado sucessor de Egas Moniz como mordomo. A governar terras de Viseu, Lafões e Oliveira do Hospital devia ter chegado um dia antes por caminhos diferentes. Mas não chegou ainda. Pede então a presença do notário da cúria, Pedro Roxo, também por aquelas bandas enquanto se quedavam em Guimarães.

Entretanto já na grande sala de paredes nuas onde a pedra de Ançã vigia, um dos guardas relata as novidades pouco animadoras, baixando-se ao nível do criado que descalça o príncipe

*Apanhámos ontem gente estranha espalhada pelo arrabalde, senhor
Que quereis dizer com gente estranha?*

Estavam disfarçados mas eram mudéjares a tentar vender albardas e traveses muito apurados. Um de rosto mais claro parecia curioso de mais, ao cair da noite já rondava o postigo da Genicoca. Até pedia entrada para fazer uma demonstração. Pensámos logo em espões almorávidas

E ousaram abrir-lhe a porta?

Estava tudo controlado. Queríamos retê-lo para averiguações enquanto

fingíamos dar-lhe pistas. Mas só hoje de madrugada confirmámos que ele e os outros eram mesmo espões

Como sabeis que eram mesmo?

Foi interrogado por Martim Guedes. Forçado de muitos modos... sabeis quais... já vedes que lhe arrancou o que queria. Mas não é coisa boa de se ouvir

Vigiam-nos todos os movimentos... foi isso que apurastes?

Foi, senhor. Parece que o rei Ali está a morrer e o emir Tashfin de Sevilha teve de partir para Marraqéx

Até aí nada de preocupante

Mas antes deixou um plano de ataque que confiou a Az-Zubayr

Az... quê? Falai de modo a que vos entenda

Rodrigo Pais, o alcaide, acaba de entrar. Conhece bem os costumes muçulmanos, a pronúncia dos nomes árabes. Adianta-se logo para ajudar a resolver o enigma

Ismar, senhor, governador de Granada depois de ser vizir de Ali e Tashfin

Bem sei, aquele que diziam governador de Santarém. Ainda que não queira não posso negar a esse cão qualidades de guerreiro

Agora é também governador de Córdova, dizem, e por algum tempo senhor de todos os muçulmanos

Raios... deve ter meios para convocar toda a Espanha islamizada, o norte de África. E se resolve atacar antes de me chegarem reforços?

Afonso não consegue serenar, em passeio nervoso de um lado para o outro na mira dos olhares apreensivos dos companheiros. Se alguma de suas conversas transpirou levando os inimigos à antecipação, o perigo pode rondar mais cedo.

Na falta de informação consistente, Pedro Roxo precisa ter uma ideia do número de efectivos para começar a fazer o registo da composição das hostes. Já não se trata de desafiar, mas de responder a um eventual ataque maciço dos almorávidas. Ora isso exige urgente organização. Pergunta ao príncipe se pode dar andamento aos preparativos que lhe dizem respeito

Achais que devo começar a preparar a minha parte, senhor?

Claro que sim, alinhar ideias e calcular efectivos é trabalho adiantado

Quando está previsto chegarem os reforços do norte?

Só lá para meio do ano. Mas se houver confirmação dos boatos terei de chamá-los mais cedo

O meio do ano não vem muito longe. Mas quanto a mim se os mouros quisessem atacar parece-me que já o teriam feito, não achais senhor?

Sois capaz de ter razão. Mas imaginai que a qualquer momento se decidem a fazê-lo

Então é melhor o alferes convocar as forças disponíveis e começar os treinos com elas. A instrução aos reforços logo se verá

O guarda tem seguido a conversa de Pedro Roxo com Afonso Henriques. Quando percebe a pressa nos preparativos retoma a palavra, agora com olhos brilhantes

*Pois aí é que está, senhor, ainda não disse tudo o que revelou o espião
Então de que estais à espera?*

Diz ele que têm de cumprir-se em Marraqéx as cerimónias da sucessão, o juramento de fidelidade ao novo rei, e assim sendo todos os governadores das províncias e chefes das tribos devem lá estar mais algum tempo

Estais certo que antes disso não avançam?

Quase certo, senhor D. Afonso. Ismar espera o reforço de mais beduínos do Maghreb e mercenários sudaneses para juntar às massas de Sevilha, Badajoz, Al-Garbh, Évora e Santarém

Mas espera tanta gente para quê?

Decerto para nos atacar mais certo da vitória. Segundo parece, também há um bom punhado de monges guerreiros dos conventos-fortaleza andaluzes, prontos para a peleja

O alcaide enrugou a testa como se no meio daquilo tudo alguma coisa não fizesse sentido. As informações do guarda não condizem com as suas, recebidas há pouco, agora partilhadas com o príncipe

É uma pena só agora saber das confissões do prisioneiro. Mas foi Abu Muhammar Sir, filho de uma escrava cristã e designado herdeiro do trono por Ali, quem chamou o meio-irmão a Marrocos

Por algum motivo especial?

Acho que sim, D. Afonso. Com Ganya em Valência as coisas não vão mal, mas as acções de Tashfin em Sevilha não têm sido as mais correctas

Então em que novas devo confiar? Andais tão dispersos que não apurais todos o mesmo?

São fiáveis as novas que vos dou, senhor, vindas de nossos postos avançados mais para sul. De facto Ali esteve doente, mas recompôs-se. Só que esta versão pouco altera os dados do jogo

Quereis dizer que Ismar se propõe atacar-nos, de qualquer modo?

Pelos vistos, se reúne forças. E nós precisaremos sempre dos reforços, quanto antes

E onde encaixa a demora em Marraqéx, se não há rituais para cumprir?

O rei Ali talvez queira confirmar a aceitação de Sir pelos irmãos, uma vez que nem é o mais velho de todos nem filho legítimo. Deve ser esse o juramento de fidelidade que se impõe para serenar os ânimos de alguns governadores no Andaluz e de outros em Marrocos

Lourenço Viegas continua insatisfeito. Falta algum detalhe importante na informação, mas o quê? Confessa essa apreensão ao próprio Afonso Henriques que já tinha suspeitado do mesmo

Se me cabe a missão de liderar as hostes com Garcia Mendes quero descobrir tudo, Afonso

Também eu. Para atacar os nossos não seriam precisos tantos efectivos mouros, seria um desperdício

É isso, tanta gente do outro lado não faz sentido nenhum

Tenho uma ideia, Lourenço

Diz, temos de colocar todas as hipóteses para arranjar soluções

A proporção das hostes inimigas pode ser proporcional ao tamanho das ambições de Ismar

E que serão quais?

Pode não se destinar só a nós a reunião das tropas...

Queres dizer que Ismar pretende várias coisas, ao mesmo tempo?

Talvez, por exemplo anular os esforços de meu primo Afonso Raimundes com vontade de cercar Aurelia nos arredores de Toledo

As últimas novas dizem-no já perto de Colmenar de Oreja

Com essa poderosa ameaça a convocação das tribos africanas seria só uma, maciça. Mas já no Al-Garbh Ismar dividi-las-ia para acudir às duas frentes

Se assim for talvez não haja razão para temermos o confronto, a vitória pode ser nossa

A vitória tem de ser nossa. Mas há uma hipótese pior...

Lourenço olha todos os vincos do rosto de Afonso Henriques. Será rei, compete-lhe antecipar as jogadas do inimigo. Mas se houver pior quer saber já. E nem precisaria pedir, os seus olhos muito abertos fazem isso por ele. Mesmo assim insiste na pergunta

Em que pensas agora, Afonso?

Não contente de ter atacado Leiria que voltaremos a tomar, talvez Ismar queira reconquistar Coimbra, para vingar Ali que o não conseguiu há vinte e dois anos

Acho ambição grande de mais, mas se assim for

Assim espera aniquilar todos os bastiões do condado mais importantes a sul, o que só poderá conseguir com muita gente para as guarnições, gente que lhe garanta a defesa quando regressar a Córdova

Qualquer que seja a ideia dele, como te diria meu pai se aqui estivesse, corremos grande perigo, espero que estejas ciente

Também ele, cão... Se o apanho a jeito corto-lhe a cabeça primeiro

Afonso fala ainda a sós com Fernando Peres, o *Cativo*, que entretanto chegou, para acertar os últimos detalhes da convocação da cúria para a

tarde seguinte, embora parte do trabalho já esteja adiantada pelo seu braço direito, Gonçalo Mendes de Sousa e pelo notário Pedro Roxo. Deverão comparecer todos os representantes dos concelhos, governadores, alcaides, juizes, e ainda os barões do norte presentes na cidade, para se definirem linhas de conduta antes de chegarem as hostes das terras acima do Mondego.

Afonso pede ainda as presenças de D. Telo, D. Teotónio e João Peculiar. Mais do que nunca é preciso definir os limites da paróquia de Santa Cruz, nem que os documentos se vão lavrando na sua ausência e sejam confirmados só quando regressar da peleja. No outro dia aparece à hora combinada, depois de cavalgar umas milhas com Gonçalo e frei Raimundo até à costa. Sabe-lhe bem tomar a maresia antes de grande tensão. O sol já se põe por detrás dos choupais quando atingem o ponto alto da cúria e ele faz as revelações sobre o assunto ventilado em Guimarães, muito meditado durante a noite anterior

Está decidido, companheiros, vamos nós atacar os mouros a sul antes de virem por aí acima

Lourenço Viegas adianta-se, de novo

Não será melhor deixá-los avançar, Afonso?

Não, sabem de nós, sabemos deles, como ainda nos julgam atrasados nos preparativos usamos a surpresa

Então e onde será, já sabes?

Ao certo ainda não sei, só que será a sul de Leiria e não poderá passar de Julho

E quanto a mim já será tarde. Que achas tu, Garcia Mendes?

Acho o mesmo, mas também não podemos avançar sem fazer o trabalho prévio, não é?

Afonso remata, já cansado

Bom, resolvam a melhor forma de liderar as hostes. Quando chegarem Afonso Viegas e Soeiro com os reforços, ajustem então a divisão das forças. Por mim vou trabalhar com o Cativo e o Sousão para decidir qual o local e como coordenar esforços para mais uma empresa, além da outra

As últimas palavras de Afonso deixam os cavaleiros de boca aberta. Os mouros têm ceifado vidas com tal ânsia que só uma resposta determinada pode pôr cobro a novos ataques. Essa empresa seria inevitável. Mas outra?... Se o fossado estava previsto com mais efectivos e a grande desproporção de forças coloca um desafio difícil de vencer, porque fala então Afonso numa outra operação? Logo agora, que precisam concentrar todos os sentidos na missão principal.

Mas o futuro rei já sobe as escadas estreitas a despir o fato, sem tempo para mais explicações. Morto de sono ainda vê à frente o rosto de Ismar,

campos de batalha, reforços, e no fim uma vitória providencial. Quando se prepara para entrar no quarto vê o vulto corpulento de frei Raimundo a sair do terraço, direito aos aposentos do lado contrário, como se passasse por acaso

Pedi a vossa ajuda para alguma coisa, frei Raimundo?

Hábito meu, senhor, rondar perto de vós desde muito cedo

Uma ronda já muito antiga, bem sei. O que temeis agora?

Uma ronda a chegar aos trinta anos

Desde a origem, quereis dizer, mas o que temeis ainda, repito?

Não entrou um mudéjar, ontem? Pois quem garante que outros não estivessem à espreita e usassem de ardis para entrar durante o dia?

Deixai-vos de ideias doentias. Ainda há pouco parecíeis rejubilar com a notícia do fossado

É muito do meu agrado, sim, mas precisais apressar os reforços

Sou da mesma opinião, só com mais gente nas hostes a empresa pode trazer-nos a vitória

Mais do que um fossado, senhor, é o começo do ciclo mais importante da vossa vida

Porque o dizeis?

Pensai um pouco no que virá a seguir e compreenderéis

Está bem, hei-de pensar, se o sono não me vencer. Ide dormir agora

Boa noite senhor

Boa noite frei Raimundo

serto? Talvez o abastecimento de camelos frescos vindos dos lados de Sevilla e do Guadalquivir, ao norte de Córdoba, ainda não esteja concluído. Não pode demorar menos que um mês a instrução dos chefes almorávidas aos guerreiros, nem que seja para dar noções de estratégia e manejo das armas.

O sono é constantemente interrompido por estas interrogações, à medida que vai crescendo a ansiedade pela demora da gente dos concelhos do interior. Manda correio frequente a pedir celeridade, mas a resposta invariável é... *só mais uns dias*. De modo que acorda cedo. Em passeios à beira do rio e pelos campos, surpreende barqueiros já com a merenda pronta, zagalos encostados às choupanas com a cabeça sobre as mantas grosseiras, à espera que o sol levante para conduzir os animais ao primeiro pasto.

Elvira tem agora uma casa nas margens do rio e duas servas por companhia. De manhã Afonso não entra, acena do cavalo. Mas costuma visitá-la ao entardecer, sempre que pode, e dizem os mais próximos que volta revigorado aos aposentos na alcáçova onde as criadas, entre risos nervosos e pequenos empurrões, se revezam para o animar. Umas noites antes da batalha confessa a Egas Moniz, já cá em baixo, que gosta de estar com ela, de beber aquela mocidade ainda por lapidar

Dá-me confiança, tem uma força arreitada. Devia estar aqui comigo

Não arranjes mais sarna para te coçar. E não te esqueças de guardar parte dessa força para o dia da batalha

Já viste que me faltasse?

Não, nunca te faltou, mas sabe-se lá se um dia...

Esse dia ainda vem longe, se vier

Há semanas ainda não sabias, agora já sabes como pensas atacar os mouros?

Muito simples. Eles cuidam que estamos desprevenidos, que receando os seus contingentes bem abastecidos pouco faremos além de resistir

E nós, que por acaso não estamos assim tão prevenidos, avançamos primeiro?

Se continuarem parados temos que avançar

Quanto tempo esperas?

Logo que estiverem os nossos todos em Coimbra alimentados, bem dormidos e mais uma vez inteirados do plano de ataque, metemo-nos a caminho

Porque se terá quedado Ismar tão longe das nossas fronteiras, sabes?

Ainda deve estudar a nossa estratégia. Ou me engano muito ou enquanto não sairmos de cá não avança. Só cairá sobre nós quando souber donde vamos irromper

E por onde iremos nós, já pensaste?

Pela frente, o lado menos esperado

Não será morte certa, sendo nós tão poucos?

Seremos ainda menos do que ele julga
Qual é a tua ideia, afinal?
Sabemos que há muçulmanos a vigiarem as nossas colunas, como nós
fazemos com as hostes deles
Por isso teremos de reforçar primeiro os postos de vigia, calculo
Claro, depois tentaremos interceptar os estafetas deles com pisteiros bem
treinados
E finalmente...
Finalmente faremos por mobilizar a vontade de servos e pastores que
não sabem a quem ser fiéis
Que podem eles fazer?
Alguma coisa, se forem pagos. Com esses cuidados a nossa primeira
coluna sai com umas três horas de avanço. Deve progredir devagar levando
no centro alguém vestido como eu
Achas que vais enganá-los?
Um engano simples de mais não convence o inimigo de engano, tu mes-
mo me ensinaste. Vão pensar que sou eu, Afonso Henriques
Bem sei que em parte tive a culpa, mas que mente a tua, cheia de ra-
mais
Quando os mouros souberem do primeiro grupo, supostamente comigo,
hã-de ficar convencidos de haver muita pouca gente. Nessa altura já vamos
nós por outro caminho para espalhar a confusão
Desta vez contigo mesmo, calculo. Acredita que até eu já estou confuso
E já terão dois Afonsos se estiverem atentos
Hã-de estar, descansa. Há olhos mouros por todo o lado
Por fim sai a última coluna, novamente com o mesmo atraso e por ata-
lhos insuspeitos
Insuspeitos por quê, se o inimigo domina o terreno todo?
Por acharem que não íamos escolhê-los, tão perto dos povoados árabes
Pensas então que essa gente é tapada, que os camponeses e pastores não
lhes farão chegar a notícia?
Acho que estarão mais ocupados a procurar guarida. Os homens do
terceiro grupo levam todos o hábito vestido, não se lhes verão punhais junto
ao peito e menos ainda maçãs de madeira com tachas de metal guardados
nos alforjes das mulas, no meio da coluna
Então não vão armados?
Só com paus compridos, o aguilhão e as lanças tapadas com carapuços.
De longe julgarão os camponeses alguma reunião de frades para missão im-
portante
Não acredito que te iludas tanto. Essa gente percebe bem de mais quan-
do passa quem

Não importa que percebam. Trabalhadores do campo querem poupar colheitas, pastorear o gado, pouco lhes interessa os senhores que se vão rendendo

Nisso talvez tenhas razão

Só um cavaleiro mais alto irá de novo vestido como eu, no terceiro contingente

Três Ibn Erriq para se entreterem

Isso mesmo. É espero em Jesus Cristo que dê resultado

O mês de Julho chega mais quente, uma quentura acentuada pela ansiedade dos cavaleiros. Não que haja vontade de travar agora batalhas para as bandas do sul, mas é hábito de cristãos e muçulmanos. Os fossados no tempo bom permitem melhor estacionamento nas terras além de abundância de bens essenciais para alimentar as hostes. Com tão grandes contingentes a demora até à época dos frutos tem razão de ser. Os reforços árabes finalmente estão a postos, depois de um intervalo de tempo dilatado, no entanto providencial para os cristãos que vão recebendo treino militar em Coimbra.

Afonso assimila a ideia de ser pai, agora que Châmoa manda a notícia do nascimento de Fernando Afonso, deixando duas pessoas pouco à vontade com as novas. Uma delas é Pedro Pais, seu filho mais velho, já a preparar-se para um dia ser alferes. A outra é Elvira, a ocupar lugar semelhante ao da filha do conde Gomes Nunes de Pombeiro. Com o rosto crispado pela revelação está pouco crente do amor dela pelo seu senhor. Nem pura atracção deve ser, conforme diz ao futuro rei na antevéspera da partida para as terras do sul. Tudo não deve passar de um jogo premeditado pelas ambições políticas da família. Afonso começa por achar graça ao ciúme e lança provocações

Achas então que não exerço fascínio nas mulheres, que se abeiram de mim só pela minha condição

Não é isso, meu senhor, nem ao de leve. Conquistais toda a gente que cruza vosso caminho

Então porque há-de ser diferente com Châmoa?

Gostais dessa mulher que o povo alcunhou de Loba?

Senti-me bem com ela por um tempo, era boa amante

Então a verdade ainda pode ofender-vos

Vinda de ti talvez não. Diz lá o que tens atravessado e de uma vez por todas trata de chamar-me Afonso. Preciso ouvir o meu nome na voz de uma dona

A mãe dela era filha do conde de Trava, irmã de Bermudo e Fernão Peres. Não vedes que há dedo do clã nessa aproximação tal como fizeram com vossa mãe?

Afonso Henriques endurece a expressão e a voz
Deixa as conversas que falem de minha mãe e diz em que te fundas para o afirmar

Mulher direita mãe de três filhos e monja depois de viúva não emprenha de outro homem, ainda menos de um primo

Châmoa é fogosa, gosta do amor carnal

Se depois disso ainda ousa parir filho vosso, outras ambições terá. Quem mais se atreveria a rondar-vos com tantos vícios passados?

Qualquer dona caída pelos meus encantos, pois não o disseste há pouco?

Outra qualquer saberia que um dia haveis de casar com uma princesa e ter vossa prole legítima

E tu, que ainda não tens crias, não gostarias de parir filho meu?

Só no caso de aceitardes mais um herdeiro natural

Donas... todas iguais, querem o mesmo e ousam morder umas nas outras

Só quero advertir-vos, senhor, aqui há dedo dos Trava. Foram eles que empurraram a sobrinha para vosso leito, à espera de ainda unirem terras de Portucale à Galiza para vingar velhos agravos

Os ciúmes alteram-te o humor, mas talvez não te toldem a razão. Só que agora sou pai de um filho dela

Mas não sois seu esposo

Queres afastar-me de Châmoa, é isso?

Só quero que estejais atento. Salta aos olhos o ardil dessa dona

Não preciso que mo digas. Nem quero ouvir mais nada sobre o assunto

Então nada mais direi, meu senhor

E faz da teimosia silêncio num tempo de grande confusão para Afonso com a chegada de uma criança na véspera da batalha. No fundo talvez Elvira tenha razão e Châmoa ainda alimente esperanças de prendê-lo, tão lesta a mandar notícias. Só que o tempo da paixão ardente vem passando. Não o disse há pouco, mas com Elvira por perto pródiga em carícias, tem poucas saudades da Loba. Egas tinha razão quando lhe recomendava não criar laços que não pudesse retribuir.

No dia seguinte chegam reforços cristãos do norte e Beira Interior, mesnadas de ricos homens integradas por delegados, vassalos e cavaleiros vilãos dos concelhos. Dos picadeiros à volta de Coimbra, para onde no último mês têm convergido mais montadas, vem saindo a maior parte delas para serem entregues com armas a novos elementos. As movimentações das autoridades fazem por envolver mais gente por meio dos representantes legais e os crúzios não se cansam de aliciar eventuais combatentes em rondas diárias pelos seus coutos e granjas.

Os instrutores ocupam-se agora de mais braços armados, alguns sem qualquer noção de luta, para alinhar na coluna do alcaide. Orientam ainda os peões destreinados, já com lanças novas de carga, ao mesmo tempo que os besteiros ensaiam arcos de volta contrária, feitos por outros apresados aos mouros, e os fundibulários exercitam o arremesso.

É grande o esforço do notário. Segundo o registo final das forças o primeiro contingente será formado por membros da cúria que habitam e governam terras do norte, famílias nobres e seus exércitos particulares. Deve ser liderado pelo mordomo e por um alferes a designar. O segundo será composto por gente de Coimbra. Como é costume o alcaide, juiz e cavaleiros do rei formarão à frente, logo seguidos pelos homens da cidade recrutados nos vizinhos mais abastados. Há ainda uma terceira coluna integrada por voluntários das ordens religiosas e por eclesiásticos disponíveis. São bispos, prelados, frades menores, sempre muito habilidosos a manejar fundas e maças.

Quando à última hora se verifica falta de gente em algum dos alinhamentos, é costume fazer-se a concentração das tropas em duas colunas, como já tem acontecido. Mas para alívio do príncipe aparecem mais homens do que estava à espera, a maior fatia das terras do concelho de Coimbra. As mulheres colaboram, decidem tomar à sua responsabilidade o trabalho dos campos deixando os varões disponíveis para o combate. Só que nem todos os elementos já registados se destinam à empresa conhecida.

A primeira coluna que desceu do Douro não vem completa. Uma centena de elementos ficou pelo caminho a reforçar a guarnição de castelos fronteiriços, conforme foi decidido em conversas prévias, não fosse o inimigo atacar em várias frentes para enfraquecer os cristãos. Dos que chegaram e das forças concentradas na cidade, é retirada agora uma pequena percentagem de varões bem treinados nas armas de arremesso, além da espada e do punhal, para seguir um dia antes para Leiria. Esta era a misteriosa empresa a que Afonso fazia referência.

Estes homens, não mais que duas centenas e meia, vão tentar de novo a tomada do castelo trinta quilómetros a sul e tudo farão para repor uma guarnição cristã. Finalmente o grosso das tropas, com parte dos cavaleiros de elite que formam a guarda privada de Afonso Henriques, quedar-se-á mais um pouco para definir novamente a composição dos três grupos distintos que recebem em conjunto as últimas instruções.

Nesse final de tarde Afonso reúne com os homens que vão seguir à frente. Explica-lhes pela última vez que têm a responsabilidade de uma missão delicada. Mas que não estarão sós, terão discreta protecção de algumas dezenas de peões já no terreno, alguns vestidos de beguinos com seus paus de agulhões, outros de bom aspecto, bem-falantes, com instruções

para convencer gente dos povoados e coutos a prestar ajuda aos cristãos. Não será fácil, mas se realçarem a importância desse papel na independência do futuro reino e a recompensa pela adesão, bons frutos hão-de colher. E há mais gente espalhada pelas povoações com a missão de descobrir e anular infiltrados inimigos, preparando terreno seguro às colunas que em breve estarão a partir de Conímbriga, onde vão estacionar.

Os frades levam lanças compridas com lâminas encobertas e adagas enfiadas nos crucifixos. Vão ainda com os jumentos carregados de seirões com espadelas, machados, foices e fouchinhas, tão úteis aos trabalhadores do campo como a moeda aos mercadores. Afonso crê que os punhais serão ofertas gratas aos mais arrojados que, em bandos, estimulam escaramuças fronteiriças para o apresamento de animais e carga. Esses não se farão rogados, estarão prontos para aderir à empresa. E se estiverem reticentes, mais umas moedas conseguirão fazer milagres.

A infantaria está aparelhada como nunca antes. Em peleja alguma as melhores armas chegam para todos, mas há uma reserva de escudos pesados de madeira revestida a couro, quase invioláveis aos golpes inimigos. Afonso manda retirar algum ouro dos cofres de Santa Cruz para investir em novas lanças invulgarmente compridas, feitas de encomenda para a ocasião, sem colocar de parte as lanças mais curtas de arremesso. Tem outra novidade mal acolhida pelos ricos homens, a oferta de cota de malha a boa parte dos cavaleiros vilãos. O primeiro a reclamar é Fernando Mendes de Bragança

Sabes que não costuma ser assim

Desta vez nada é como costuma ser. Habitua-te à mudança, Bragança

Tem algum fundamento, a tua decisão?

O mais sensato dos fundamentos que possas aventar. Eles avançam primeiro. Estando mais expostos, precisam de segurança

Também nós

A nossa será maior se eles ficarem de pé, ou não?

Gonçalo Mendes e Egas Moniz tentam acalmar o *Bravo*, sempre o primeiro a desafiar a autoridade de Afonso, a provocar contendas. Gonçalo pouco consegue, mas a idade confere a Egas Moniz autoridade maior

Afonso tem razão, vê se dás o exemplo às hostes quando se trata de acatar decisões

E Fernando Mendes baixa a voz agora consciente de ter escolhido a pior altura para protestos.



*outro, quem sabe, se sujeitaria
à vida com grilhetas, mas eu não!*
—Al-Mu`Tamid

Mal se levantam na madrugada de dia vinte e um já em Conímbriga, ainda os galos estão silenciosos, o príncipe revela as últimas disposições ao pequeno contingente que parte rumo a Leiria, liderado por Lourenço Viegas. A missão exige tacto, não só valentia. Trata-se de reaver um importante bastião que serve de tampão aos avanços mouros, no sul das fronteiras. Devem ser rápidos, tanto no ataque como no assento da guarnição cristã. Nada de hesitações.

E no outro dia pela mesma hora, quando o sono costuma ser mais profundo, começa o desenrolar da missão principal com a coluna maior do alcaide Rodrigo Pais, cunhado do bispo Rabaldes, a seguir com horas de avanço em relação às duas que ficam. O alcaide e o juiz vão à frente com Garcia Mendes, o alferes mor, a liderar este contingente. Bem no meio há um cavaleiro corpulento que avistado de longe pode ser reconhecido pelas vestes como Ibn Erriq, mas é Fernando Mendes, o *Bravo*.

Já o sol começa a romper quando Egas inspecciona as hostes em que se integra, ajudado por Gonçalo Mendes de Sousa. Orientam os cavaleiros vindos do norte, do interior, e alguns voluntários ao serviço dos grandes senhores, não amestrados porque formados à última hora. E lá parte esse grupo menos numeroso dominado pelos senhores de Riba Douro, Basto, Lamego e Viseu, detentores de senhorios e tenências, quase reis nos seus domínios. Agora destacam-se o antigo alferes Fernando Peres, o *Cativo* e Soeiro Viegas. Com os velhos companheiros guardam todos o verdadeiro Afonso Henriques, vestido como o anterior e montado no seu cavalo baio, logo seguido por frei Raimundo que não quer integrar outro grupo.

Só a meio da manhã, cumprindo escrupulosamente as instruções, avança a terceira coluna onde rezam os clérigos, as milícias guerreiras de templários e hospitalários, alguns de sotaina e chapeirão a cruzar mais lentamente as alcântaras, nas terras onde os homens se afadigam em redor de azenhas e alvares. Afonso Viegas, o *Moço*, não leva hábito vestido. No meio do contingente que afinal lidera, traja armadura em tudo semelhante à de Afonso Henriques.

Cedo percebe o primeiro contingente que os soldados chegados na véspera retomam o castelo de Leiria ao atrevimento mouro. Começam até a construir um perímetro de madeira à volta da muralha, uma espécie de redondel que acolhe os camponeses cristãos e moçárabes assustados, enquanto se remendam as paredes de taipa da muralha ruída. Os frades itinerantes, até ali recolhidos nos eremitérios, alisam agora os campos abertos pelo alvião onde já vêem germinar o sustento dos camponeses, empurram os alcatruzes das noras, fazem girar as atafonas a limpar o suor do rosto.

Retirados os elementos da guarnição e os feridos, Lourenço já tem uma centena de homens disponíveis alinhados. Descansaram uma noite, não sendo muito estarão prontos para engrossar uma das hostes a caminho. A de Garcia Mendes, que foi a primeira a chegar, respeitou com rigor o intervalo entre a de trás, a coluna do *Cativo* com o príncipe no meio. Quando Afonso Henriques chega não esconde o contentamento. O mais velho dos irmãos adoptivos fez um excelente trabalho e está preparado para seguir com ele, com o pai e com Soeiro ainda mais para sul, já que o outro irmão vai integrado na coluna dos clérigos como líder e vestido como o futuro rei.

O inimigo começa a ficar confuso, mal informado dos movimentos do turbulento Ibn Erriq, tantas vezes carrasco de algumas colunas muçulmanas. Não lhe chega desafiar o poderoso primo Afonso VII de Leão e Castela ainda vem, repetido agora em duas imagens iguais, ao encontro das suas hostes implantadas nos cabeços de Ar-Riqá nos domínios da cora de Santarém. E como parece, conseguiu silenciar a maioria dos seus espiões.

Mas porque demora a chegar? Tão lentamente atravessa montes e vaus que a espera se começa a tornar tensa para os muçulmanos. Depois alguma coisa acrescenta, das notícias que Ismar vem recebendo, perturbação ao planeamento inicial. À última hora sabe da tomada de Leiria, da reunião ali perto de dois contingentes antes em marcha desencontrada. Ainda há uma coluna de frades a evitar o trajecto pelos povoados de brancas alcarias.

Não consegue alcançar porque preferem castigar a montada entre penedos e piteiras, em vez de seguir por caminhos facilmente transitáveis, mas se esses cristãos escolhem sinuosas azinhagas, áridos carreiros, e pior do que tudo... com outro Ibn Erriq a liderar, só podem querer enlouquecê-lo. Como apurar qual dos guerreiros é o verdadeiro príncipe, com a noite adiantada e peões cristãos por toda a parte?

A longa espera acaba por trazer vantagem às gentes de Afonso Henriques, não às suas, desmoralizadas pelo cansaço e pela perda do castelo num momento destes. Uma massa imensa de berberes, mercenários e escravos movida pelo fervor religioso e pela sede da luta, agita-se numa ansiedade

penalizada pelo passar das horas, sem o sinal divino que esperava. Ainda assim ajoelham virados para Meca para apelar à força de Alláh. Que têm a perder a não ser as vidas, as liteiras e as tendas com as mulheres e crianças na retaguarda?

Ismar modera o ímpeto de atacar mais cedo. Deixa pacientemente que os cristãos se acomodem nas suas tendas já montadas e volta a repetir os planos aos almocadens. Os reis mouros, escondidos sob túnicas de seda e alvos turbantes, imaginam mais uns degraus na subida para a salvação quando o atalaia do monte próximo vem dizer que no meio do acampamento inimigo decorre uma reunião, talvez a preparação do ataque. Apuram todos o ouvido. Ouvem-se sons abafados de sentido impenetrável, mas o vigia tem razão.

Entre os cristãos há uma convocação de última hora. Os cavaleiros da confiança do príncipe esperam que se prepare para o combate. Já calçado com sapatos de couro fino veste a cota de malha comprida com almofre sobre o fato acolchoado. Ajudado pelos outros protege os membros inferiores com perneiras de malha de ferro mais fina, colocando depois a sobrecota cinzenta sem mangas. Finalmente segura as luvas de malha maleável e o capelo com nasal, rematado em ângulo para melhor se ajustar ao rosto, sob o nariz. Será a última peça a colocar sobre o almofre só na hora do combate. Agora com a mão no pomo redondo sob a guarda recta, examina a espada leve, de muito boa têmpera nos dois gumes, ajusta a lança à patilha no ombro, apalpa o lugar da adaga. Tudo perfeito, à espera de acção.

Nessa altura os companheiros aproximam-se com uma ideia pensada dias antes. Egas Moniz vem à frente como porta-voz dos guerreiros

Queremos alçar-te a rei agora mesmo, Afonso, antes de começar a batalha. Aceitas?

O que me dizes tu, Egas?...

Que aceites ser aclamado nosso rei para dar mais força a estes guerreiros

A surpresa de Afonso não pode ser maior

Rei... agora?

Agora mesmo

Estais certos de precisardes assim tanto de um líder chamado rei, neste momento?

Bem sabes que sim, Afonso Henriques. Para isso te criei e te ensinei a pelejar como os melhores

E eu não sei disso Egas? Tu és meu pai, vós todos sois meus irmãos, meus companheiros de batalhas e folgança, alguns. Tendes-me servido como a um príncipe se deve, tenho-vos defendido como a um chefe é pedido. Derramarei por vós e pelos condados o meu sangue, se preciso for

*Então deixa que te aclamemos rei aqui, agora
Não carecia senão da confirmação de vosso respeito e fidelidade, da
vossa fé em Jesus Cristo unida à minha. Mas se precisais de um rei para sentir
maior nossa união, um rei tereis em mim*

Lourenço Viegas emociona-se muito quando toma a palavra, para
desagrado do aio que nunca gostou de ver chorar um varão da sua prole

*Contigo como nosso rei e a protecção de Santiago, neste seu dia, teremos
a vitória na mão*

*E a emoção alastra pelas tropas como vinho derramado
A protecção do mata-mouros, a protecção do mata-mouros
Viva o rei...
Viva*

O entusiasmo vai aumentando de intensidade. Afonso percebe que
vão levantá-lo em ombros para fazer uma ruidosa aclamação, mas não
pode permitir ao outro lado a leitura de mais sinais, nem de júbilo nem de
receio. Com a mão direita levantada e logo a seguir o dedo sobre os lábios,
detém o ímpeto dos homens lembrando a importância de falarem a meia
voz, daí em diante. E é quase num cício que ordena o ajuntamento de todos
para a solenização do acto em frente do pendão já nas mãos do seu guar-
dião templário, com a pequena ermida no cimo do monte como pano de
fundo

*Ajoelhai. Diremos em nossa oração as intenções que nos movem, para
não parecer ao Senhor um acto de arrogância, antes a confissão humilde de
uma necessidade. Repeti comigo*

Tu que tudo nos dás...

Tu que tudo nos dás...

*O sol e a chuva, a natureza pródiga em bens, a força de ânimo empur-
rada pela fé...*

empurrada pela fé...

*dá-nos nesta hora força maior para engrandecermos o teu nome com
a vitória na mão...*

...na mão

Levantam-se, depois de cada um repetir uma a uma as palavras do
novo rei. A seguir rodeiam-no com um respeito diferente como se tivesse
emanado da oração o divino poder que o eleva doravante. Ali se dizem seus
fiéis servidores, ainda devotos da Santíssima Trindade a quem oferecem
um quinhão da batalha. E afirmam mais uma vez os laços que os unem en-
tre si e a toda a alma do reino, uma alma dispersa por senhorios, múltiplas
vassalagens, práticas religiosas diferentes, mas um destino comum.

Egas pede protecção para Afonso Henriques, o seu menino rebelde
na aceitação, esforçado na aprendizagem de todas as matérias, persistente

na concretização dos objectivos. O seu menino é rei, como sonhou desde a primeira vez que o tomou no colo, acabado de nascer. Também o seu infante reza agora de olhos no céu. Pede por todos eles, seus vassalos, pela consciência do reino a emergir à boca da batalha, antes de segui-los rumo às tendas montadas no sopé do monte. Agora apaziguados tentam descansar um pouco nesta noite de vinte e quatro para vinte e cinco de Julho. As duas primeiras hostes estão já unidas para aguentar a investida, se os mouros tomarem a iniciativa do ataque.

Ismar fica toda a noite acordado. Tem a responsabilidade de liderar a metade de um exército imenso, partido um tempo antes para servir duas batalhas diferentes, uma nos campos de Santarém outra nos arredores de Toledo. Os seus contingentes aqui acomodados devem perfazer quase o triplo dos efectivos cristãos, mas apesar da vantagem numérica é preciso estar atento, agora que percebe a movimentação parcial do inimigo.

Enquanto dorme o grosso dos seus homens passa os olhos pelas espadas, adagas, arcos de volta dupla deitados no tapete da tenda maior. Desconhece porque houve há pouco no arraial do outro lado algazarra logo abafada, como disse o vigia, porque acorda agora meia dúzia de cristãos veloz como o relâmpago muito antes de ser dia. É preciso concentrar os efectivos mouros em formação de ataque não vá o astuto inimigo inventar surpresas.

A madrugada avança e o silêncio regressa aos acampamentos. Terá Ibn Erriq desistido do confronto ao perceber que jamais poderá competir com ele, Ismar? Pelo menos os últimos espiões regressam sem notícias preocupantes, reforçando a ideia do aspecto de calma no outro lado do monte. Talvez agora possa ele mesmo descansar a cabeça confundida pelas várias figuras do rei cristão, sempre com manhas diferentes, como se pudesse qualquer táctica nova proporcionar-lhe a vitória. Tão reduzido é o número de guerreiros cristãos que magnânimo deixa para Afonso Henriques a iniciativa do ataque. E nessa altura sim, há-de perceber em que corpo se confunde aquele que tanto procura e sobre ele poderá descarregar a força dos crentes de Alláh.

Mas quem são os crentes? As tropas cristãs também crêem cegamente num Deus, e nessa crença fundam a segurança de esperar o melhor momento para o atacar. Na verdade ele não sabe, mas as primeiras colunas de Ibn Erriq mais não têm feito que dar tempo à aproximação do contingente restante, agora bem escondido nas matas em redor do campo atento às necessidades da estratégia delineada.

Mal adormecem os do acampamento, o príncipe é acordado de mansinho com um toque no ombro pelo eremita de cabeça branca que habita há anos o anexo da capela. Salta como felino, quase deitando o bom homem

por terra, já com o bico da espada encostado ao seu pescoço enrugado. Meio inclinado o ancião cicia mil desculpas antes de transmitir instruções divinas jorradadas de uma voz do alto

Perdoai, D. Afonso Henriques. Trago um aviso do senhor Deus para usardes de toda a cautela... Eles são três vezes mais

E que quereis dizer com isso?

Que só deveis avançar quando tocar uma campainha em vossa cabeça

E se eu nada ouvir?

Se Deus mandou dizer senti-la-eis dentro de vós. Mas eu farei soar ainda o sino da ermida, se o divino me fizer mercê de perceber o sinal ao mesmo tempo

E depois, o que me ordena o Senhor?

Nessa altura a coluna restante estará pronta a sair das moitas... e vós deveis incitar os homens a galoparem sobre o inimigo

Quem vos falou da outra coluna, bom homem?

Deus, disse-me tudo o que preciso saber e nada mais do que isto que vos acabo de contar

Toda a guarda privada do rei acorda, sobressaltada. Inteirada da mensagem percebe chegada a hora. Depois de Gonçalo passar palavra aos líderes dos contingentes começam a levantar-se os guerreiros, num instante em formação fora das tendas, em silêncio. O alferes Garcia Mendes toma posição para liderar as hostes na dianteira. O *Cativo* passeia pelo meio dos homens, Lourenço vai inspeccionando a retaguarda. Em breve as duas hostes, recebidas as instruções, ficarão temporariamente desfeitas.

Se não é confortável o descanso com armadura vestida, pelo menos dá aos combatentes a vantagem de estarem equipados quando chega o momento. Os cavalos nervosos estão selados à espera, enquanto cavaleiros nobres e boa parte dos vilãos alisam as cotas de malha reforçadas, endireitam perneiras, calçam luvas de metal ou couro. Alguns ajustam já o capelo sobre o almofre, com protecção para a nuca e nasal comprido. Há peões com couraça de couro já de lança em punho e maças revestidas de metal.



*si gracia no es neçesaria
pór que rogamos a Dios?*
—Fernán Pérez de Guzmán

Quase por milagre nem um som agressivo de vozes se adivinha, nem os passos agitam o restolho. Afonso sabe que os adidos almorávidas, astutos e avezados ao perigo, estão atentos à respiração da aragem. Perfilam-se agora as duas colunas de cristãos em linha recta, no horizonte, todos dependentes do som das cornetas, do sinal último do novo rei. Já em posição para o início do combate, Afonso murmura uma oração da autoria do bispo Bernardo, ensaiada na véspera enquanto cavalgavam.

Dos elementos de elite antes chefiados por Lourenço Viegas, o *Espaldeiro*, e agora sob as ordens de Gonçalo Mendes de Sousa, oito guardam fervorosamente, quatro de cada lado, a preciosa vida do rei, formando com ele uma linha à frente, bem no meio da grande linha das tropas. Entre eles está o aio, mesmo sem aprovação dos filhos. Em voz pequena Afonso manda avançar em corrida besteiros com seus arcos simples, só umas dúzias com arco oriental de volta contrária, de maior alcance. A seguir vão os peões com maças e fundas para ocupar posições laterais, ligeiramente atrás dos arqueiros. Depois a infantaria com as lanças compridas apontadas para o ar.

Ganham terreno muito à frente, agora de joelhos flectidos aparentando anões à espera do gigante, mal alcançam o lugar previamente definido. Os de trás imitam o rei a benzer-se com a espada, a roçar ligeiramente o capelo com a lâmina de gumes brilhando à ténue claridade da madrugada. Repetem todos as ordens combinadas, propagadas pela voz de Garcia Mendes como um eco longo. São momentos de grande tensão. Quatro dos dedos de Afonso, autênticas cordas de esparto, ficam o punho ligado ao pomo redondo, o polegar em sentido contrário a marcar os batimentos do tempo, ou do coração.

Está bem no centro da sua guarda de confiança, ligeiramente avançada em relação ao grosso das hostes numa linha tão retesada como o nervoso dos cavalos que vão levantando terra com as patas. À esquerda tem Egas Moniz, Gonçalo Mendes de Sousa no cavalo zarco, os filhos do aio, primeiro Soeiro Viegas e na extremidade Lourenço. Do lado direito estão

Mem Moniz, irmão de Egas, Diogo Gonçalves, Egas Fafes e na ponta Fernando Peres, o *Cativo*. O *Sousão* e Lourenço chegaram a fixar detalhes para coordenar a retaguarda, mas frei Raimundo e a família Ramirões passaram a deter essa incumbência. Com uma dezena de frades exímios a liderar o castigo aos flancos do inimigo, vão tentar impedir a sua progressão em direcção ao núcleo das hostes cristãs.

Afonso ainda insiste com o antigo preceptor para se afastar. A idade avançada, a saúde tão precária ultimamente, não pedem cavalgadas perigosas, pedem descanso. Mas Egas inunda os olhos do pupilo com o afecto de um pai extremoso, assegurando que vai enchê-lo de orgulho no que adivinha o último combate da já longa vida, por isso o mais importante de todos. E depois não ia perder a suprema alegria de o acompanhar na sua primeira batalha como rei.

Faz-se um curto silêncio. Na cabeça de Afonso o sangue ferve, depois agita-se em sons de campainha a tinir levados ao corpo todo, sons agora repetidos pela sineta vinda dos lados da ermida como prometia o ancião. Muito tenso, sem gritar, levanta a espada fiel. Percebe nas suas costas a repetição do gesto pelo braço dos seus homens. E como se um raio silencioso caísse ali perto, em menos de nada avança em galope quase simultâneo com o alarido ensurdecedor dos inimigos a correrem sobre eles.

Fixa bem o núcleo de Ismar, ligeiramente atrasado em relação às primeiras linhas que vêm avançando. Apreende o esboço da sua cota de malha e espada refulgentes, o cavalo ajaezado com vestimenta protectora condizente. Vem entre um grupo de nobres que cavalgam à gineta, com lanças compridas e escudos de pele, seguidos por uma massa de turbantes voadores no cimo dos corpos inclinados nos cavalos, a montarem à brida, bandeirolas e laços agitados com a velocidade dos cavaleiros. E mais longe, numa terceira linha, a festa das boinas garridas sob a claridade da aurora, cavaleiros berberes sem protecção, só com o fato de pano e lanças finas, poucos deles com adargas.

Há muito que Ismar aguardava este momento. Ao longo do dia sossegava os homens nervosos, iludindo a interpretação dos sinais menos favoráveis sempre com bons augúrios. Agora corre em franca excitação entre nuvens de poeira, como se enfrentasse um acto de amor e visse, na sua frente, centenas de huris à espera envoltas no véu das lanças. A visão toldada pelo entusiasmo não lhe altera a percepção da linha cristã a formar-se em meia-lua, depois a partir-se ao meio num afastamento lateral calculado, correspondente a dois corpos de combatentes. Há tropas cristãs a fluírem de forma organizada para apanhar as suas pelos flancos.

Os guerreiros mouros conseguem arrasar só uma ínfima parte da infantaria inimiga. Mas não é tudo. Ismar vê de relance o comprimento tal

das lanças do inimigo que atingem a barriga dos cavalos árabes antes deles alcançarem os cavaleiros cristãos. Depois a queda dos primeiros precipita a queda dos que vêm a seguir, sem que surpresa e pavor imediatos lhes desorganize ainda o esquema inicial. Começa a instalar-se a confusão, mas a surpresa maior vem dos emboscados cristãos... Outro Ibn Erriq, vermelho de fúria, berra como louco na voz do *Bragança* que entretanto se lhes juntou para revelar as últimas informações, tomando o lugar do *Moço*.

Agora sim, é a cisão da formação árabe, o desnorte pela bravura de três varões que pretendem assumir a identidade do rei atraindo sobre si as atenções. Berberes, mercenários e mouros do Andaluz chocam uns com os outros, como se estivessem encadeados por um raio luminoso vindo dos corpos cristãos, ou como se dentro deles mesmos esmorecesse a autoconfiança de há pouco.

Afonso e a sua guarda diminuem a velocidade. Esperam ser absorvidos pelas tropas fiéis aproveitando o efeito, antes previsto pelo alferes, de baralhar o perseguidor. A gente de Ismar mal distingue o rei no meio de um rectângulo formado pelos seus oficiais de confiança. Porém o chefe mouro sabe agora qual é o verdadeiro Ibn Erriq. Distingue-o melhor à medida que a guarda fiel vai estreitando sobre ele o corredor formado por quatro nobres de cada lado, prontos para apertarem o grupo de inimigos resistentes que avança naquela direcção.

Só Mem Moniz e Diogo Gonçalves demoram uma fracção de segundo a fazer o movimento de rotação para aprisionar os chefes mouros no meio da pequena teia, o bastante para não conseguirem escapar à espada de punho esmaltado de negro na mão direita de Ismar, logo depois às lanças cravejadas de pedras de dois dos seus generais. E caem ali mesmo, os bravos lutadores cristãos.

O desespero apodera-se de Afonso e dos restantes seis. Mas esse sentimento intensifica a perseverança na luta, uma força expressa no grito de incitamento do próprio rei a mandar arrasar tudo, já com o braço forte no ar brandindo a espada. Com o ânimo dos outros, entretanto recuperado, aliado ao seu, desbarata o grupo de Ismar numa luta encarniçada. Agora deixam-nos frente a frente para se decidir a vitória. Mas impossível. O chefe mouro foge com o terror estampado no rosto depois de enfrentar duas vezes a estocada quase certa de Afonso Henriques. Não fora a perfeição da cota de malha que veste, estaria agora estendido como centenas dos seus nos cabeços poeirentos de Ar-Riqá.

A vitória decide-se mais depressa, com o caos instalado no arraial mouro. A maioria dos vencidos imagina o chefe caído em combate. Nem o vêem aproximar-se do lugar onde há minutos estacionavam as hostes com camelos frescos, agora a provocar maior confusão do que auxílio, aturdidos

com o pânico das tropas. Ismar entrincheira-se na base do primeiro montículo de terra onde antes se quedava com os outros quatro reis mouros. Mas o cavalo de Lourenço ousa um salto amplo como um voo por cima dele e queda-se muito para além da mancha negra do seu corpo, decidido a travá-lo até chegar Afonso Henriques.

Ismar não quer enfrentar outra vez os olhos de Ibn Erriq, tão chamejantes como a espada acesa nos braços mais fortes que já viu. O breve intervalo em que o *Espadeiro* aquieta a montada dá-lhe tempo para escapar para leste. Mas antes, num gesto de ave de rapina, faz um desvio à direita para arrancar um saco de couro de um cavalo branco pego à rédea por um beduíno. E por fim é a cavalgada na direcção sudeste, qual águia voando com a presa nas garras. O que leva, ninguém sabe, mas perseguir agora um guerreiro valente derrotado pela vergonha seria manchar a glória do feito.

Já bem longe confunde-se com uma massa humana em debandada, mulheres e crianças antes acampadas atrás das linhas defensoras, agora perdidas num mar de destroços. Tão desordenados como os peões também os cavaleiros almorávidas batem em retirada deixando para trás aljavas, flechas, paus de besta e adargas com que há pouco se defendiam. Têm consciência de perder a batalha e de nenhum ardil fazer recuperar agora o castelo de Leiria ou as terras já tomadas, nem sequer os mortos e feridos misturados nos campos de Ar-Riqá. Onde estão os infiéis? Será que o mesmo Deus resolve castigar todos eles? Em Ourique, o campo está coalhado de sangue mouro e cristão misturado num único destino.

Quando as ladainhas se afastam e as cores se intensificam com o levantar do sol, um rei mouro de pele curtida e vestes garridas fica para trás para deixar-se apanhar pelos cristãos. Mesmo arrastado gesticula na direcção de Afonso, ainda a tentar amansar o cavalo baio. Já a seus pés, misturado com outros cativos, faz vénias exageradas no meio de frases cheias de arabescos, chora, implora na sua língua consonântica a misericórdia do vencedor. E deixado ao acaso acaba como os outros a gritar vivas ao rei.

As tropas rodeiam Afonso como servos famintos de afecto. Afastam-lhe braços e pernas ainda protegidos, tocam-lhe com reverência a bainha da espada, insistem para que desça do cavalo, fazendo menção de o levar em ombros até perto da ermida. O rei não deixa

Não percebem como é desnecessário depois de esforço tão grande?

Viva o rei... Viva o nosso rei

Viva Afonso Henriques...

Vivaaaaaa

O rei senta-se no chão para descansar. Lourenço aparece com água para lhe lavar as feridas das mãos e o pequeno golpe no queixo. Afonso rejeita, outros precisam mais dessa ajuda. Está apreensivo com os cortes

profundos no corpo do *Bravo* e de outros cavaleiros, com o desaparecimento de Egas Moniz

Teu pai está bem?

Nosso pai está abalado com a perda do irmão

E Fernão Mendes?

O Braganção está muito ferido, precisa de cuidados médicos urgentes

Está alguém com ele?

Está, mas o teu médico seria de mais valia

Logo agora havia de ter ficado em Coimbra

Nem um médico se livra de ficar acamado

Pede aos templários que lhe dêem de beber, a ele e aos que vão expirar em breve

Depois aproxima-se do último rei mouro cativo, a retomar por espaços o discurso magoado. Não entende as palavras mas adivinha que implora ainda alguma coisa importante. Um moçárabe confirma, disposto a intermediar

Pede protecção, senhor. Esperai... esperai. Diz mais, ainda quer o baptismo cristão por um santo português

Um santo?... Temos santos vivos e eu não sabia? Perguntai-lhe a que santo se refere

O moçárabe demora ainda alguns minutos desdobrando-se em malabarismos da língua a tocar o céu da boca

Diz ele por D. Teotónio, meu rei

Não sei como sabem tanta coisa a nosso respeito, até a santidade do prior já é falada pelos mouros. E onde quer ser baptizado?

Em Santa Cruz de Coimbra, vossa terra, como diz

Dizei-lhe que minhas terras são todas as que venho conquistando, Coimbra é onde moro a maior parte do tempo. Levamo-lo para baptizar, Egas?

O aio vem-se aproximando alquebrado pelo desgosto. Fixa o rosto do rei mouro, aparentemente sincero. Não há tempo para apurar se tem família, interesses ou ligações sentimentais na cidade, mas assim mesmo Afonso decide entregar-lho

Fica então à tua guarda. E já agora, fico feliz por não teres um único ferimento

O ferimento maior está cá dentro, pela morte de meu irmão

Como vou reparar-te da perda de Mem?

E de Diogo Gonçalves, percebeste que também se foi?

Vi logo quando tombou ao pé de nós. Lá fica viúva a irmã do Bravo.

Vai então chorar o teu morto, Egas, darei o rei mouro a Lourenço

Um dos cativos nobres já de meia-idade, desesperado com a morte

de um filho muito novo, pede sem ponta de ardil permissão para procurá-lo no meio dos destroços. O mesmo fazem os cavaleiros cristãos com as liteiras atrás, alguns recolhendo ainda gente com vida, outros levando os cadáveres para enterramento. O mouro regressa então em grande pranto, o corpo magro vergado pela tristeza. À beira de Afonso cai de joelhos sem conseguir abafar a mágoa de ter trazido a combate o sucessor, ao mesmo tempo com recriminações a Alláh por lhe ter levado o maior bem. E com as mãos ora levantadas para o céu ora caídas no pó, grita a sua profunda dor para incómodo do rei, que ainda há pouco pensava unir forças ao ímpeto da Cristandade contra as investidas do Crescente. Vê agora como depressa caem por terra os altos ideais. Afinal a dor é toda igual.

Soeiro dá ordens para acomodar os cativos mais à frente, próximo de um algibe. Os frades levam-lhes água e frutos da terra. Sendo alguns destinados ao trabalho nas herdades é bom que estejam em forma. Vão chegando piteiros, ainda de taleiga ao ombro, depois falsos frades que tinham a missão de detectar o rasto dos espiões inimigos. Trazem alguns, denunciados por moçárabes e habitantes mouros que agora se dizem dispostos a dar uma ajuda, gratos por nunca terem sido incomodados a passar as linhas de fronteira com azémolas carregadas. E revelam a localização de terras fartas mais acima para um bom acampamento.

Afonso tem pressa de ver enterrados os mortos em redor da ermida. Mem Moniz ficará lá dentro temporariamente, está decidido com o eremita que guarda a chave há muitos anos e jura manter a porta fechada doravante. Com o contributo dos recém-chegados devem acabar o trabalho pior antes do calor apertar. Quanto à tarefa mais rendosa, escolher os melhores cavalos inimigos, alguns da mais pura raça, reunir ouro, espadas, adagas, cofres com jóias pessoais, já começou há muito sob a vigilância de Afonso Viegas, Garcia Mendes e Fernando Peres. Ordenam aos escravos o carregamento de cereais e reúnem eles centenas de morabitanos espalhados pelo campo. Agora só falta dividir o saque.

À beira do rei chega Paio Ramires no meio de ambos os filhos

Pergunto-vos, senhor, merece algum destes meus varões a mercê de ser armado cavaleiro?

Quereis saber, Ramirão, se lutaram como valentes?

Pois é isso meu rei

Dizei-me vós o que achastes do desempenho de cada um

Só posso avaliar em conjunto, senhor D. Afonso, e vos digo que me sinto orgulhoso de meus filhos

E orgulhoso deveis estar. Ainda bem que também vós não esquecesteis as loas devidas aos bravos que hoje se iniciaram. Com vossos varões vou começar o ritual

*Aqui tendes Vasco Pais, o mais velho, senhor
De Vasco já conhecia a valentia e reservo-lhe um lugar a meu lado.
Mas ao menor darei o primeiro lugar, para exemplo a todos aqueles a quem
começa a despontar a barba*

O filho menor do Ramirão ajoelha, a tremer mais diante do rei do que há pouco a enfrentar o inimigo

Com esta espada abençoada por Deus e em nome de Jesus Cristo armo-vos cavaleiro, Gualdim Pais, vós que já sois um digno membro do Templo. Que a vossa força seja a força de todos nós para glória de nosso reino

O mesmo faz com uma legião de combatentes antes do discurso de louvor aos guerreiros todos e de uma oração singela pela alma dos mortos. Frei Raimundo, atento ao final, vem agora junto do mais novo Ramirão com ternura de pai. Com as mãos nos ombros dele fala-lhe solenemente

Olhai bem o nosso rei, Gualdim Pais, olhai bem para ele. Depois de passardes as casas do conhecimento até à revelação, sereis seu anjo da guarda

Lourenço Viegas não entende. Queda-se alguns minutos a examinar os gestos e as atitudes do templário, a falar com estranha reverência. Troca então duas palavras em voz baixa com o irmão Soeiro

Sabes a que se refere?

Ninguém parece saber, é como se em êxtase passasse um testemunho

Então delira, o pobre de frei Raimundo, que alguém lhe dê de beber

Será que já não bebeu de mais, às escondidas?

Digo água para lhe aclarar as ideias, água

Bem sei que queres dizer água, mas fala de um modo tão estranho que parece que atacou os odres e as cabaças

A vitória estrondosa conforta, mas quanto trabalho ainda há para fazer essa noite e no outro dia de manhã antes de alcançarem o castelo de Leiria. Quando Afonso se levanta o campo parece mais limpo, como se a vassoura mágica dos primeiros raios de sol tivesse trabalhado, diligente. É hora de partir. Os feridos como o *Bragança*, a sangrarem abundantemente, já estão tapados em liteiras acolchoadas com mantas. O rei explica que muita coisa vai ficar, até sacos de cereal. Não há bestas para carregar mais taleigas e cofres. De qualquer modo será uma obra de misericórdia deixar alguma coisa, com tanta gente moura esfomeada a deambular entre os destroços.

Afonso incomoda-se com os gritos das mulheres. Chegam dos fundos do arraial muçulmano implorando o cativo de Ibn Erriq, até os homens que vêm atrás a correr com covas profundas no rosto marcado pela lazeira. Mais cativos não. E o rei mostra a espada a brilhar ao sol com ameaças de cortar a cabeça de quem ousar baralhar a partida. Porém acalma a fúria. Alguns carregam crianças pálidas de cansaço, e por momentos pensa no filho acabado de nascer.

Não deixa de ser tentadora a ideia de dar guarida às mulheres, algumas bem formosas, mas como poderia? Impõem-lhe contenção o novo estatuto de rei, mais frentes de combate, a criança de seu sangue que ainda não conhece. Cativos já ele tem de sobra para as terras regalengas, para os senhorios dos infanções, alguns para a casa na alcáçova. Mais mulheres e crianças só iam enredar. No entanto há duas de porte altivo que o têm impressionado. Pedem com os olhos, sem falar, e acabam por fazer parte do grupo agora a caminho de Leiria.



*eu sou morena, mas agradável, ó filhas
de Jerusalém, como as tendas de Quedar,
como as cortinas de Salomão
—Cantares de Salomão*

Apesar do calor o tempo muda, de repente, e a chuva surpreende as hostes que se acolhem na densidade das matas. Quando podem logo retomam a cavalgada mais devagar, pesarosos dos inevitáveis custos humanos já calculados quando o fossado foi planeado.

Os animais domésticos chafurdam livremente nos charcos negros de povoações enlameadas, por detrás das casas. Não se vê a desolação dos aglomerados do norte onde as choupanas se assemelham a currais. Aqui as crianças brincam à porta das casas enfeitadas com pequenos jardins à frente e hortas laterais ainda viçosas. Parecem bem alimentadas. Só a surpresa pelo tropel de tantos guerreiros e os sorrisos inocentes parecem iguais aos das outras crianças.

Adiantada vai a noite quando aliviados, quebrados ainda pelo esforço da peleja, avistam um porto calmo no perfil do castelo. A guarnição acaba de ser reforçada, há-de garantir um descanso seguro. E depois que inimigo se atreveria a investir contra tropas vitoriosas? Os atalaias, dissimulados pela negrura das ameias, apuram o olhar quando adivinham as hostes entre a folhagem. Um deles prefere não arriscar, põe as mãos em concha contra os cantos da boca para chamar para o outro lado

Quem vem lá, quem vem?

Lourenço Viegas, adiantando-se, detém o cavalo a resfolegar em terreno aberto

Somos nós, ide chamar D. Mendo Artaldo

O homem desaparece das bordas da muralha num instante para regressar com Mendo que logo grita para a multidão

Sois vós com o nosso rei, Lourenço?

Somos nós todos, Mendo

O tom do *Espadeiro* só pode indicar vitória. Mendo Artaldo manda abrir a grossa porta, já excitado a correr ao recinto onde a guarnição em breve recebe o rei e os outros guerreiros, entre choro e risos

Viva o rei, viva o nosso rei e suas hostes valentes

Viva

Os cavaleiros vêm cansados, alguns a tremer de febre, outros porventura atacados por alguma maleita ainda desconhecida. Não podem corresponder às felicitações desorganizadas nem antever sono reparador no meio da confusão de pedras e adobe. Afonso levanta a voz para apontar as padiolas dos feridos e ordenar pronta acomodação. Que lhes levem caldo quente de carne e panos limpos para substituir os trapos encharcados em sangue. Mas não ali, onde se acumulam pó e materiais de construção. Melhor será nas tendas que devem montar quanto antes entre a muralha e a paliçada.

Diminuem as manifestações de exuberância. Os cavaleiros em boa forma juntam-se aos elementos da guarnição, dão o exemplo ajudando a deslocar os soldados esgotados mal as tendas ficam armadas na parte mais limpa e disponível do terreno. Na mais ampla instalam os feridos graves com dois médicos mouros que não foram expulsos. Quando lhes servem caldo de aves e fruta madura já o rei se acomoda sozinho numa tenda pequena, preparado para um banho na selha com água quente plantada no meio do espaço. Egas aparece no momento em que ele se aninha na água

Fazia-te mais falta o banho do que o alimento, não?

De vez em quando uma barrela para tirar o sarro não faz mal a ninguém

Também não suporto o cheiro de tantos dias, mas a água não dá para todos

Podes ficar com a minha, se quiseres

Aproveitar a tua e ficar a tresandar a bode? Prefiro o cheiro do meu suor e os vapores do vinho, daqui a nada

E sai. Não é espectáculo do seu agrado ver o corpo nu do rei quase de fora da selha.

Depois de lavado e de uma refeição ligeira Afonso mal consegue fazer uma oração rimada de improviso, no entanto convencido da entidade divina perceber o seu agradecimento pela vitória. Sonha com a alcáçova, as mulheres, o vagido de um infante de rosto indefinido, quando é acordado por vozes abafadas do outro lado dos panos de tomento. As lembranças recentes transportam-no aos campos de Ar-Riqá, ao eremita a sacudir-lhe os ombros, ao coro de lamentações de mouras que lhe pediam para as cativar. Mas já de espada em punho quem ele percebe a levantar as abas da entrada é alguém da guarnição. Há mais um vulto moreno, uma dona a tentar libertar-se da mão áspera que lhe prende o braço

O que fazeis aqui?...

Perdoai, senhor, mas esta moura não tem feito outra coisa senão implorar para vir até vós

Se não sois capaz de travar o ímpeto de uma dona que ousa interromper o sono do rei, como pretendeis travar o inimigo?

É ardilosa de mais, senhor. Começou por fingir que dormia depois de oferecer bebida ao outro guarda, mas quem ficou a dormir profundamente foi ele, enquanto ela se aproximava da vossa tenda

Para já dissei a vosso companheiro, quando acordar, que não me apareça à frente se quer manter a cabeça. Beber das mãos de uma inimiga da fé e ficar a grunhir como um javardo sem dar atenção a quem vem?

O discurso do rei parece mal acolhido pela moura, atenta à conversa. Nota-se quando se aproxima e procura fixar os olhos grandes de Afonso, mal adivinhados no escuro. E, no entanto, não são de ressentimento as palavras alinhadas na doçura da voz

Bem longe da verdade andais, Ibn Erriq, julgando-me inimiga da vossa fé. Minha mãe era muçulmana, mas meu pai era cristão

Aqui não há nenhum Ibn Erriq, há um rei chamado Afonso. E continuo sem saber quem és tu a quem mal distingo à pouca luz

O guarda dá um passo em frente para revelar a identidade da estranha

Era esposa do alcaide de Aurelia, senhor

Deixai-a falar e voltai às vossas funções. O que vos salva é terdes conseguido prendê-la. Desaparecei

Já com o guarda lá fora a moura recomeça o relato

Abu Hazm era o meu marido, senhor rei D. Afonso, descendente do sábio e poeta Ibn Hazm, daquela ilha defronte de Valência

Que ilha?

Chamam-lhe Maiorca. Estávamos de visita ao castelo de Leiria quando vossos homens o tomaram

Ah, o alcaide foi então apanhado a fugir, já sei a história. Grande valentão. Estava aqui por acaso quando teve conhecimento do cerco à sua praça, fugiu por acaso para o campo próximo da alberca quando chegaram os cristãos, e foi morto por acaso como um tordo quando eles o alcançaram

Não faleis com tão pouco respeito de uma morte, meu senhor

E agora o que pretendes, se um morto não ressuscita? Podes partir em paz, se te aprouver

Seguem-se minutos de profundo silêncio, o tempo da aurora enviar um pouco de luz sobre os panos da tenda. Ao encará-la melhor no fundo dos olhos escuros Afonso repara nas lágrimas, na imensa beleza daquela mulher que movimentava os cílios como pétalas de flor movidas pela brisa. Também lhe corre sangue cristão nas veias, diz ela. E mesmo sem conhecer detalhes sobre as suas origens, sobre os motivos que a fizeram permanecer, tenta moderar os modos rudes para apurar mais um pouco

Ainda não disseste o que pretendes, porque ousas acordar-me de madrugada depois de batalha tão dura

Pretendo implorar ao rei D. Afonso que me leve para a cidade onde meu avô viveu. E se ousei o ardil de adormecer o guarda foi por saber que algum de vossos companheiros havia de impedir-me

E quem era teu avô?

Um nobre cristão que combateu ainda imberbe ao lado de vosso bisavô, Fernando Magno de Leão e Castela, na tomada de Coimbra. Aí conheceu e veio a casar depois com uma árabe, que a esposa do cônsul Sisnando trouxera de Sevilha, nascendo meu pai anos mais tarde

Mas isso foi há muito tempo

Foi. Já com o filho educado cristão meu avô acompanhou os progressos do grande imperador Afonso VI, às vezes aliado a reinos das taifas

Parece uma história muito comprida, preciso descansar

Eu sei, senhor, mas tende paciência. Meu avô materno Al-Qādir tinha um alcácer em Cuenca, para onde fugiu depois de perder Córdoba e de ver a sua cidade de Toledo ameaçada. Quando voltou foi lá que meu pai, viúvo de uma cristã, conheceu minha mãe, última filha do rei mouro

Deixa-me adivinhar, dessa união nasceste tu

Sem ironias meu rei, nasci, já ele tinha outros filhos e até netos

Mas meu avô, o imperador, viria a conquistar Toledo e a fazê-la capital do reino

Sim, e a compensar Al-Qādir com o reino de Valência

Ainda não disseste porque me procuras. Outra qualquer já estaria degolada

Já disse, meu rei, mas posso repetir. Tenho família próximo de Coimbra, em Munt Mahur. Queria muito ir para lá perto ainda que fora como vossa cativa

Não quero mais cativos. O que se passa com tanta gente a querer ser cativada?

Vossa força interior, vosso porte. Conquistais a admiração de toda a gente

Que me importa? Mulheres, escravos, servos ou cativos já tenho de sobra. Cabe-me cuidar de muita gente, até de um filho que acaba de nascer

Posso tratar vossas feridas quando regressardes das batalhas, aprendi a fazê-lo. Posso dizer poemas para vos acalmar

Calmo estava eu, a dormir que nem um anjo antes de tu... nem sei o teu nome, me acordares

Chamo-me Sulayma, vossa serva, senhor

Já disse que não preciso de mais servas, nem sendo formosas como tu

Ficarei em paz se me levardes com minha escrava até aos jardins e laranjais de Coimbra

Ah, ainda há uma escrava? E que sabes tu da cidade se nunca lá estiveste?

A moura parece corar. Fica uns segundos em silêncio olhando o rosto de Afonso Henriques com maior veneração. Depois em voz baixa deixa o coração falar

Das palavras de quem canta vossa terra exala-se um perfume que alcança o Andaluz. Sei dos hortos, dos pomares prenhes, sei de uma terra próspera em choupais, em fontes e albufeiras, onde cantam as aves em liberdade

É quase um jardim, tens razão. Mas sabê-lo não justifica as tuas pretensões. Vai-te embora, travei uma luta feroz nem há dois dias e vi morrer muita gente

Deixai-me ajudar, rei Afonso. Meus dedos podem falar em vossa pele quando precisardes, meu corpo será o vosso abrigo

Já te disse que a última coisa de que preciso agora é de uma dona, e ainda por cima moura

Ela volta a silenciar, antes de prosseguir em tom magoado

Sabeis porque era grande vosso avô, o maior rei cristão da Península?

Como não hei-de saber? Por seus feitos e valentia

Não, por sua inteligência e tolerância. Tinha amigos judeus, o médico Cidellus era um deles. Privou com aliados muçulmanos, como meu avô. E tão íntegro honrava suas alianças que mandou exilar el Cid por ter atacado os domínios de Al-Qâdir

Pareces não sentir ressentimento pelo que se passou depois

Falais do ataque a Valência, da morte de meu avô por causa disso? Mas se conheço a fraqueza humana, os meandros do poder

Ainda agora falavas da grandeza do imperador, meu avô

Atributos e defeitos podem conviver na mesma alma, as circunstâncias diferentes acordam ora uns ora outros. Se quereis saber, Afonso VI sempre foi lembrado com admiração pela minha família materna por nunca ter renegado suas ligações aos mouros islamizados

A qual das ligações te referes?

A todas. Em seis casamentos só teve um filho varão, Sancho Alfonsez, da moura Zaida. E não enjeitou casar com ela para legitimar esse herdeiro como sucessor

Meu avô tinha um grande império, precisava jogar de muitas formas

Vosso avô entendia que havia muitos credos, mas um só Deus, e que todos nos alimentamos do mesmo fluxo de energia universal

Vosso Deus, aquele que combatemos, não pode ser o nosso

*Mas é o mesmo, meu rei, só pode ser. Deixai-me então ficar esta noite, imploro-vos. Falar-vos-ei de mim, da casa que perdi
Não preciso de histórias passadas, tenho um futuro para construir
Posso tocar-vos cítara. É só correr ao castelo ou pedi-la ao guarda que me trouxe*

*Já disse que não
Posso beijar-vos de manso como se fora o levantar do sol pela manhã, aragem pela tardinha...*

E Afonso não lhe resiste. Depois de muito avisar que a deixará no castelo, livre para partir para Toledo ou outro sítio qualquer, deixa que murmure frases desconhecidas de bela entoação enquanto se acariciam. Agora sente o corpo relaxado como se tivesse dormido as horas necessárias. E enredado num labirinto de luz, ainda lhe apreende uma palavra ou outra quando ela evoca a sua casa em Aurelia...

...Um alcácer parecido com o do califa. Menos belo mas tão acolhedor. No horto havia plantas cheirosas para a culinária, laranjeiras e limoeiros, alperches e nêspers em seu tempo

Em Coimbra já temos isso tudo, precisas de muito mais para eu abrir os olhos de espanto, ó moura

As flores do jardim, uma parte à volta da casa outra suspensa dos balcões, eram escolhidas no azoque pelos servos que sabiam minhas preferências, enquanto eu vagueava pelas casas dos mercadores para trazer meus colares de aljôfar, os panos e as túnicas como esta que despi

E fica-te bem melhor despida...

No tempo quente abriam-se os balcões floridos e sentados nos coxins de seda esperávamos o toque que das almádenas chamava os fiéis à oração

Prefiro saber o que fazíeis os dois no tempo frio

Além do que imaginais recebíamos o cádi, o imã, famílias cultas para discussões filosóficas, para ouvir uma qâsida na voz de algum poeta

Parece ter sido uma vida boa

E foi, nunca o pior deixo entrar em meu coração. O mal amarga a vida e al Qur`an ensina a ver e a fazer o bem

Nisso não somos diferentes, mas agora vê se dormes, minha moura

Chamastes-me minha moura... Deixai-me ir para Coimbra como se fora cativa e cativa de meu rei já me sinto

Porque insistes se já te disse que não? Se apenas querias esse favor, não devias ter derramado carícias no meu corpo retalhado por golpes

Tendes medo de não conseguir esquecer-me?

Grande arrogância por baixo dessa doçura. Só não quero por perto amigos dos infiéis

Tendes já tantos ao vosso serviço. Sabíeis que nos lugares de culto de

vossos amigos templários, em Jerusalém, entram devotos do Islão? E que o Islão bebeu no livro sagrado de cristãos e judeus, a Bíblia?

Onde queres tu chegar com tanto ardil, mulher?

Não sei de ardis, só da verdade. O espírito universal de práticas e ideias da ordem a quem fazeis concessões serve todos os credos, porque Deus é Alláh e ambos um só

Já disseste, mas nós combatemos os mouros, o Islão, ou não sabias?

Combateis. Mas não por vosso Deus o ter apontado como causa de todos os males

Então porquê, ó iluminada?

Porque o apontaram homens da Igreja de Roma, em nome de um poder corrompido que só a eles beneficia

E porque tenho eu de te ouvir? Cuidas que não posso tirar-te a vida, prender-te a ferros na masmorra de um castelo?

Nunca o faríeis, senhor. Sois filho do alto, fruto da melhor terra madura com seus cheiros perfumados, fortaleza para albergar o lamento dos fracos

Sulayma, Sulayma, porque será que a beleza de vossas palavras ofende a nossa rudeza?

Não fazemos por ofender, muito menos a vós, um grande rei. Só que nós precisamos da palavra para desenhar a imagem espiritual da divindade que em vossos ídolos corrompeis

Vê como falas, moura, tem cuidado. Nossos santos valem-nos nos piores momentos. Vai-te daqui agora

Levai-me então até Coimbra, senhor

Não. Melhor unir-te a um varão da guarnição. Farei teu casamento antes de partir, se tu quiseres

Sulayma ajoelha de repente transtornada

Por Deus, senhor, pela vitória recente vos peço, levai-me a mim, a minha escrava e àquelas duas mouras vindas convosco de Ar-Riqá. Se vos aprouver fizeti-me então um casamento em Coimbra, perto da gente de meu sangue que ainda resta

E depois, ficarás por lá?

Quando puder regressarei a uma de minhas casas

Afonso aceita a palavra dela e adormece, sempre de mão na espada. Quando acorda é muito tarde, já não vê Sulayma. Só o ruído da rotina lá fora, vultos impacientes no exterior da tenda à espera que se apronte para a refeição. Os seus homens de confiança já estão dentro do castelo à volta de mesas improvisadas com arcas vazias semeadas de pão, vasos, jarros e almofias.

Egas Moniz continua muito abatido com a perda do irmão, ou não será só isso? Quando levanta a cabeça para Afonso, acabado de entrar, tem os olhos manchados de recriminação

Já a donear, depois dos nossos mortos?

Uma coisa não tem a ver com outra, Egas, ou julgas que não senti a perda de Mem, de Diogo Gonçalves e dos outros companheiros?

Parece que nem por isso. No momento em que te elevamos a rei e alcanças tanta glória podias refrear certos instintos. Ela já tem o almofreixe pronto

Ela quem?

A moura que vais proteger, quem mais havia de ser?

Tens alguma coisa contra? Nunca te vi desse modo

Levantam-se então Gonçalo Mendes de Sousa e Soeiro Viegas, o primeiro para segurar os ombros do rei, em sinal de solidariedade e o segundo para desculpar o azedume do pai que depois tenta afastar da mesa. Egas desculpa-se com pouca convicção

Bem sei que é uma dona formosa, mas a partir de agora evita dormir com escravas

Não é nenhuma escrava, Egas. É neta e filha de homens que serviram meu avô Afonso VI. Merece um casamento digno que tratarei de lhe fazer em Coimbra

Bem, se falas do casamento dela, então fico mais descansado

E porque não ficarias? Nunca me passou pela cabeça levar mais uma dona para a alcáçova

Ainda bem que não esqueceste a palavra dada em Guimarães sobre o teu casamento

Nunca como agora o desejei tanto

Assim é que se fala

Dão um abraço para quebrar a tensão. Concertam ainda a companhia das mulheres que Sulayma pedira e acabam a falar do resultado estrondoso e quase inesperado da batalha. Agora tudo muda. É preciso organizar a cúria régia, rever o foral de Coimbra ainda do tempo do conde D. Henrique, dotar a cidade de meios administrativos modernos como capital do reino.

À ordem de partida os servos mouros aparelham as bestas com o produto do apresamento, já verificados os cascos dos cavalos gastos pelo esforço da luta. Com menos efectivos juntam as tropas em dois contingentes, Lourenço e Fernando Peres, o *Cativo* a vigiarem o primeiro, um à frente outro atrás da formação. No outro conjugam esforços Afonso Viegas e Garcia Mendes, o alferes mor, usando a mesma estratégia. O rei vai entre as duas colunas, no meio dos companheiros mais próximos, à frente das bestas carregadas com o produto mais valioso do saque.

Estamos a trabalhar nesse sentido. Como calculas perguntaram por ti, quando casarias, quando esperavas herdeiros

Como se a vida particular fosse da conta deles

À noite Afonso não consegue pregar olho, às voltas com a imagem idealizada de um filho que acaba de nascer. Mas há mais. Os ecos da batalha retumbante nos ouvidos e as carícias de Elvira não apagam a impressão do corpo aveludado de Sulayma na sua pele. E depois o significado daquelas palavras sábias repetido na negrura dos mais belos olhos que já viu, ainda agora questiona as suas convicções religiosas.

Chama o criado mouro mais velho, aquele que não teme dizer tudo o que lhe vai na alma quando é desafiado

Vens sempre de mau humor. Anda, repete aquele dito, se és capaz

Di-lo-ei mil vezes, senhor. Na minha terra até o cativo saberia a liberdade. Tendes sorte de vos ser fiel

Sorte tens tu de gostar de ti por demais. Roda, traz-me D. Egas Moniz que não consigo dormir

Devo trazê-lo de qualquer jeito?

Claro que não, só se estiver acordado e disposto a conversar

Com a morte do irmão há-de estar muito disposto para conversas

O que disseste?

Nada, senhor, o que poderia dizer um cativo feito escravo?

És um atrevido, isso sim. Se não estivesse tão habituado à tua presença há muito serias pó

E não iremos todos sê-lo?

Vai lá chamar D. Egas e cala-te

Também o aio em vão tenta acalmar o coração dividido com o resultado da algara. A perda de Mem, seu irmão querido, afunda-o numa tristeza que não consegue diluir na alegria da vitória. Quem diria que havia de ser sepultado nos distantes campos de Ourique tão longe de Riba Douro? Por agora está protegido de profanações porém, mal chegue a Paço de Sousa, tratará dos meios para a trasladação dos restos mortais. O chamamento do rei é propício. Daí não se fazer rogado quando o mouro lhe transmite a mensagem. Mal entra Afonso percebe-lhe no rosto as marcas da insónia

Também não conseguias dormir, Egas?

Também não. E tu, porque não dormes?

Apetece-me falar de tanta coisa. Decidi que vou mandar construir aqui a catedral

Já me tinhas dito. E a planta, quem a traçou?

As linhas gerais estão na minha cabeça há muito tempo. Quero-a como se fosse uma fortificação, com cabeçais e rosácea sobre o portal, mas deixo os pormenores aos mestres Bernardo e Roberto, quase a chegarem ao reino

E que mais queres falar comigo?
 É sobre aquela criança que nasceu, terá de ser educada por mim e eu conto com Teresa Afonso
 Se queres mandá-la para nossa casa podes fazê-lo à vontade
 Não, estaria muito perto de Châmoa. Quero que venha com Teresa para a alcáçova
 A minha senhor sempre aqui?
 E porque não? Ficaria para criar meus outros filhos, como me criou a mim
 Estou velho, Afonso, pouco saudável, vi agora na batalha como fiquei derreado
 A morte de Mem abalou-te muito mais do que a falta de saúde ou a idade
 Talvez seja isso. Mas não me vejo a deixar as terras de Riba Douro. Talvez Teresa queira vir sozinha
 Sozinha não há-de vir. Não percebes que vos quero comigo a partir de agora, de novo uma família, Egas?
 Isso vê-se depois. Agora diz-me do teu contentamento com mais um passo tão grande para a autonomia do condado
 Não preciso dizer o que adivinhas. Lembra-me tu se vamos de encontro à ideia da nobreza a norte do Mondego
 Porquê isso agora? Precisas mais de dormir
 Porque me sinto renascer. Quero ouvir da tua voz contar tudo de novo.
 Fala Egas
 Quase tudo começou com teu avô Afonso VI, herdeiro de Fernando Magno
 Aquela moura não fez outra coisa senão falar dele e de Al-Qādir
 Al-Qādir, o pobre do rei mouro morto por outros mouros por causa da mudança de planos dos cristãos
 Nunca me falaste muito dele nem das ligações com o meu próprio avô
 Não sei as tuas intenções mas vê se te livras dela
 De novo essa estranha aversão a Sulayma, Egas? Já te disse que nunca foi minha intenção tomá-la como senhor. O que tens contra ela?
 Na verdade coisa alguma. É formosa, parece meiga. Mas vamos deixá-la em paz e falar do que pedias
 Acho muito estranho o teu comportamento. Mas diz o que ias contar
 Afonso VI unificou, não sem alguns pecados, o império do pai antes repartido pelos três filhos
 Unificar é sempre um grande feito
 Pois é. A partir daí nunca mais descansou enquanto não foi progredindo na Reconquista cristã

E de minha avó, que tens a dizer?

Jimena Muñoz. No Douro diziam Ximena Moriz. Teu avô conheceu-a mal casou com Constança de Borgonha que pariu Urraca em condições tão difíceis que teria ficado impedida de dar à luz outros herdeiros. Jimena e Gontrode, casada com Soeiro Mendes da Maia, eram duas belas donzelas

E meu avô tomou Jimena com o consentimento do pai?

Parece que sim. Sempre à procura de varões, ficou encantado com ela e levou-a para a corte. Mas dessa união também só teve duas filhas, tua mãe e Elvira

Casada muito cedo com Raimundo de Saint-Gilles

Conde de Tolosa, mais tarde também marquês da Provença. O filho de ambos, teu primo Afonso Jordão, chegou a ser vassalo de Afonso Raimundes e anda por aí

Onde é por aí?

Andou por Aragão e Barcelona, depois Galiza quando foi da herança do Aragonês. Um dia partiu para Constantinopla e voltou mais tarde ao sul de França

Foi mesmo a guerra santa que trouxe o pai dele à Península?

Raimundo de Tolosa apareceu por apelo de teu avô. Já não era novo quando se enamorou de Elvira e quando regressou a casa já casado, fez tudo para ser o chefe laico dos francos na primeira cruzada

Conheceste então minha tia Elvira?

Sim, velida como tua mãe. Apesar dos defeitos do conde, ora cortês ora violento, dizem que tinha uma verdadeira paixão por sua senhor. Tanto que a levou na cruzada com o filho até territórios cristãos seguros

Elvira foi educada na Maia, com minha mãe?

Jimena morreu cedo. Os escolhidos para criar as duas irmãs foram Gontrode e Soeiro, mas em Astorga

Em Astorga... por quê?

Porque Soeiro Mendes da Maia, muito respeitado por teu avô e depois por teu pai, tinha lá morada

De cada vez que falamos dizes-me cada coisa. Daí a uns anos casa minha mãe com um dos novos condes que acorrem a outra cruzada peninsular

Se lhe quiseres chamar assim. Há quem diga que teu avô queria mais uma aliança com gente da Borgonha aparentada com Cluny

Meu pai viria reforçar os laços obtendo pelo casamento os senhorios de Entre Douro e Minho e o condado de Coimbra, antes cedidos a Raimundo

Com efeitos hereditários. Isto para chegar ao ponto onde o resto começou

O resto devo ser eu

Mas falávamos de teu avô, um rei de grande visão. Percebia quanto

Raimundo se opunha à subida ao trono do seu único filho com Zaida, e como conspirava na sombra resolveu enfraquecê-lo

Retirando-lhe parte do poder que transferia para meu pai

Com a ideia de converter Henrique e Raimundo em opositores, em vez de aliados perigosos para os seus planos

Achas-me muito diferente de todos eles?

És muito diferente em quase tudo. Herdaste pequeninos condados que vens convertendo em reino e só por isso quanto me orgulho de ti

Pois se me criaste... Não deixas de ser vaidoso

És das melhores obras da minha vida, Afonso Henriques. Agora tenta dormir que também já me chegou o sono

Estarei a pé quando partires de madrugada

E menos inquieto, espero

Quem disse que estou inquieto? Só excitado com mais esta vitória

Inquieto, sim, não tiras da cabeça a moura nem a escolha de esposo certo

Se queres que te diga nem sei porque esse assunto me baralha as ideias

Mas eu sei. Livra-te desses pensamentos antes de voltares a Riba Douro

Irei mais cedo do que julgas. É preciso obrigar Raimundes a reconhecer-me como rei. Se o não fizer atacaremos a Galiza pela quinta vez, achas bem?

Quebrar as pazes de Tui? És tu quem deve saber, não és o rei?

Mais uma coisa, tens contigo as rendas das doações ao Templo, não tens?

Não, mal vim do norte entreguei-as em Santa Cruz

Hei-de mandar alguém por elas. Já decidi quem vai a Zamora levá-las ao mestre peninsular

Em quem estás a pensar?

Num dos filhos de Paio Ramires, Gualdim Pais

Confias essa missão a uma vergôntea?

Não ofendas o varão, raramente tenho visto aquela bravura num frade guerreiro